

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

**Trajetórias de líderes do movimento social de catadores de
materiais recicláveis: aspectos formadores de sua identidade**

Juliana Soares de Souza

São Carlos - SP
2016

JULIANA SOARES DE SOUZA

Trajetórias de líderes do movimento social de catadores de materiais recicláveis: aspectos formadores de sua identidade

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Dimensões Sociais da Ciência e da Tecnologia

Orientadora: Prof(a) Dr(a) Maria Zanin

São Carlos - SP

2016

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S729t Souza, Juliana Soares de
Trajetórias de líderes do movimento social de
catadores de materiais recicláveis : aspectos
formadores de sua identidade / Juliana Soares de
Souza. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
128 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de
São Carlos, 2016.

1. Movimento nacional dos catadores de materiais
recicláveis. 2. Movimento social. 3. Catador de
material reciclável. 4. Identidade. 5. História de
vida. I. Título.

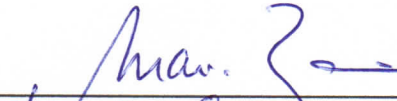


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS


Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Folha de Aprovação

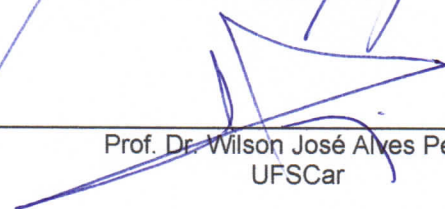
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Juliana Soares de Souza, realizada em 29/02/2016:



Profa. Dra. Maria Zanin
UFSCar



Prof. Dr. Claudio Roberto y Goya
UNESP



Prof. Dr. Wilson José Alves Pedro
UFSCar

Agradecimentos

Agradeço...

À minha mãe, pelo amor e por me ensinar a ter misericórdia pela dor alheia.

Aos meus avós, por me ensinarem o significado do amor puro.

À Debora, por me fazer redescobri-lo.

À minha tia, por me ensinar o valor da solidariedade.

À Gilmara, pela cumplicidade e a maior empatia.

À Merly e à Lumi, por serem as melhores amigas e companheiras da faculdade.

Aos meus professores especiais, pelo mais feliz aprendizado, representados pela Maria Teresa (em memória), pelo mais belo exemplo.

Aos catadores, por me ensinarem o valor de se superar.

À Helena, por personificar a mulher que precisamos no mundo.

Ao Anderson, pela luta inspiradora.

Ao Claudineis pela imensa capacidade de luta.

Ao Claudio, por me ensinar o quanto a amizade pode ser o melhor da vida.

À Sandra, por existir.

À Maria, por ser a melhor orientadora que existe.

Com amor.

*A brisa do amanhecer tem segredos para lhe contar.
Não volte a dormir. Você tem de verificar o que realmente quer.
Não volte a dormir.
As pessoas vão e voltam pelo umbral onde dois mundos se tocam.
A porta está totalmente aberta.
Não volte a dormir.*

Jelaluddin Rumi, século XIII

SOUZA, J.S. Trajetórias de líderes do movimento social de catadores de materiais recicláveis: aspectos formadores de sua identidade, 2016. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade – Universidade Federal de São Carlos

RESUMO

O presente estudo investiga a relação de causalidade da transformação da identidade de catadores articuladores políticos durante sua atuação no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, desvendando sua natureza e pressupostos, fundamentando-se essencialmente na Psicologia Social. Por integrar o programa de pós-graduação Ciência, Tecnologia e Sociedade, é marcante em toda a sua elaboração a preocupação com a relevância social na tratativa do tema, bem como suas possíveis contribuições para o aprofundamento do tema na sociedade científica, esperando despertar interesse. Para desenvolver o trabalho foi realizada uma análise da construção da identidade a partir das histórias de vida, considerando o referencial teórico sobre identidade, pautado na obra do pesquisador Antônio Ciampa, “A estória de Severino e a história de Severina – Um ensaio sobre psicologia social”. Neste trabalho, além de uma descrição acerca do catador de material reciclável, desde o autônomo e explorado nos lixões e nas ruas até os organizados em cooperativas, na revisão bibliográfica foi tratado os movimentos sociais, sua importância e classificações na contemporaneidade, no contexto brasileiro e na sequência, mais especificamente, do MCNR, por meio de sua história de luta e conquistas para a classe de catadores de material recicláveis. Como resultado, verificamos que a identidade desses sujeitos é marcada pelas conquistas coletivas que também, revelando que a humanidade contida nesses sujeitos pôde se realizar, em auto grau.

Palavras-chave: movimento nacional dos catadores de materiais recicláveis; movimento social; catador de material reciclável; identidade; história de vida.

ABSTRACT

This study investigated the causal relationship of the transformation of identity policymakers collectors for his role in the National Movement of Recyclable Materials, revealing his nature and assumptions, basing mainly on Social Psychology. By integrating the graduate program Science, Technology and Society, is marked throughout its development concern about the social relevance on the subject of dealings, as well as their contributions to the issue of deepening the scientific society, hoping to spark interest. To develop the work an analysis of the construction of identity from the life stories was carried out, considering the theoretical framework on identity, based on the work of the researcher Antonio Ciampa, "The story of Severino and the story of Severina - An essay on social psychology ". In this work, and a description about the recyclable material collector, from the autonomous and explored in the dumps and in the streets until organized in cooperatives, the literature review was treated social movements, their importance and classifications in contemporary times, in the Brazilian context and as a result, more specifically, the MCNR, through its history of struggle and achievements for the class of recyclable material collectors. As a result, we find that the identity of these individuals is marked by collective achievements that also revealing that humanity contained in these subjects could be held in self degree.

Keywords: national movement of waste pickers; social movement; collector of recyclable materials; identity; life's history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma do MNCR.....	46
--	----

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Conceitos sobre identidade sistematizados a partir da obra de Ciampa.....	25
Quadro 2 – Relação das categorias construídas com conceitos de identidade de Ciampa (1987).....	26
Quadro 3 – Declaração de princípios e objetivos do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis.....	48
Tabela 1 – Teses e dissertações publicadas segundo a CAPES, entre 2011 e 2012.....	16

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Justificativa.....	14
1.2 Hipóteses e objetivos.....	18
2 PERCURSO METODOLÓGICO	20
3 CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS E O CONTEXTO BRASILEIRO	27
3.1 Breve histórico dos catadores de materiais recicláveis e sua inserção na cadeia da reciclagem.....	29
3.2 Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis.....	30
3.3 Gerenciamento de resíduos sólidos e inserção dos catadores de materiais recicláveis: políticas públicas.....	36
4 MOVIMENTOS SOCIAIS E O MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS – MNCR	38
4.1 Movimentos Sociais.....	38
4.2 Surgimento e ascensão do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis – história, conquistas, limites e desafios.....	44
5 TRAJETÓRIAS DE LÍDERES DO MNCR: ASPECTOS FORMADORES DE SUA IDENTIDADE	49
5.1 Identidade.....	49
5.2 Aspectos formadores da identidade de três líderes do MNCR.....	58
5.2.1 Etapas de vida aplicadas à uma das trajetórias de vida.....	58
5.2.2 Análise das trajetórias fundamentada na conceituação de identidade proposta por Ciampa	67
5.2.3 Relação das categorias construídas com conceitos de identidade de Ciampa.....	75

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO.....	87
REFERÊNCIAS.....	90
APÊNDICE.....	93

APRESENTAÇÃO

Meu interesse em estudar o tema Movimento Nacional dos Catadores nasceu do trabalho realizado por cinco anos com os catadores de materiais recicláveis. Desde 2009 faço parte de projetos que assessoram cooperativas populares e mais especificamente, de catadores de materiais recicláveis. Tem sido uma jornada de descobertas e aprendizados. Integrei a equipe da Incubadora de Cooperativas Populares da UNESP, no campus de Bauru, lá tive a oportunidade de conhecer não apenas a cooperativa de catadores de Bauru, mas diversas outras, pois participei de um projeto composto por todas as incubadoras paulistas, presentes nas universidades públicas, que por sua vez “incubavam” outras cooperativas de suas respectivas regiões. Explicando brevemente, já que falei de incubadoras, elas são projetos, no caso, vinculados à universidades, que prestam assessoria à empreendimentos solidários, desde a sua formação até o seu fortalecimento e independência. Atuam sob a perspectiva da Economia Solidária, que propõe outro modo de produção, alternativo ao capitalismo, e preconiza a cooperação, solidariedade, autogestão e é centrada nas pessoas, e não no capital. As cooperativas e os demais empreendimentos solidários estão presentes em todo o Brasil, segundo o mapa da reciclagem do Compromisso Empresarial para Reciclagem (Cempre) é uma associação sem fins lucrativos dedicada à promoção da reciclagem dentro do conceito de gerenciamento integrado do lixo. (CEMPRE,1992), e seus ramos de atividade mais comuns são o artesanato, os alimentos, as fábricas recuperadas e os de catadores de materiais recicláveis.

No percurso desses anos de trabalho, colhi algumas impressões do que pude conhecer. E, em parte por minha formação em psicologia, venho me atentando à identidade dessa figura ímpar na sociedade. Se o senso comum fizesse uma análise rápida, oriunda somente de sua percepção, diria que o catador de material reciclável é alguém desprovido de uma série de recursos, não apenas financeiros, mas também de perspectivas futuras, de vontade de aprender, de sonhar, de lutar por seus direitos. Encontrei entre essas pessoas, consideradas no último degrau de uma escala social, que, pensando na sociedade de consumo, são os que cuidam do “lixo” que outros produzem, uma parcela que possui aquelas características. E constatee

que boa parte delas foi influenciada pelo Movimento Social - o MNCR e isso me causou grande impacto e um aguçamento científico e pessoal para saber mais desse movimento, me levando a elegê-lo como meu objeto de estudo nessa dissertação. Dentre os programas de pós-graduação disponíveis o programa multidisciplinar CTS foi o que mais atendeu aos meus anseios.

Para apresentar o estudo, escolhi dividir este projeto em capítulos. No primeiro capítulo ou introdução, estão sendo apresentados os preceitos que direcionarão a pesquisa. É apresentado um contexto geral acerca do tema, a delimitação do objetivo da pesquisa, a justificativa e o hipótese e ainda, a explicação sobre a convergência do tema tratado com o campo CTS.

O segundo capítulo é dedicado a explicitar o percurso metodológico, abordando as razões para a escolha, o método fundamentado e o percurso adotado.

No terceiro capítulo, inicio da revisão bibliográfica, sobre os catadores de materiais recicláveis e suas características no contexto brasileiro.

No quarto capítulo, aborda os movimentos sociais, bem como o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, também a título de revisão bibliográfica.

Finalmente, o quinto capítulo apresenta a revisão bibliográfica acerca do tema identidade e a análise das trajetórias fundamentada na conceituação de identidade proposta por Ciampa e também por meio de um procedimento elaborado pela autora da pesquisa.

INTRODUÇÃO

A função de catador de material reciclável¹ nasce por volta dos anos 50, em face de alguns fatores. O desemprego, em parte pela constante necessidade de especialização em novas tecnologias, que dificulta a entrada os “menos qualificados”. O aumento do consumo, que gerou aumento e diversificação da produção e, conseqüentemente, o aumento dos resíduos sólidos. Sem condições de sobrevivência digna, só restou a essas pessoas a atividade de catação, vivendo da última etapa do processo econômico, marcados pela discriminação social. A classe desses trabalhadores cresceu e embora ocupe as ruas das cidades por todo o país, são considerados invisíveis (PINHEL, 2011).

Trabalham de forma bastante insalubre e exploratória, suportando grande peso e puxando seus carrinhos de mão. Comercializam seu material com os “sucateiros”, ou donos de lixão e ferro velho, por preços muito abaixo dos praticados pelo mercado (LAJOLO, 2003). Não é necessário dizer que suas condições de vida são as piores possíveis. Esse é um resumo do perfil dos catadores informais.

Segundo Pinhel (2011), felizmente, os catadores vêm descobrindo formas de organização, que modificam o quadro apresentado. A união em grupos formalizados em cooperativas ou associações oferece inúmeras vantagens. Juntos, eles conseguem o acúmulo de resíduos, podendo vendê-los a preços mais justos. As condições de trabalhos também são melhores, já que muitas vezes ocupam galpões, onde executam a separação, o beneficiamento e comercialização. Se tornando parte de um empreendimento coletivo, os catadores também conquistam a independência em relação a empregadores e passam a gerir seu negócio, como sócios. Nesta etapa é essencial, ao menos inicialmente, o apoio de instituições, como universidades, organizações não governamentais, que oferecem treinamento nas diversas funções requeridas de um catador organizado em cooperativas e associações. É primordial que a capacidade de gerenciamento seja desenvolvida, a

¹ O termo “catador de material reciclável” será o utilizado nesta dissertação por referir-se ao registrado na Classificação da Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, sob o número-código 5192-05. Segundo a CBO, também pode ser denominado catador de ferro-velho, enfardador de sucata (cooperativa), separador de sucata (cooperativa), triador de sucata (cooperativa). Essa conquista só foi possível graças à luta do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis.

fim de manter o empreendimento funcionando e crescendo. Além dessa forma de associação, existe a possibilidade da articulação em redes, quando outros empreendimentos se unem para comercializar. Outra característica dos catadores organizados é a formação política, que resulta no engajamento para a luta por condições de trabalho cada vez melhores e na busca por parcerias com o poder público, iniciativa privada, universidades e outros setores da sociedade.

Recentemente, mais precisamente nos últimos 15 anos, essa categoria tem se organizado com tamanha intensidade e força, que fundou o seu movimento social, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), que conta com bases distribuídas pelo território brasileiro, com articulação suficiente para apoiar a crescente organização de catadores autônomos em cooperativas e associações, e reivindicar e conseguir, a implantação de políticas públicas que os representem. Um exemplo emblemático é a inclusão do catador de material reciclável como ocupação, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2002).

Um exemplo de protagonismo de segmentos sociais menos favorecidos está nos movimentos sociais. Pessoas que são subjugadas ao sistema capitalista, no que ele apresenta de mais perverso, podem se contentar em ser aniquiladas ou podem manifestar diferentes reações. Uma delas pode ser a manifestação da sua voz por meio da formação de movimentos sociais. No Brasil, o movimento mais notório tem sido o Movimento Sem Terra, que a despeito dos preconceitos que sofre por uma grande parcela da sociedade, sobrevive e possui uma organização primorosa e um histórico de conquistas (MST, 1984). Por força dos poderes do capitalismo, é criminalizado em veículos midiáticos, apesar da patente necessidade de reforma agrária.

1.1 Justificativa

O tema de estudo – o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), na forma da investigação da constituição da identidade três catadores membros articuladores políticos, merece justificativa de diferentes teores.

Socialmente, esse estudo se explica pela simples menção ao tema, por tratar-se da compreensão da formação de sujeitos à luz da experiência de organizar um movimento social. A relevância da investigação dos fatores que levam à constituição da identidade do catador que atua como articulador político do MNCR está em demonstrar a capacidade de transformar vidas via movimentos sociais. Pessoas que antes eram invisíveis, e que, em muitos casos, começaram a catação em lixões a céu aberto, não apenas saíram dessa condição, mas se tornaram cidadãos conscientes dos seus direitos e de como proceder para alcançá-los, dotados de engajamento, refletindo posturas que faltam ao cidadão brasileiro médio. Um movimento social é antes de tudo formado por pessoas, das quais depende seu êxito, da sua capacidade de resiliência. Uma das formas de compreender o funcionamento de um movimento social é estudando quem são seus membros e como se dá sua identidade. Nesta dissertação busca-se investigar se há transformação da identidade de pessoas excluídas socioeconomicamente, por meio da sua atuação política e, em caso afirmativo, como ocorre, qual a natureza e especificidade dessas transformações.

Do ponto de vista científico, a pesquisa apresenta relevância pela ausência de número significativo de estudos sobre o tema, demonstrada mediante revisão bibliográfica, aplicada às teses e dissertações que se dedicaram a estudar o MNCR. Como pode ser visto na Figura 1, dentre mil quinhentos e vinte pesquisas sobre movimentos sociais e cento e quarenta e sete pesquisas sobre catador e reciclador, apenas duas tratavam do MNCR. Há uma imensa gama de estudos possíveis sobre esse tema, tão importante e inexplorado.

Dentre as duas pesquisas que abordam o MNCR, no período especificado, uma delas centra-se na relação dos catadores com a sociedade brasileira, analisa sob o ponto de vista da antropologia, a interação dos catadores do movimento social com executores e elaboradores de políticas públicas, na busca de possibilidades de mudanças positivas. A segunda pesquisa, da área da geografia busca compreender como se a territorialização do MNCR em todas as regiões brasileiras, frente a territorialização hegemônica do capital, que busca regiões com populações fragilizadas, para poder exercer seus domínios.

Quadro 1: Teses e dissertações publicadas segundo a CAPES, entre 2011 e 2012

Termo	nº de pesquisas
"Movimento Social"	1520
"Catador"	144
"Reciclador"	3
"Movimento Social" e Catador"/"Reciclador"	2

Quadro elaborado pela autora

Embora o tema desse estudo possa ser estudado por diferentes áreas do conhecimento humano, como a sociologia, a antropologia, a filosofia, dentre outras, a escolha recaiu com a predominância da psicologia, em função da formação inicial da pesquisadora, na área da ciência psicológica. Entendemos que, para que fosse possível algum aprofundamento teórico, seria necessário conhecer os pressupostos da ciência elegida, para que o resultado seja uma pesquisa consistente e relevante científica e socialmente. O campo da psicologia é bastante vasto, mas a escolha centrou-se em um subcampo que permitisse compreender o fenômeno a luz da complexidade social, do indivíduo que em condições iniciais desumanas, torna-se articulador político de um movimento social, dentre as escolhas ou destinos possíveis. Nos parece adequado nos cercar do campo da psicologia social, que tem em Antônio Ciampa, um dos principais teóricos investigadores da questão da identidade, sob o prisma da constituição da sociedade brasileira.

Outra razão para a escolha da psicologia social dentre os campos de estudo da psicologia é que a matriz teórica seja consonante com o campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade, deste programa de pós-graduação *Stricto Sensu*, que nomearemos a partir desse ponto por sua sigla: CTS.

As recentes e radicais transformações ocorridas na sociedade apontam para um novo padrão sócio-econômico-político-cultural e a necessidade premente de se pensar novos modos do aprender, interagir, pesquisar, produzir, trabalhar, consumir, se divertir, exercer a cidadania e compartilhar bens coletivos. É preciso compreender ao se pensar e gerar ciência, há que se considerar questões complexas e as vezes

invisíveis, visando o atendimento de novos requisitos de ensino, pesquisa e desenvolvimento sustentável. Miotello & Hoffmann (2010)

Nesse sentido, o ato de pesquisar ou fazer ciência sobre a tecnologia implícita em uma organização da sociedade que é um movimento social busca responder a questões complexas, abrangentes e invisíveis. Como tratar as desigualdades em vários âmbitos, diretamente proporcionais ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, quanto está descolada da preocupação com o ser humano e subordinada e a serviço exclusivo do capital, que exerce um esforço constante de relegar as evidências à invisibilidade. Miotello & Hoffmann (2010) *apud* Bourdieu (2001) aponta para o risco da interferência das demandas do capital e do Estado (que pode estar a serviço do capital), na escolha do que deve ser estudado. A ciência, pode, por essa razão, estar descolada das preocupações com as desigualdades e pior, contribuir para acentuá-las. O campo CTS está para a ciência para romper com esses padrões e propor alternativas. Estudos como este, dos movimentos sociais e sobre catadores de materiais recicláveis, servem a esse propósito, para retirar esses atores da invisibilidade, proporcionar a oportunidade do reconhecimento, das reflexões e da possibilidade de propor transformações benéficas.

Para Miotello & Hoffmann (2010) *apud* Bazzo (2000) é importante frisar o caráter multidisciplinar do campo CTS, para cumprir sua tarefa de responder aos anseios de contribuir para a formação de pessoas comprometidas em resolver problemas relativos a qualidade de vida humana.

Os estudos CTS tem por finalidade promover a alfabetização científica mostrando a ciência e a tecnologia como atividades humanas de grande importância social, por formarem parte da cultura geral nas sociedades modernas. Trata também de estimular ou consolidar nos jovens a vocação pelos estudos da ciência e da tecnologia, mostrando com ênfase a necessidade de um juízo crítico e uma análise reflexiva bem embasada das suas relações sociais. (BAZZO *apud* MIOTELLO e HOFFMANN, 2010, p. 55)

Verificamos que a pesquisa está em consonância com os estudos CTS, por ter como parâmetro a investigação da identidade primordialmente pelo enfoque das relação indivíduo-sociedade.

1.2 Hipóteses e objetivos

Esta pesquisa terá como objetivo geral compreender a constituição da identidade de atores desse movimento, e para tanto, suscita a seguintes hipóteses:

- A identidade do catador e articulador político do movimento social é constituída durante sua atuação, na vida profissional, nas relações que estabelece, de forma a promover o desenvolvimento da consciência política e a emergência do seu potencial transformador.

Como objetivos específicos elencamos:

- Descrever o movimento social dos catadores de materiais recicláveis.
- Identificar aspectos da identidade de catadores articuladores políticos que atuam no MNCR.
- Identificar aspectos de que o movimento social influencia na constituição da identidade do catador articulador político.

Esperamos que a reflexão dessa pesquisa possa contribuir para a visibilidade do movimento social dos catadores de materiais recicláveis, tendo em vista que os movimentos sociais de forma geral são desconhecidos da sociedade e quando são conhecidos, como é o caso do Movimento Sem Terra, são criminalizados. Que outros pesquisadores possam ser incentivados a buscar novos conhecimentos sobre o tema e que a ciência possa ser divulgada e estar a serviço da sociedade, propondo discussões e vislumbrando caminhos de mudança.

Almejamos, também, que seus resultados possam lançar luz à importância da práxis política, para a transformação da identidade para o pleno desenvolvimento do potencial humano, liberto das amarras ideológicas e alienatórias do capitalismo, contribuindo para a formação de uma identidade. O resultado final desejado é que

novos atores sociais se mobilizem e somem forças a esse movimento social com a finalidade de ajudá-lo na luta por uma sociedade cônica dos seus direitos e de como buscá-los, e por consequência, mais próxima da igualdade social.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O método dessa pesquisa parte da concepção ontológica do ser humano, como um ser social e histórico, bem como do trabalho, como elemento de transformação do homem e da natureza e que por sua vez também passa por mudanças sociais e históricas. Da visão ontológica desdobra-se o método dialético de análise crítica dos eventos, das relações e das narrativas. A pesquisa é essencialmente qualitativa.

O ponto de partida desta investigação científica foi o levantamento de informações, a começar pela pesquisa bibliográfica. Em seguida foram realizadas entrevistas com os sujeitos da pesquisa: os articuladores políticos do MNCR. De acordo com Salvador (1980) *apud* Ribeiro (2008), a entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente, e com maior profundidade, os pesquisadores das áreas das ciências sociais e psicológicas. Estes recorrem a entrevista sempre que tem necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo estes serem fornecidos por determinadas pessoas.

O termo *entrevista* é construído a partir de duas palavras, *entre* e *vista*. *Vista* refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. *Entre* indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas. (RICHARDSON, 1999, p 207)

Segundo Gil (1999), as entrevistas podem ser classificadas em: informais, focalizadas, por pautas e formalizadas. O tipo de entrevista informal é o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. É recomendado nos estudos exploratórios, que visam a abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado.

Ainda de acordo com Gil (1999), a entrevista focalizada é tão livre quanto a informal; todavia, enfoca um tema bem específico, quando, ao entrevistado, é

permitido falar livremente sobre o assunto, mas com o esforço do entrevistador para retomar o mesmo foco quando ele começa a desviar-se. É bastante empregado em situações experimentais, com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas. Também é bastante utilizada com grupos de pessoas que passaram por uma experiência específica, como assistir a um filme, presenciar um acidente etc.

O tipo de entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente, à medida que reporta às pautas assinaladas.

No caso da entrevista estruturada, ou formalizada, se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados que geralmente, são em grande número. Essa pesquisa fará uso de entrevistas focalizada.

Esse método, que passa por esse tipo de entrevista, foi escolhido com base no trabalho de Antônio Ciampa. “Sujeitos emblemáticos” são aqueles que se destacam no grupo, na comunidade, por exprimirem a consciência coletiva de uma forma mais clara, contundente, legível do que as outras pessoas com quem compartilham um universo simbólico (PACHECO E CIAMPA, 2006). Por isso mesmo seriam os sujeitos que, quando entrevistados, trariam mais riqueza de informações e análises sobre si mesmo, o grupo e seu contexto, à tona.

Para compreender o Movimento Social dos Catadores, foi empreendida a revisão de literatura acerca do assunto movimento social, buscando identificar as características que o definem, com atenção especial para o contexto em que surgem no Brasil. Buscou-se compreender como eles se formam, como funcionam e se articulam e dentre outras características, quais são os disparadores para que sua organização ocorra. Para conhecer o MNCR, a principal ferramenta foi o site “mncr.org.br”, que dispõe ao público informações bastante completas. O site não foi propriamente uma escolha, uma vez que não foram encontradas outras fontes que não citassem diretamente o site referido como única referência.

Complementarmente, foi empreendida uma pesquisa documental do acervo disponível sobre este movimento.

Constitui uma etapa da compreensão do MNCR, situar o perfil catador; quem é ele, quando e em que contexto surge, quais as possibilidades de trabalho, as condições de trabalho caucadas na exploração, a organização em empreendimentos, o papel dos apoiadores e a organização em redes. Isso tudo para se chegar à compreensão de porque o movimento se organiza, quem é o catador pelo qual ele organiza. Por meio da revisão de literatura, esperamos alcançar esse intuito.

Durante o levantamento bibliográfico empreendido, foi identificada uma dissertação de mestrado de autoria de Mariana Xavier Nicoletti (NICOLETTI, 2011), tratou da análise da construção da identidade de catadores organizados em cooperativas. A autora tencionou investigar a influência da prática da autogestão na formação da identidade. Em função da semelhança do objeto de estudo, seu método foi pormenorizadamente analisado e muitos aspectos foram aproveitados e adaptados para este trabalho.

A fim de verificar a hipótese deste trabalho que é: de identidade do catador e articulador político do movimento social é constituída, também, durante sua atuação, nas relações que estabelece, de forma a promover o desenvolvimento da consciência política e a emergência do seu potencial transformador, e atingir o objetivo desta dissertação foi delineado um procedimento, que será descrito na sequência.

Por meio da revisão de literatura foram apreendidas as categorias que contribuem para a construção da identidade. Optamos por centrar o estudo na análise do conceito de identidade postulado por Ciampa, um autor de grande relevância para o campo da psicologia, especificamente para a psicologia social. A psicologia social, será, portanto, o referencial teórico que fundamentará as reflexões. Tal escolha, como já afirmado em outro momento, se deve principalmente à formação da pesquisadora na ciência psicológica. Por estar inserido no programa de pós-graduação Ciência, Tecnologia e Sociedade, o estudo da identidade não poderia se dar de forma a descolar-se da perspectiva social, de outra forma, não

haveria subsídios para avançar na discussão de que a construção da identidade se dá pelo processo de internalização da realidade objetivo, vivenciada por meio das relações inicialmente e posteriormente numa escala social, e empreender a verificação por meio da aplicação do método empírico.

Entendemos que a melhor forma de investigar a identidade do catador de material reciclável que atua como articulador político no MNCR é por meio da entrevista a “História de Vida”.

Sendo história de vida, o projeto de vida e a constituição da identidade focos de interesse, sustentamos que a apreensão do objeto de estudos pode se dar através de registros de narrativas e relatos orais. Ações, pensamentos e sentimentos de sujeitos, interpretados a luz das discussões teóricas de modo investigativo e compreensivo. Sob certas circunstâncias, o sujeito é a pessoa mais qualificada para falar de si mesmo, por vezes única. (PEDRO, 2011, p.116)

Não nos parece adequado fixar questões para abranger um universo complexo como é a trajetória de vida de um indivíduo. No caso dos catadores de material reciclável, dentre os aspectos da história de vida estão: a infância, saúde, formação escolar, situação econômica, situação social, história profissional, início da atividade de catação, a entrada para a cooperativa ou associação de catadores, a entrada para o MNCR, sua história no MNCR.

Por meio das informações organizadas, da coleta de dados das entrevistas e sua intersecção com o resultado da revisão bibliográfica e da pesquisa documental, foi realizada a discussão acerca de quais serão afinal os aspectos que definem a construção da identidade do catador-articulador político do movimento social.

Para atingir a representatividade desejada no campo científico, foram escolhidos três catadores de materiais recicláveis, líderes do movimento, de municípios que se localizam geograficamente em diferentes regiões do estado de São Paulo. São eles, dois homens e uma mulher. A escolha se deve ao reconhecimento obtido por essas figuras, à frente do MNCR.

As entrevistas foram realizadas nas cooperativas a que pertenciam os sujeitos entrevistados. Por sugestão dos próprios sujeitos, a intervenção aconteceu em salas vazias e silenciosas, onde a interferência pudesse ser controlada. Esse fator contribuiu sobremaneira para a concentração na relação entrevistador-entrevistado. Procurou-se manter um clima marcado pela empatia, a fim de que fossem erigidas resistências ou desconfianças que pudessem impedir o livre relato das histórias de vida. As entrevistas duraram em média noventa minutos, e foram gravadas por um aplicativo instalado em um tablet.

Foram transcritas e produziram textos de rara riqueza de expressão das trajetórias de vida. que estão apresentadas em sua íntegra no Apêndice A.

Para proceder a análise dos resultados foram definidas algumas etapas:

a) Inicialmente procurou-se realizar a leitura pormenorizada do referencial teórico e em seguida a leitura dos textos com as trajetórias dos sujeitos. Com base nessas leituras, foram construídas as seguintes oito categorias de análise com o intuito de interpretar os diferentes momentos abordados nas falas dos entrevistados.

- A condição, antes de ser catador. Por que se tornou catador autônomo (no lixão ou nas ruas)?
- A percepção de si mesmo
- A transformação profissional
- A luta política
- As conquistas
- A base familiar
- As dificuldades
- As referências pessoais

b) Baseando-se na leitura do livro “A estória do Severino e a e história da Severina – Um ensaio de psicologia social”, do pesquisador Ciampa, foi criada uma sistematização da sua concepção de identidade, conforme

apresentada no Quadro 1, a fim de evidenciar os aspectos que servirão de sustentáculo para nossa análise, e assim, facilitar a sua compreensão.

Quadro 1 – Conceitos sobre identidade sistematizados a partir da obra de Ciampa

Item	Conceito
1	Identidade é metamorfose
2	O indivíduo não é mais algo: é o que ele faz. Quando representamos a identidade usamos proposições substantivas, em vez de proposições verbais. Interiorizamos o que é predicado, a atividade coisifica-se sob forma de um personagem que subsiste independentemente da atividade que o engendrou e que deveria sustentar. A identidade é vista como dada e não como se dando, num processo contínuo de identificação.
3	Identidade como prática transformadora de si e do mundo. A unidade da subjetividade e da objetividade. Sem essa unidade, a subjetividade é desejo que não se concretiza, e objetividade é finalidade sem realização. Severina diz "Se não me transformar como vou transformar o ambiente" e mais "através da prática a gente vai se transformando"; acrescente-se: e vai transformando o ambiente.
4	A identidade se expressa por personagens múltiplos que se ora se conservam, ora se alternam. As maneiras diferentes de se estruturar os personagens indicam os modos de produção da identidade. Cada um é representante de si mesmo.
5	Identidade é história. Não há personagens fora da história assim como não há história sem personagem.
6	Parte da identidade é pressuposta, ou pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado. Mais tarde, essa representação é interiorizada pelo indivíduo, de tal forma que seu processo interno de representação é incorporado na sua objetividade social, como filho de determinada família, por exemplo.
7	Identidade se dá na relação. No exemplo do filho, não basta a representação prévia, o nascituro se constituirá como filho na medida em que as relações em que estiver envolvido concretamente confirmem essa representação. Contudo, os comportamentos vão ocorrer na medida em que é pressuposta aquela identificação da pessoa como filho, caracterizando a relação paterno-filial.
8	A não-transformação, a mesmice, pode ocorrer pelo esforço do indivíduo em evitar determinadas mudanças, e sem perceber, se torna uma réplica daquilo que já não está sendo. É o trabalho de reposição que sustenta a mesmice. A identidade pressuposta é re-posta a cada momento. Outros são levados a essa situação, involuntariamente, quando seu desenvolvimento é de alguma forma prejudicado. Pessoas com condições sócio-econômicas desumanas
9	Negação da negação - Se o indivíduo deixa de se re-por, está negando a negação dele mesmo, de que ele é metamorfose. Consiste então na metamorfose de sua identidade, na superação de sua identidade pressuposta. Isso permite a alterização da identidade, na eliminação da identidade pressuposta, que deixa de ser repostada e no desenvolvimento de uma identidade posta como metamorfose constante, em que toda a humanidade contida em si se concretiza.

Quadro elaborado pela autora, baseado nos conceitos do livro "A história de Severino e a história de Severina – Um ensaio de psicologia social"

c) Finalmente, a análise foi realizada inter-relacionando as categorias construídas e os conceitos elencados no Quadro 1, com o intuito de aprofundar a compreensão das trajetórias de vida que são objeto desta pesquisa, trazendo à luz alguns aspectos formadores da identidade.

O Quadro 2, a seguir, apresenta a correspondência entre as categorias de análise e os conceitos de identidade empregados.

Quadro 2 – Relação das categorias construídas com conceitos de identidade de Ciampa (1987)

Item	Categoria	Correspondência com quadro X					
A	A condição, antes de ser catador. Por que se tornou catador autônomo (no lixão ou nas ruas)?	2	4	5	6	7	8
B	A percepção de si mesmo	1	6	9			
C	A transformação profissional	1	3	9			
D	A luta política	1	3	9			
E	As conquistas	1	3	9			
F	A base familiar	2	4	5	6	7	8
G	As dificuldades						
H	As referências pessoais	7					

Quadro elaborado pela autora

3 CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS E O CONTEXTO BRASILEIRO

A questão do resíduo urbano tem sido discutida cada vez pelos organismos públicos e pelas organizações da sociedade civil. A quantidade tem crescido de maneira desordenada, e sua destinação, na maioria das vezes, feita de modo inadequado. Algumas soluções começam a surgir, como a coleta seletiva e a inclusão dos catadores de materiais recicláveis, organizados em associações ou cooperativas, políticas públicas foram concebidas e projeto de gestão dos resíduos sólidos foram criados pelos municípios (LAJOLO, 2003)

Os catadores de materiais recicláveis surgiram nos anos 50, ou possivelmente, antes e são desde então são explorados, porém buscam nos resíduos, formas de sobrevivência dignamente e superar sua condição de exclusão. Segundo estimativas, existem 500 mil catadores, entre informais e organizados estimativas do (MNCR, 2001). Segundo Lajolo (2003) são responsáveis por grande parte da gestão de resíduos nas cidades. Seu trabalho consiste em coletar, separar e vender os materiais recicláveis descartados por todos os segmentos. Os preços que alcançam pelos resíduos recicláveis são péssimos e as condições de suas atividades são precárias, na maioria dos casos.

O perfil do autor ainda os descreve como pessoas que encontram dificuldade de empregabilidade, seja pela idade, condição social ou baixa escolaridade. Há os que possuem alguma escolaridade, mas foram excluídos em função das novas tecnologias em vigência, ou ainda por seu histórico de vida marcado pela violência, preconceito ou outras formas de sofrimento. Os explorados em geral são chamados sucateiros, que são os comerciantes intermediários, que compram os resíduos coletados por preços bastante inferiores aos praticados pelo mercado.

O MNCR (2001) relata que essa história começa a mudar quando os catadores conquistam mais respeito graças a seu envolvimento político e sua luta, que promove crescente organização e a modificação do seu perfil. Apoiadores também foram importantes nesse percurso, como as organizações sem fins

lucrativos, universidades e as prefeituras, interessadas na gestão dos resíduos de seus municípios. Cada vez mais os catadores descobrem as vantagens de se organizarem em associações ou cooperativas, dentre outras, os valores justos pagos e o aumento da renda. Para Lajolo (2003), a constância é essencial para atividade industrial e o aprimoramento da gestão por parte dos catadores se faz necessária para o fortalecimento do seu empreendimento. Ainda segundo Lajolo (2003), aconselha-se a criação de redes, entre as cooperativas e associações, a fim de aumentar a escala de produção, melhorar a qualidade dos serviços já prestados e preparar para o beneficiamento dos materiais, de forma de que atendam ao perfil das indústrias recicladoras, dentre outras práticas.

Tais práticas visam conferir maior autonomia aos empreendimentos, que deve existir inclusive em relação aos apoiadores. É necessário que estes compreendam que fazer alguma função que seria dos catadores os enfraquece e os impede de desenvolver as competências requeridas.

Segundo dados coletados por Lajolo (2003), os catadores já eram responsáveis, nessa época, por 90 por cento dos resíduos que alimenta a indústria da reciclagem, portanto possuem importante papel na economia e no equilíbrio das cidades quanto a quantidade de lixo a ser tratado. Desenvolveram inúmeros conhecimentos específicos, decorrentes da experiência com o trabalho, para identificar, coletar, separar, e vender resíduos recicláveis; garimpam no lixo o desperdício dos recursos naturais garantindo seu retorno ao processo produtivo. Por meio da sua contribuição social inegável e de sua luta, conquistaram o reconhecimento como categoria profissional, oficializada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2002). Gonçalves (2003) expõe qual seria o papel dos catadores no que chama de “círculo virtuoso” da reciclagem, em contraste com o “círculo perverso”, praticado nos dias de hoje, quando se organizam em associações e cooperativas autogestionárias, coordenam redes, de forma a processar o resíduo até que chegue ao produto final. Tudo isso observando a ética, preservação ambiental e com força política.

3.1 Breve histórico dos catadores de materiais recicláveis e sua inserção na cadeia da reciclagem

Estima-se que desde o início da era da industrialização existam pessoas que sobrevivem dos materiais que são descartados. Como na indústria gráfica, que nasce no início do século XX, quando os papéis de “segunda mão” eram tratados até serem reutilizáveis. Segundo Grippi (2001), no Brasil, a reciclagem de papel teve início nos anos 20 e foi o primeiro resíduo a ser reciclado. Também há registro de espanhóis que acumulavam sucatas nos seus quintais e revendiam, dentre elas, materiais ferrosos e garrafas. Lajolo (2003) relata que os garrafeiros traduziam figura respeitável nas cidades, mas aos poucos foram desaparecendo, dando lugar ao catador. Este, também é conhecido como andarilho, rampeiro, margarida, xepeiro, badameiro, boia-fria do lixo ou agente ambiental e recolhe os resíduos que podem ser recicláveis sem realizar qualquer transação pelo que foi retirado.

O perfil do catador foi se modificando, desde o século passado, pelas mudanças contingenciais que foram o crescimento das cidades, a exacerbação do consumo, e, por outro lado os níveis crescentes de desemprego, o aumento de exigências para a conquista da empregabilidade. O resíduo produzido mudou tanto em volume, quanto em características daquele que se produzia a 40 anos (GRIPPI, 2001).

Foi a vez da embalagem dos produtos consumidos, que unidas ao papel e à sucata, constituíram a gama de resíduos. Para Megera (2005), as embalagens possuem vida curta no ciclo capitalista e muitas não alcançam 60 dias de vida, desde a saída da indústria, até sua chegada ao lixo.

É pungente que o crescimento da atividade de catação está intimamente ligado aos níveis extremos de pobreza, e com o aumento dos resíduos e das embalagens descartados, a demanda gerou o acúmulo de catadores nas ruas. Única forma de sobreviver, os catadores reviram as latas e sacos de lixo e frequentam os lixões, e assim, de forma precária, tiram o sustento de suas famílias, que possuem péssima qualidade de vida, com crianças, sujeitas ao risco de viver no lixo e do lixo (LAJOLO, 2003). Segundo a UNICEF (apud ABREU), havia 45 mil crianças que sobreviviam do trabalho no lixão e 25 mil catadores nos lixões, sendo que 22% com

menos de 14 anos de idade. A projeção estimada é que hoje, 500 mil pessoas trabalhem como catadores.

3.2 Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis

Segundo Hiriart apud Pinhel (2011), cooperativa é uma sociedade de pessoas com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeita a falência, constituída para prestar serviços a seus associados. É composta por o mínimo de 20 pessoas, é um empreendimento de dupla natureza, que contempla o lado econômico e social de seus participantes. O cooperado é considerado ao mesmo tempo, proprietário e usuário. Os trabalhadores possuem cotas e são sócios do seu negócio, responsáveis por sua gestão e pelos ganhos, o que lhe oportuniza o crescimento profissional e humano VILHENA et al. apud PINHEL, 2011)

Também figuram com importante papel no combate ao desemprego, elevando a condição econômica e social (SINGER, 2002)

As cooperativas proporcionam ainda para criar novas oportunidades de trabalho, justiça social e maior equilíbrio na distribuição de renda, contribuindo assim para uma sociedade mais igualitária e justa. É importante buscar a união com outras cooperativas, como estratégia para a sua manutenção e fortalecimento, constituindo as cooperativas de segundo grau (mínimo de três cooperativas associadas), e também parcerias salutares com o poder público e iniciativa privada (VILHENA et al. apud PINHEL, 2011)

Na atividade de catação brasileira, nota-se a ausência de envolvimento das empresas privadas, um grande número de trabalhadores informais e a ainda insuficiente participação do poder público, organizando programas de coleta seletiva (GONÇALVES apud PINHEL, 2006). A organização em cooperativas e associações é grande estratégia de enfrentamento desse quadro, com a possibilidade de superar a exploração, melhorando as condições de vida dos catadores.

Para Paul Singer (2002) a cooperativa possibilita compras em comum por preços menores e vendas em comum por preços maiores, e, por ser entidade não

apenas econômica, mas também política, pode representar os catadores frente ao poder público, reivindicando um espaço para guardar os resíduos coletados e proceder a separação e comercialização. A cooperativa é uma grande oportunidade de resgate da dignidade humana do catador, onde ele pode desenvolver a autoajuda e ajuda mútua, criando mecanismos para o surgimento da comunidade dos catadores.

A criação de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis requer certas condições, como formas de transporte, triagem, beneficiamento e comercialização dos resíduos, bem como apoio técnico para a profissionalização (VILHENA et al. apud PINHEL, 2011)

É primordial desenvolver a capacidade administrativa, pois ela será decisiva para o sucesso do empreendimento. Os autores descrevem, como pode ser visto na lista a seguir, as funções e as atribuições de uma cooperativa de catadores.

A - COLETAR MATERIAL RECICLÁVEL E REAPROVEITÁVEL

Puxar carroça, carrinho

Conduzir carroça de tração animal

Conduzir veículo (perua, caminhão)

Estabelecer roteiro de coleta

Pedir material nas residências

Procurar material nas caçambas de rua

Verificar pontos de coleta

Coletar material nas residências

Coletar material junto às comunidades

Coletar material nos pontos de coleta

Coletar material nos estabelecimentos comerciais

Coletar material nos condomínios

Coletar material em empresas (indústrias)

Carregar carrinho, carroça, caminhão, perua

Percorrer os pontos de coleta

Procurar novos pontos de coleta

B - DAR ENTRADA NO MATERIAL

Conferir a balança

Descarregar caminhão, perua, carrinho, carroça

Conferir material

Pesar material reciclável separado

Contar vasilhames retornáveis

Colocar material na caçamba

Pesar caminhão

Pesar o lixo não reciclável

C - SEPARAR MATERIAL COLETADO

Triar material reciclável e não reciclável

Triar material reciclável por tipo (papel, vidro, ferroso, não-ferroso, plástico)

Triar material por qualidade (papel branco, papel arquivo, plástico mole, material fino não ferroso)

Colocar material não reciclável em contêineres, latões, sacos etc.

Anotar material separado

Separar doações

Encaminhar o lixo para o transbordo

D - PREPARAR O MATERIAL PARA EXPEDIÇÃO

Prensar o alumínio

Prensar o plástico

Amarrar os fardos

Tirar grampos de papel

Tirar espiral de caderno

Tirar rótulos das embalagens plásticas

Ensacar material (alumínio, plásticos)

E - REALIZAR MANUTENÇÃO DO AMBIENTE E EQUIPAMENTOS DE TRABALHO

Fabricar carrinhos, carroça

Pintar carrinho, carroça

Fazer manutenção do carrinho, carroça
Varrer o chão das instalações da cooperativa
Lavar banheiros das instalações da cooperativa
Lavar quintal da cooperativa
Trocar pneu de carrinho
Limpar o carrinho, carroça
Arrumar material nas caçambas
Recolher material do chão
Limpar pátio da cooperativa (galpão)
Limpar a prensa
Limpar a balança
Retirar água de recipientes
Tratar animais
Realizar manutenção de veículos

F - DIVULGAR O TRABALHO DE RECICLAGEM

Conversar com a população de porta em porta
Prestar informações sobre coleta seletiva e materiais recicláveis
Divulgar o trabalho da cooperativa
Entregar folhetos
Divulgar eventos
Orientar sobre preservação do meio ambiente

G - ADMINISTRAR O TRABALHO

Vender material
Comprar material
Negociar preços
Coordenar o trabalho dos cooperados
Controlar gastos
Prestar contas
Definir escalas
Fazer lista de material
Participar de reuniões administrativas

Participar de reuniões para tomada de decisões (assembleias geral, ordinária e extraordinárias)

Participar de comissões, comitês

Organizar assembleias gerais com cooperados

Organizar cursos de capacitação para cooperados e familiares

Promover ajuda aos cooperados mais necessitados

Organizar eventos sociais da cooperativa

Estabelecer parcerias com empresas, órgãos governamentais, ONG

Organizar campanhas de esclarecimento

Contratar serviços de calibração de balanças

H - TRABALHAR COM SEGURANÇA

Vestir equipamento de proteção individual

Vacinar-se

Realizar exames de saúde periódicos

Desinfetar ferimentos

Vestir faixa de sinalização cintilante (Colete)

Vestir proteção contra chuva, sol (Capas, bonés, sapatos, etc.)

Vestir uniforme da cooperativa

Z - DEMONSTRAR COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Demonstrar prudência

Demonstrar paciência

Organizar-se (associações, cooperativas)

Valorizar-se como profissional

Demonstrar espírito de prosperidade

Demonstrar educação

Demonstrar eficiência

Demonstrar agilidade (esperteza)

Demonstrar sinceridade

Demonstrar honestidade

Auto organizar-se

Demonstrar criatividade
Demonstrar perseverança
Demonstrar jogo de cintura
Demonstrar capacidade de atenção constante
Demonstrar habilidade de puxar carroça
Proteger-se contra a violência na rua

Recursos de Trabalho:

- * Alicate
- * Martelo
- Serrote
- Entalhadeira
- Arco da serra
- Chave de fenda
- Prego
- Capa de chuva
- Capacete
- Uniforme
- Bota
- * Carrinho/carroça
- Óculos
- Jogo de chave
- Caixinha de primeiros socorros
- Arame
- * Colete
- * Corda
- * Faca/facão
- * Lona
- * Luva
- * Machado
- * Marreta
- (* Ferramentas mais importantes

3.3 Gerenciamento de resíduos sólidos e inserção dos catadores de materiais recicláveis: políticas públicas

Por motivos atrelados a aceleração do processo de urbanização e do consumo cada vez mais exagerado, registrou-se um grande aumento no volume e diversificação dos resíduos produzidos, sendo necessários que se pensasse em formas de gerenciá-los. A problemática exigiu ações diversificadas e articuladas, tornando-se desafiadora para os municípios (PINHEL, 2011 apud D'ALMEIDA e VILHENA). Os catadores são parte integrante nos planos de gerenciamento de resíduos, que apresentam uma frente de coleta seletiva, em grande parte dos casos, de sua responsabilidade. Também porque a atividade de catação, coleta, triagem, acondicionamento e posterior venda, garante que o resíduo chegue até os recicladores. E a importante inclusão social da categoria, por meio da sua valorização e reconhecimento.

No âmbito federal, são quatro os instrumentos principais que visam regular o gerenciamento dos resíduos sólidos: a Lei Federal nº 10.257, de 10/07/2001, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), a Lei Federal nº 11.445, de 05/01/2007 e o Decreto Federal 5.940, de 25/10/2006.

A PNRS levou quase 20 vinte anos para tramitar no Congresso e bastante debatida por inúmeros setores da sociedade, como universidades, movimentos sociais, estudiosos, setor empresarial, entre outros, todos preocupados para que as leis instituídas resolvessem de fato a questão dos resíduos sólidos em nível municipal, estadual e federal (CÂMARA MUNICIPAL, 2010). Prevê o incentivo a criação e desenvolvimento de cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis. O resíduo é tido como um bem econômico e social, pela Política Nacional de Resíduos Sólidos.

O Decreto 5.940 de 25/10/2006 institui a coleta seletiva solidária em órgãos e entidades da administração pública federal, bem como a destinação a associações ou cooperativas que sejam formalmente constituídas, ou seja, possuam CNPJ, tenham na atividade a sua única fonte de renda, não possuam fins lucrativos, apresentem infraestrutura para o beneficiamento e pratiquem o sistema de rateio de sua receita. Ficará a cargo da Comissão de Coleta Seletiva Solidária a supervisão

da organização dos catadores, promovendo a intercooperação entre as diferentes organizações (BRASIL, 2006)

4 MOVIMENTOS SOCIAIS E O MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS - MNCR

4.1 Movimentos Sociais

Ao tentar definir o termo “movimento social” nos deparamos com uma lacuna. Segundo Gohn (1997) soma-se a isso indiferenciação entre movimentos de múltiplos tipos e dificuldade de caracterizá-los como tal dentre lutas, protestos, revoluções, quebra-quebras, insurreições dentre outras ações coletivas. As teorias a respeito apresentam um leque de entendimentos. Para alguns trata-se de um fenômeno empírico, para outros de objetos analíticos, teóricos. Não há um conceito, mas alguns, segundo seu paradigma, classificados segundo aqui geopoliticamente, pois a América do Norte, a Europa e América Latina possuem contextos históricos específicos e movimentos sociais em resposta a elas. Com o advento da globalização, estes contextos foram se alterando, gerando aglutinações e foi possível encontrar características gerais nos anos 90.

Do paradigma norte-americano extrai-se a preocupação com estruturas das organizações, com destaque para análise de categorias tais como: sistemas, ação coletiva, comportamentos organizacionais, integração social etc. de onde derivaram análises como a da mobilização de recursos, institucionalização de conflitos, ciclos de protestos, micromobilizações e oportunidades políticas (GOHN, 1997). Na Europa faz-se necessária diferenciar os paradigmas Marxista e dos Movimentos Sociais, cada qual com suas subdivisões e teorias. A marxista estuda os processos históricos globais tendo em vista as contradições e as lutas de classe. São categorias: classes sociais, contradições, lutas, experiências, consciência, conflito, interesses de classes, reprodução da força de trabalho, Estado etc. O paradigma dos Novos Movimentos Sociais procura explicações mais conjunturais, retiradas do âmbito político ou dos microprocessos da vida cotidiana, fazendo recortes na realidade para observar a política dos novos atores sociais. Apresenta as categorias básicas: cultura, identidade, autonomia, subjetividade, atores sociais, cotidiano, representações, interação política etc. (GOHN, 1997)

“O paradigma latino americano concentrou-se quase todo em movimentos sociais libertários ou emancipatórios, de índios, negros, mulheres e minorias em geral, nas lutas populares urbanas por bens e equipamentos coletivos, ou espaço para moradia urbana (nas associações de moradores e nas comunidades de base da igreja e nas lutas pela terra, na área rural).” (GOHN, 1997, pag. 15)

As teorias que os orientavam eram as europeias, tendo predominado as marxistas nos anos 70 e a abordagem dos Novos Movimentos Sociais nos anos 80. Para as teorias marxistas houve o destaque para as categorias: hegemonia, contradições urbanas e lutas sociais. Para as teorias dos Novos Movimentos Sociais a autonomia e a identidade receberam ênfase, mas que resultaram na criação de outras categorias como novos sujeitos históricos, campo de força popular, cidadania coletiva, espoliação urbana, exclusão social, descentralização, espontaneidade, redes de solidariedade, setor terciário privado e público etc. (GOHN, 1997).

Essas novas categorias apontam para o desenvolvimento de um paradigma próprio, mas que esbarra em dilemas. Nos países latino-americanos, os problemas gerados pela globalização da economia, como o incentivo às políticas econômicas neoliberais ocasionou o surgimento de redes produtivas comunitárias (GOHN, 1997)

De acordo com Gohn (1997), movimento social refere-se à ação do homem na história, que combinam o fazer e o pensar, os procedimentos adotados pautam-se num conjunto de ideias que motiva ou dá fundamento à ação – práxis. Existem duas acepções de movimento, uma ampla, que se refere a lutas por direitos coletivos amplos ou de grupos minoritários, conservação de privilégios, obtenção ou extensão de benefícios e bens coletivos etc. Um exemplo desse tipo de movimento é a luta por direitos das mulheres – o movimento feminista. A outra trata de movimentos restritos, datados no tempo, com espaço determinado, com um objeto de luta concreto.

Os movimentos sociais devem ser estudados a partir de categorias de análise de acordo com seus elementos básicos internos: “suas demandas e reivindicações e os repertórios de ações que geram, sua composição social, suas articulações. No interno, deve-se pesquisar sua ideologia, seu projeto, sua organização, suas

práticas” (GOHN, 1997). E de um olhar externo, considera-se o cenário sociopolítico e cultural, os opositores (se existirem) as articulações constituídas pelos militantes com a sociedade e as relações com outras lutas e movimentos, relações com órgãos governamentais nas mais diversas esferas, com outros setores da sociedade, como a Igreja ou outras formas de religião, com a sociedade civil, com empresas e com a mídia. O nível de articulação define o movimento como articulatório, como forma de se estruturar. (GOHN, 1997)

Segundo Gohn (1997), outros aspectos que são alvo de pesquisa são a representação de si mesmo, com suas conquistas de derrotas e a cultura política que permeia sua história. As demandas da ação coletiva auxiliam na caracterização, que se referem a uma carência de ordem econômica, política, social e cultural, ou podem ser utópicos. As demandas podem ser de bens materiais ou simbólicos. A conquista simbólica se traduz em leis aprovadas que corrijam as injustiças e a material, na obtenção do que se pretende.

A composição de um movimento social pode ser compreendida tanto pela origem social, a que classe social pertencem os membros, como pelo princípio articulatório, que pode se unir a classe diversas a de origem. Apesar do que é conhecido, pode haver movimentos sociais compostos por classe dominantes, detentoras de poder aquisitivo. É importante considerar também a localização geográfica, já que podem ser rurais ou urbanos, restritos a um país, ou possui um caráter geopolítico mais amplo. (GOHN, 1997)

Como a categoria espacial não é apenas geográfica, mas tem um forte peso de componente social, disto derivam denominações: movimentos de periferia, movimentos de guetos pobres, movimentos camponeses etc. Os movimentos ecológicos não priorizam a questão social, mas a categoria espaço definem suas especificidades. Podem ainda ser locais ou internacionais, e ter sua demanda globalizada. (GOHN, 1997)

O princípio articulatório interno é definido por três características fundamentais: as bases demandatárias, as lideranças e as assessorias, sendo os dois primeiros internos e o terceiro externo, que se agregam em algum momento do movimento, com papel delimitado. As relações entre tais elementos constituem o

princípio articulatório interno e este regula o seu caráter mais ou menos democrático. (GOHN, 1997)

O princípio articulatório externo resulta da relação entre diferentes redes de movimentos sociais. Na história, verificam-se a constância de relações com a igreja, partidos e sindicatos, que acabam por se tornar os interlocutores do movimento. (GOHN, 1997).

A análise de um movimento social perpassa pelos avanços e retrocessos e a capacidade de real de produzir mudança social disso depende sua força social, também uma categoria de análise. (GOHN, 1997)

Outra categoria que bem descreve os movimentos sociais é a ideologia, que corresponde ao conjunto de crenças, valores. A ideologia é captada por meio de crenças e valores que fundamentam suas reivindicações. As ações, especialmente no Brasil atual, são marcadas pela presença das assessorias, como as jurídicas. São referências estratégicas para reafirmar a identidade dos movimentos. É captada por meio de discursos e mensagens dos líderes e da produção material e simbólica. (GOHN, 1997)

A cultura política se constrói a partir da história, e não das tradições passada ou das heranças. Advém das experiências vivenciadas no cotidiano. O conjunto das demandas sociais informadas pela ideologia e representações, configuram o projeto do movimento e gera sua cultura política. Ela contribui para a definição das práticas e dos procedimentos. (GOHN, 1997)

Gohn (1997) expõe ainda que a organização pode ser formal ou informal, mas comumente, com o tempo, a necessidade de formalização aparece. Alguns movimentos sobrevivem por décadas sem organização formal e outros já se formalizam em seu início. A identidade dos movimentos decorre dos projetos e é uma somatória das práticas a partir do referencial contido nos projetos.

O cenário sociopolítico é importante para compreender a conjuntura em que está inserido o movimento e a correlação de forças existente. Tarrow denomina estrutura das oportunidades políticas é o contexto de pautas e agendas definidas, pelos movimentos ou por outros atores como o Estado ou a iniciativa privada e

representam oportunidades de mudanças e renovação e conferem ao movimento certo atributo de poder. Trata-se da tomada de espaço pela gestão e controle de uma série de coisas, um jogo de forças que não prevê, nesse momento, o bem comum. Pretende-se tomar bens públicos, alcançar direitos sociais e trabalhistas, terras, como no caso dos movimentos agrários. (GOHN, 1997)

Os opositores do movimento sempre são os donos dos bens que são pleiteados. Não se trata de opor a quem detém a posse, mas de opor a aqueles sujeito na exclusivamente na causa do que se pretende conquistar. A ação do movimento social dos catadores, defende as carências das cooperativas de catadores de material recicláveis e na maioria dos casos encontra na prefeitura dos municípios sua opositora. Precisa reivindicar direitos de que elas são as detentoras, mas antes precisam leva-las à compreensão da legitimidade da causa. (GOHN, 1997)

Outra categorização possível é das características da demanda. A primeira categoria é a de movimentos sociais constituídos a partir das características da natureza humana, como sexo, idade, cor etc. (GOHN, 1997)

A segunda categoria é a constituídos a partir de determinados problemas sociais. Podemos citar os diferentes tipos de movimentos que atendem a esse requisito:

1. Movimento em busca de solução ou criação de equipamentos coletivos de consumo
 - Movimento pela saúde
 - Movimento pelos transportes
 - Movimentos por creches e escolas em geral
 - Movimento pela habitação

2. Movimento pela preservação do meio ambiente (geográfico, cultural, social, econômico)
 - Movimentos ecológicos

- Movimentos pacifistas
- Movimento de preservação do patrimônio histórico

A quarta categoria versa sobre os movimentos construídos em função das questões de conjuntura das políticas de uma nação (socioeconômica, cultural etc). São os movimentos cuja história do Brasil possui em quantidade, revoltas, insurreições, motins, revoluções. Eram nomeados como perturbação à ordem política vigente. (GOHN, 1997)

A quinta categoria trata de movimento surgidos a partir de ideologias. Como já afirmado, todo movimento tem ideologia, entretanto em alguns casos, ele pode pautar-se por uma utopia, um ideal, uma meta ou propósito que propulsiona as pessoas para a luta. Sempre fiéis a um conjunto de crenças que propõem um novo paradigma de ação e de pensamento. Podemos destacar o anarquismo, o marxismo, como ideologias com forças motoras próprias. Contudo, eles geraram movimentos sociais concretos. “Por suas raízes, filosofias e propostas, aquelas ideologias criaram raízes na sociedade, em certos momentos estiveram em voga, ganharam fluxos e refluxos, mas tem certa perenidade.” (GOHN, 1997). Estas são algumas das formas de classificação possível, dentro da proposta de estudo de Gohn.

Há um novo cenário neste milênio: novos tipos movimentos, novas demandas, novas identidades, novos repertórios. Proliferam movimentos multi e pluriclassistas. Surgiram movimentos que ultrapassam fronteiras da nação, são transnacionais, como o já citado movimento alter ou antiglobalização. Mas também emergiram com força movimentos com demandas seculares como a terra, para produzir (MST) ou para viver seu modo de vida (indígenas). Movimentos identitários, reivindicatórios de direitos culturais que lutam pelas diferenças: étnicas, culturais, religiosas, de nacionalidades etc. Movimentos comunitários de base, amalgamados por ideias e ideologias, foram enfraquecidos pelas novas formas de se fazer política, especialmente pelas novas estratégias dos governos, em todos os níveis da administração. Novos movimentos comunitaristas surgiram – alguns recriando formas tradicionais de relações de autoajuda; outros organizados de cima para baixo, em função de programas e projetos sociais estimulados por políticas sociais (GOHN, 2011, p. 344)

Por essas classificações podemos dizer que o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis é reivindicatório.

4.2 Surgimento e ascensão do MNCR – história, conquistas, limites e desafios

Como já abordado, A função de catadores de materiais recicláveis surge no Brasil diante de um quadro de extrema pobreza, relativo ao modo capitalista que estabelece relações de desigualdade em face aos padrões de competitividade, que deixa a margem da sociedade um contingente de pessoas que não possuem os requisitos necessários para conquistarem espaço no mercado formal de trabalho. Dessa forma deriva-se o subemprego, as condições precárias de trabalho e o subsequente aumento da violência, criminalidade, dentre outras dificuldades que obrigam a busca de alternativas de sobrevivência digna, em face a esse cenário insustentável (CRUZ-SOUZA, 2011 apud KLINSBERG)

Diante da necessidade de sobrevivência imediata, a atividade de catação passou a ser desenvolvida nas áreas urbanas das cidades brasileiras por pessoas espalhadas pelas cidades, que retiram do “lixo”, materiais que possam ser reutilizados ou reciclados. Assim, surgem os catadores, que mesmo estigmatizados pela sociedade e com dificuldades que incluem a exploração por parte de empresários, denominados sucateiros ou atravessadores que compram o material coletado por preços ínfimos, seguem um caminho que os leva a uma organização social. Uma evidência disso é a formação do movimento social que representa a classe (GUTIERRES, ZANIN, 2011)

O Movimento Nacional de Catadores Materiais Recicláveis é um movimento social que busca organizar os catadores por todo o país, a valorização da classe sob os princípios da autogestão, ação direta, independência de classe, solidariedade de classe, democracia direta e apoio mútuo (MNCR, 2013)

Um fato histórico que marca o surgimento do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR, 2013) foi o primeiro encontro Nacional de Catadores de Papel, em 1999. Outro fato foi o primeiro congresso Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, ocorrido em Brasília em junho de 2001e é

considerado o marco da fundação deste Movimento (MNCR, 2013). A mobilização para este evento reuniu mais de mil e setecentos catadores e catadoras e culminou com o lançamento da Carta de Brasília, documento que exprime as necessidades das pessoas que sobrevivem da coleta de materiais recicláveis (MNCR, 2013).

O movimento que conta com mais de dez anos de luta, comemora resultados e vem organizando pessoas por todo o Brasil, mas ainda coexiste com a realidade dos catadores que trabalham em lixões e nas ruas em condições precárias. Porém, hoje os catadores têm sua voz ampliada e ouvida em vários espaços. Exemplo das conquistas do MNCR e considerada sua principal contribuição, é o reconhecimento do catador de material reciclável como uma categoria de trabalho pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) a partir de 2002 (CBO, 2002), ainda que a atividade de catação tenha surgido no mundo do trabalho há pelo menos cinquenta anos (MNCR, 2013).

No âmbito das políticas públicas que favorecem a ocupação, está a assinatura do Decreto que cria o Comitê Interministerial da Inclusão Social de Catadores de Lixo, em 11 de setembro de 2003 (FERREIRA, 2008) e o Decreto nº 5.940, de 25 de outubro de 2006, que busca incluir o catador de forma legal, visando garantir que os materiais recicláveis sejam destinados a associações e cooperativas. O Decreto (“institui a separação dos resíduos recicláveis descartados pelos órgãos e entidades da administração pública federal direta e indireta, na fonte geradora, e a sua destinação às associações e cooperativas dos catadores de materiais recicláveis, e dá outras providências”) (GUTIERREZ e ZANIN, 2011)

O MNCR se define como um movimento social que preconiza a participação democrática direta e define como espaços deliberativos as bases orgânicas e os comitês regionais. Cada Comitê Regional indica dois representantes para a Coordenação Estadual, que por sua vez indica dois delegados para a Comissão Nacional. A nível nacional criou a Equipe de Articulação Nacional, composta por cinco catadores das regiões do BRAsl. Essa organização visa a articulação desde as bases até a as instâncias nacionais, com comunicação que circula.

Organograma do MNCR



Figura 1 – Organograma do MNCR

Fonte: site do MNCR

Para concluir essa breve caracterização do movimento incluímos a Declaração de princípios e objetivos do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis:

Quadro 4 - Declaração de princípios e objetivos do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis

ARTIGO 1º

O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis - MNCR, trabalha pela '*auto-gestão e organização*'¹ dos catadores através da constituição de Bases Orgânicas, em que a '*participação*' de todos os(as) catadores(as) que querem ajudar a construir a luta de seus direitos, seja um direito internamente garantido, mas também um dever do catador com o Base Orgânica, com um critério de *democracia direta*² em que todos tem voz e voto nas decisões, conforme critérios constituídos nas bases de acordo;

1 "Auto-gestão" é a prática econômica em que os trabalhadores são os donos das ferramentas equipamentos de produção. Auto-gestão é o modo de organizar o trabalho sem patrões, tendo a decisão, o planejamento e a execução sob controle dos próprios trabalhadores.

2 "Democracia direta" é forma de decisão tomada pela participação coletiva e responsável da base. Uma decisão pode ser feita por consenso ou por maioria de votos, mas sempre deve respeitar antes de tudo a exposição das idéias e o debate.

ARTIGO 2º

O MNCR tem na '*ação direta popular*'³ bem como em outras formas organização um princípio e método de trabalho, que rompe com a apatia, a indiferença e a acomodação de muitos companheiros(as), que parta desde a construção inicial dos galpões e sua manutenção, não esperando que caia tudo pronto do céu, e até as mobilizações nas grandes lutas contra a privatização do saneamento básico e do lixo, contribuindo para a preservação da natureza, mas também lutando pelo devido reconhecimento e valorização da profissão dos catadores ;

3 "Ação direta" é um princípio e método que carrega o sentido do protagonismo do povo auto organizado, ou seja é o povo que deve fazer diretamente as transformações, com o exercício de suas próprias forças, união, organização e ação, sem viver esperando para que os outros façam por nós, que caia do céu como um milagre ou um presente, sem que nos esforcemos para isso; A ação direta pode ser da pessoa para o grupo, do grupo para a base, da base para o movimento, e do movimento para a sociedade;

ARTIGO 3º

O MNCR busca garantir a '*independência de classe*'⁴ em relação aos partidos políticos, governos e empresários, mas também lutando pela gestão integrada dos resíduos sólidos com participação ativa dos catadores organizados, desde a execução da coleta seletiva com catadores de rua, até a triagem e o beneficiamento final dos materiais, buscando tecnologias viáveis que garanta o controle da cadeia produtiva, firmando com os poderes públicos contratos que nos garantam o repasse financeiro pelo serviço prestado a sociedade, e

cobrando das empresas privadas, produtora industrial dos resíduos o devido pagamento pela nossa contribuição na reciclagem.

⁴ “A independência de Classe” é o princípio histórico que orienta a luta do povo na busca pela nossa verdadeira emancipação das estruturas que nos dominam; Significa que a união do povo, nossa luta e organização, não pode ser dividida por diferenças partidárias, nem se deixar manipular ou corromper pelas ofertas que vem das classes dominantes, governos e dos ricos;

Não significa ignorar as diferenças, sabemos que elas existem e são saldáveis, porém estas, não podem ficar acima do movimento a ponto de dividido. O acordo com este princípio é o que pode contribuir para que não soframos manipulações futuras;

ARTIGO 4 o

No MNCR, ao contrário do individualismo e da competição, buscamos o ‘*apoio mútuo*⁵ entre os companheiros(as) catadores(as) , e praticando no dia a dia das lutas a ‘*Solidariedade de Classe*⁶ com os outros movimentos sociais, sindicatos e entidades brasileiras e de outros países. E desta forma ir conquistando “o direito à cidade”, local para trabalho e moradia digna para todos, educação, saúde, alimentação, transporte e lazer, o fim dos lixões e sua transformação em aterros sanitários, mas com a transferência dos catadores para galpões com estruturas dignas, com coleta seletiva que garanta a sustentação de “todas as famílias”, com creches e escolas para as crianças.

⁵ O “Apoio Mútuo” ou Ajuda Mútua é o princípio que orienta nossa atitude para a prática que contribui para a construção da solidariedade e da cooperação, é contrário aos princípios da competição, do egoísmo, do individualismo e da ganância;

⁶ A “Solidariedade de Classe” é o princípio histórico da união de todos os pobres. Sabemos que a sociedade que vivemos está dividida em classes: pobres e ricos, Opressores e oprimidos, os que mandam e os que obedecem. Nosso povo faz parte das classes Oprimidas, como um setor dentro delas, porém existem vários outros setores de classes oprimidas pelo sistema capitalista, como: os sem terra, os sem teto, os índios, os negros e quilombolas, os trabalhadores assalariados, etc.... É importante compreendermos isso pois em nossa luta sozinhos, não venceremos, a verdadeira vitória só pode ocorrer com uma profunda transformação da sociedade, ou seja, onde não existam mais ricos ou pobres, opressores e oprimidos, mas sim liberdade e igualdade. Para construirmos essa nova sociedade temos que construir na luta a “solidariedade com todos os setores das classes Oprimidas”.

Fonte: site do MNCR

O MNCR é um movimento social ainda jovem, que apresenta uma história constante de luta, por essa classe ainda pouco reconhecida no Brasil, conforme procuramos demonstrar até o momento, nesta pesquisa.

5 TRAJETÓRIAS DE LÍDERES DO MNCR: ASPECTOS FORMADORES DE SUA IDENTIDADE

5.1 Identidade

Para o início da compreensão da constituição da identidade, é necessário se ater aos pressupostos de diversos pensadores. A começar por Giannotti (1983), para quem a realidade consiste na síntese do objetivo e do subjetivo e os conflitos são decididos sob a forma pré-determinada historicamente. A individualização do sujeito se dá pelas condições presentes.

A interação que começa com o nascimento, carregado com infinitas possibilidades de ser e agir (ARENDR, 1993), em um mundo em constante transformação, num ambiente carregado de expectativas pré-concebidas em relação a esse novo ser (CIAMPA, 1987)

Berger & Berger (1977) nos permite refletir sobre a socialização primária e sobre a socialização secundária. A primeira trata da formação do repertório simbólico do sujeito, e a segunda das interações sociais enquanto indivíduo nos anos seguintes e a relação dialética estabelecida entre o mundo exterior e interno. Para fins dessa pesquisa, nos centraremos no segundo, a fim de analisar com profundidade a formação da identidade do articulador político do movimento social dos catadores de materiais recicláveis, como será visto a seguir.

Assim sendo, Berger & Berger (op. cit.) denominam a socialização como processo pelo qual o indivíduo se torna parte da sociedade, como o catador que se torna membro do movimento social, está vivenciando a socialização secundária. Tal processo incorreria em alterações no “microcosmo” do indivíduo, ligando a estruturas complexas pré-criadas, do “macrocosmo”.

Para Antônio Ciampa (1987), a identidade é uma questão social, uma questão política, cujas manifestações são sempre materiais. Não há como olhar para o sujeito e sua identidade, sem considerar a estrutura social e momento histórico. Na sociedade capitalista, as ações são mediadas pelo capital, o que

resulta na interferência na formação da identidade e nas suas ações. Na forma como se expressa para mundo.

Para Ciampa (1987), compreender a identidade é “compreender a relação indivíduo-sociedade” e por ela é possível compreender a formação das desigualdades e dos problemas sociais e as derivadas resistências aos processos de massificação, que podem resultar nas lutas por emancipação. Seus pressupostos parte da articulação da Psicologia Social de George Mead, da Filosofia hegeliana e da Teoria Crítica de Habermas, contribuindo para a Psicologia Social Crítica (LIMA, 2009)

Ciampa (1987) realiza pesquisa sobre a identidade e ação política, onde estuda a ideologia da não transformação, da identidade constante e estável. Numa sociedade moderna regida pelo sistema capitalista, essa seria uma leitura crítica possível. Nesse momento, apresenta a identidade como articulação entre diferença e igualdade, sem objetividade e subjetividade. Na ausência de um, o outro não pode se realizar.

Seguindo na seara da compreensão da dinâmica da identidade humana, deriva-se seu caráter dinâmico, de construção e reconstrução por meio da passagem do tempo e em meio ao convívio em sociedade, numa multiplicidade de experiências vividas. Entretanto, na contemporaneidade, essa metamorfose se dá como “luta por reconhecimento frente a uma sociedade capitalista que tende a reduzir a identidade a personagens fetichizadas que negam sua totalidade em favor do universal dominante: o Capital” (LIMA, 2009)

Do ponto de vista social, a constituição da identidade se realiza em diversas formas de reconhecimento. Por contrastes, entre objetivo e subjetivo, o sujeito reconhece-se a si mesmo pela quando afirma ou nega o que o constitui. Para Ciampa (1987), quando não reconhecido, o indivíduo tende a se sentir-se preso no que um dia foi, mas que não reflete a verdade atual.

Como constitutivamente social, o desenvolvimento da identidade passa por diversas formas de reconhecimento. A partir dele, sempre na articulação entre o objetivo e o subjetivo, o sujeito reconhece-se a si mesmo pela afirmação e

negação do que o constitui. O não reconhecimento, ou o reconhecimento desumano, leva à experiência de aprisionamento naquilo em que já se foi, em uma imagem reconhecida, mas que não corresponde mais à verdade subjetiva do sujeito. Nesse caso encontra-se com a chamada “mesmice” (CIAMPA, 1987), fenômeno em que domina a cena uma personagem fetichizada e que não permite a alternância do palco, já que a plateia se recusa a reconhecer qualquer outra que ganhe corpo.

Social, a identidade está sujeita às mudanças pela estrutura societal que passa. A identidade é metamorfose constante porque ao mesmo tempo em que o contexto nunca permanece estático, por mais que a ideologia dominante esteja a esse favor, as experiências humanas em um mesmo contexto são infindas, irrestritas, passando por todos os estímulos sensoriais, alcançado as mais diversas conexões cognitivas e simbólicas.

A fim de elucidar esse fenômeno, seus insumos e desdobramentos, Ciampa (op. cit.) recorre a uma metáfora com elementos da dramaturgia: as personagens representam a expressão empírica da identidade, uma de suas facetas concretizadas em situações do cotidiano, assim a identidade é formada pela articulação das várias personagens vividas pelo sujeito. O movimento em que se encontra, permanentemente, a identidade, é constituído pela dinâmica das personagens, pela configuração que formam como “momentos da identidade, degraus que se sucedem, círculos que se voltam sobre si em um movimento, ao mesmo tempo, de progressão e de regressão” (ibidem, p. 198)

Para melhor entendimento, Ciampa faz uso de metáfora usando elementos da dramaturgia. Viver, significa vestir e dar vida a personagens. Quando nos apresentamos aos outros, somente uma parte do somos é expressada e é impossível expressar-se na totalidade. As personagens se realizam por meio da relação entre si, para que a cena aconteça, o pai só pode atuar e se transformar se contar com a presença do filho. A atuação é capaz de criar elementos para identidade do ator e o inverso também acontece.

Trazendo à luz a teoria de Mead (1992), podemos derivar a relação entre “mim” e o “eu”. Nesta relação o “eu” pode contracenar com vários “mim(s)” em

conformidade com as inúmeras situações experimentadas. Ciampa explica que a relação se dá por contraposição, onde o eu seria a exteriorização da individualidade expressa nas atitudes externas e o mim, a internalização dessas atitudes. Assim, para Honneth (1996) identidade é conflito, por essa oposição e por vezes a negação se uma identidade pressuposta e a representação de uma nova identidade, a espera de um reconhecimento externo. Para Ciampa (1987), a “alterização”, vivida a partir dessa negação gera um conjunto de mudanças quantitativas que acumuladas, se convertem em transformações qualitativas. O potencial de propor novas conformações identitárias pode ocorrer, de acordo com o que faz sentido observando o contexto histórico presente.

Esse esforço pela autodeterminação pode gerar a ampliação da consciência, é a partir dela que o sujeito começa a refletir sobre si mesmo e sobre o mundo. “À medida que vão ocorrendo transformações na identidade, concomitantemente ocorrem transformações na consciência” (CIAMPA, 1987, pg. 186), bem como em suas ações A personagem constitui-se pela atividade, e o fazer é sempre atividade no mundo, na e em relação com os outros. O indivíduo é o que faz no mundo, é relação, determinado também pelo que não é ele, por aquilo que o nega; identidade é relação entre o diferente e o igual.

Ciampa (ibidem) propõe o trinômio atividade-consciência-identidade considerando que as três categorias estão sempre acompanhadas uma das outras; já sabemos que é com a interação com o mundo externo, testando suas reações, pela socialização e pelo trabalho, que o ser humano conhece o a si mesmo e ao outro, cria a imagem de si e do outro generalizado, alcança algum nível de consciência. A identidade, ganhando sentido nesse âmbito, só existe e se transforma pela atividade e pela consciência.

Identidade assim compreendida ultrapassa a esfera do individual e do social, é uma questão política. Isso fica evidente ao considerarmos que as identidades são alterizadas “pela aprendizagem de novos valores, novas normas, produzidas no próprio processo em que a identidade está sendo produzida, como mesmidade de aprender (pensar) e ser (agir)” (CIAMPA, 2001, p. 241). Na medida em que o desenvolvimento de normas intersubjetivas válidas, e a progressiva concretização de identidade humana, dependem das possibilidades de

exercício da liberdade de escolha do que seja uma vida que vale a pena ser vivida, a identidade como metamorfose coloca-se sempre como potencial humano contra as estratégias de dominação.

Ciampa (1987) sintetiza essa questão, da identidade como fenômeno político, composto e componente do mundo socialmente compartilhado, no seguinte trecho de “A estória de Severino e a história de Severina”:

Não ter uma identidade humana é não ser homem. Pois como o singular materializa o universal na unidade do particular, quando o particular (que no nosso caso é a identidade de um indivíduo dado, como Severina) não concretiza essa unidade, o universal permanece abstrato, falso (que no nosso caso é a sociedade capitalista). (...) Mas esse mesmo mundo que o nega, é um mundo produzido por ele; por mais paradoxal que isso possa parecer, nosso mundo – que é um mundo desumanizador – é um mundo humano, produzido pelo próprio homem, que assim se faz homem (como produtor do mundo humano), ao mesmo tempo em que o faz não homem (como produto do mundo desumanizador). A contradição, enquanto não for superada, sempre será repostada como *mau infinito*.” (CIAMPA, 1987, p. 227-228)

O aprisionamento na mesma relação, de refém do mundo criado por ele mesmo é sintoma do reinado do “interesse da razão interesseira”, da “desrazão”. Termos utilizados pelo autor para denunciar que a razão em voga na sociedade capitalista é substancialmente irracional, pois inaugura e mantém um mundo que não merece ser vivido já que se constitui como ameaça à autoconservação da espécie. O homem instrumentalizado, transformado em ferramenta, é utilizado pelas coisas, em vez do contrário; cada indivíduo, em vez de devir-homem, devém não homem.

A identidade é pensada em “A estória de Severino e a história de Severina” (CIAMPA, 1987) a partir de Hegel (1974), como resultado de uma contradição superada, em movimento contínuo de novas contradições e superações, na dialética de posição-reposição formada pela construção do que o indivíduo faz a partir do que fizeram e fazem dele em cada momento e em todos os momentos. A identidade sempre é pressuposta, não há como fugir disso,

mesmo quando a desconhecemos, a pressupomos: como um recém-nascido, que mesmo antes de nascer, já é associado a um “ele”. A dialética é parte da história e da vida, o que precisamos compreender é seu sentido, ela pode ter sentidos positivo e negativo.

Mas, se a identidade é sempre movimento, metamorfose que se dá pela contradição entre as particularidades dos desejos interesses e vontades e o padrão, que ganha expressão pela articulação entre diversas personagens, como é possível a aparência de não metamorfose, a partir da qual acreditamos, por vezes, que permanecemos os mesmos?

Ciampa (1987) retona a Mead para compreender como, na articulação entre “mim” e o “eu”, pode ocorrer um tipo de mecanismo que impede o indivíduo de autodeterminar-se; no jogo linguístico por meio do qual o “Eu” o sujeito é individualizado e socializado se faz a nomeação, processo pelo qual o homem passa a reconhecer-se, em que o “bicho-humano” se humaniza e se determina (Ibidem, p. 132). A nomeação é feita de fora para dentro, a partir dos outros, e com ela o sujeito identifica-se, no entanto ela ultrapassa o nome próprio, chega aos atributos físicos e de personalidade, às fases da vida, às ocupações e funções; determinam o que se espera do indivíduo nos mais diversos aspectos.

Na sociedade do consumo, a nomeação está atrelada ao poder de compra e, já que parcela esmagadora da população depende de sua força de trabalho para acessar as mercadorias necessárias à sobrevivência, ao lazer e ao reconhecimento como cidadão, o rótulo recebido também se vincula ao cargo de trabalho ocupado. O emprego, apesar de decadente como contrato de trabalho, é ainda sonho de muitos, pois significa receber o nome, ser parte de uma classificação que não a de desempregado ou inútil; o padrão ainda está pautado nesse modelo.

Nicoletti (2011) apud Fausto (1983) aponta claramente, no capitalismo, o capital como sujeito e o homem sempre reduzido a personagem que oculta todas as outras facetas do indivíduo não contidas, sem espaço, na identidade pressuposta e repostas. As diversas personagens representadas seriam, para o autor, mediações do movimento do capital, permitidas por serem úteis à sua

rota. A padronização das personagens pré-supostas tem como interlocutoras as instituições modernas, os papéis institucionais determinam as personagens que encontrarão espaço nas diversas organizações, também a do trabalho. Mead (1992) já alertava que as instituições, enquanto “Outros generalizados”, poderiam interferir negativamente no desenvolvimento dos “selves”. Elas podem “esmagar” a individualidade, inibir expressões de conduta e pensamento originais das pessoas, as personalidades individuais (ibidem, p. 262)

A aparência de não metamorfose, de constância de algo que é a mudança, dá-se, na sociedade capitalista, pela pressuposição e da re-posição da atividade; em vez de “presentificar” os sujeitos representam, na metáfora do teatro pensada por Ciampa, é o ator que não alcança a espontaneidade, sem atingir o “estado criador”, em que personagem e ator identificar-se-iam em uma “metamorfose miraculosa”. O ator representa sem que o papel lhe faça sentido.

A necessidade de normatização de determinadas personagens, de acordo com os papéis funcionais (como de pai, mãe, filho) caminha de ao lado risco de que tal personagem se torne pura determinidade em infinita reposição, com aparência de não metamorfose. A identidade é aprisionada à personagem pela predicação de uma atividade anterior, que não é mais desempenhada, mas que resulta em proposições substantivas, como “é lavrador e não lavra mais a terra”. A atividade coisifica-se, assim, em forma de personagem, e é ela quem passa a ser conhecida: a identidade assume a forma de personagem, personagem substancial, traduzida por proposições substantivas e não mais constituída pela atividade, por proposições verbais (CIAMPA, 1987).

É no artifício de descolar-se da atividade que a personagem se torna soberana sobre o indivíduo, determinando sua identidade e não mais a compondo pelo movimento constante de articulação com outras personagens criadas e recriadas a partir da consciência e da atividade sobre e no mundo. Fenômeno esse chamado “fetichismo da personagem” constitui o que Ciampa (op. cit.) apresenta como “identidade mito” da qual decorre a aparência de ser estático, o sujeito coisificado. A personagem-fetichismo inverte o processo de busca de reconhecimento, implica o jogo em que a identidade seja determinada por sua pressuposição e repostada indiscriminadamente, até que as expectativas de fora em

relação a ela mudem ou que o sujeito se rebele quebrando o ciclo.

Da reposição permanente da identidade como pré-suposta decorre a “mesmice”, a qual se desenvolve pela assimilação rotineira do passado, que se torna hábito, ocultando a metamorfose da identidade (CIAMPA, op. cit. p. 140); a mesmice, o fetichismo da personagem e a identidade mito compõem o mesmo fenômeno o de reificação do homem. Paródia do relatado sobre a mercadoria, em “O Capital” (MARX, 1984, a personagem fetichizada comparece agora pela forma de valor social, levando os indivíduos a reproduzirem-se como réplicas de si mesmos). O ser humano passa a ser um ator preso à mesmice imposta na preservação dos interesses estabelecidos, de situações convenientes ao capital.

“De certa forma, reatualizamos, através de rituais sociais, uma identidade pressuposta, que é vista como algo dado (e não como se dando continuamente através da reposição). Com isso, retira-se o caráter de historicidade da mesma, aproximando-a mais da noção de um mito que prescreve as condutas corretas, reproduzindo o social” (CIAMPA, 1987, p. 163)

Assim a identidade parece ter único momento temporal, aquele em que surge como uma “revelação” de algo preexistente e permanente. O que acontece de fato é que nos ornamos de nossas predicções, interiorizando a personagem que nos é atribuída, identificando-nos com ela. O que parece pauta de discussão é o grau de liberdade que o sujeito tem para escolher, ou ser escolhido, por suas personagens. A reposição da identidade pressuposta instaura a inércia no sentido de que para sair desse movimento cíclico e repetitivo é necessária uma força propulsora;

A inércia, por ser monotonamente repetitiva, camufla a noção de temporalidade. Na medida em que a reposição da identidade deixa de ser vista temporalmente, tomada como manifestação constante do ser, sempre idêntico a si mesmo, a história parece perder seu papel nesse processo, já que sempre teria sido e sempre será o mesmo. A situação ganha ar de naturalidade refletida no discurso de que “a pessoa é o que ela é”, sendo que, de fato, a reposição que sustenta o fenômeno da mesmice tem seu ponto nevrálgico na submissão da

identidade individual a condições socioeconômicas desumanas, construídas ao longo da história, estruturas formadas pelo próprio homem em sociedade. (CIAMPA, 1987)

Em contraste à mesmice se coloca a “mesmidade”, isto é, a possibilidade de tornar-se outro, de alterar-se por uma mudança significativa, um “salto qualitativo” resultante do acúmulo de mudanças quantitativas, graduais e não radicais (ibidem, p. 234). No caso de Severina, sujeito de sua tese, a alterização desemboca em movimento emancipatório de identidade pela negação de um mundo que não merece ser vivido; pela construção de uma nova personagem, Severina-budista, é possível a negação do que a negava, a superação das contradições que estavam postas, e o alcance do reconhecimento na relação com um mundo mais humano.

Almeida (2005) sintetiza como processo de alterização pode repercutir na metamorfose da identidade com sentido emancipatório:

A nova identidade, desejada ou conquistada, expressa um reposicionamento dos sujeitos frente àquela a que se espera que eles devam se conformar. Expressa nesse sentido, um processo de metamorfose dotado de características emancipatórias, pois as modificações identitárias representam, na busca da autonomia frente aos preceitos dados, o assumir um lugar de sujeito do olhar, uma (re)colocação do sujeito ante as condições pessoais e sociais restritivas que lhe são impostas(...) (ALMEIDA, op.cit., p. 113; 160)

Os indivíduos que resistem à política de identidade proposta, ao enquadramento e buscam ser reconhecidos a partir de sua posição, geralmente são considerados anormais, problemáticos, por serem anamorfozes em relação à política de identidade instituída, colocando a ordem em perigo.

5.2 Aspectos formadores da identidade de três líderes do MNCR

Neste capítulo, apresentaremos o desenvolvimento da análise das trajetórias de vida dos sujeitos desta pesquisa. O procedimento teve início como descrito detalhadamente no capítulo 2, com a construção de oito categorias, tendo em vista os relatos dessas trajetórias, num esforço de sistematização para responder aos objetivos e hipóteses com precisão e clareza. Para testar se as categorias cumpriam essa proposta, escolhemos um dos sujeitos e respondemos cada categoria com todos os trechos da entrevista que a correspondesse, que estamos considerando como o primeiro resultado dos aspectos formadores da identidade destas pessoas.

O segundo passo foi a análise geral das trajetórias de vida, fundamentada nas concepções propostas por Ciampa (1987) acerca da identidade, que também tencionou verificar se o postulado teórico escolhido se adequa aos nossos objetivos.

Finalmente, para concluir a análise e a verificação de sua validade, elaboramos um procedimento que sistematiza os conceitos de Ciampa e os relaciona às categorias construídas a partir das trajetórias, de forma a imbricar as duas etapas anteriores do procedimento adotado.

5.2.1 – Etapas de vida aplicadas à uma das trajetórias de vida

A condição, antes de ser catador. Porque se tornou catador?

“Bom na verdade assim, né, falando nesse processo de catação né, de catador mesmo, eu iniciei na catação quase que por uma fatalidade familiar, porque na época, em meados de 2003, 2002 ou 2003 eu trabalhava em uma empresa e aí eu resolvi sair da empresa e tava na época desempregado e aí minha sogra trabalhava no antigo lixão da cidade e aí na época de carnaval, tem o carnaval aqui no município, no teatro de Arena, aconteceu uma fatalidade, do meu cunhado ser atingido por tiro lá, veio a falecer e aí nesse período a minha sogra que trabalhava no lixão, ela ficou logicamente abalada pela morte do filho e não

consegui mais por um bom tempo ir no lixão trabalhar pela questão da perda do filho e aí eu desempregado resolvi arriscar, fazer a vez dela, uma vez que ela não tava podendo ir e aí resolvi num belo dia lá, falei: não, eu vou lá no seu lugar, tal. Mais carregado pelo lado sentimental da coisa, assim, emocional e aí fui conhecer o trabalho dela no lixão tal e ao mesmo tempo trabalhar pra dar uma força naquele momento lá, que, a renda dela vinha exclusivamente do lixão e acabei indo pro tal lixão. E aí iniciei o trabalho lá junto, tinha lá umas vinte pessoas e aí tudo muito estranho porque nunca tinha feito isso e fiquei uma semana e aí senti que realmente ela tava bem ruim, não ia voltar naquele instante lá, eu resolvi ficar mais um bom tempo.”

A percepção de si mesmo

E aí nesse período era interessante porque era a primeira vez que os catadores do antigo lixão, ia ter uma relação mais aprofundada com a população até enquanto tava no lixão era pessoas extremamente invisíveis lá, quase ninguém sabia, que tinha pessoas trabalhando no lixão, até porque a gente percorria a distância da nossa casa até o lixão, aproximadamente vinte quilômetros por dia e aí ficava num local bem afastado da cidade, até porque o lixão é num local afastado e voltava pra casa todo dia noite. Então atravessava a cidade meio que quase que invisível mesmo, ninguém sabia qual era a atividade que a gente exercia.

E aí também nesse período de dificuldade, ela mãe solteira, com as dificuldades dela. E eu perdi também depois a minha mãe muito nova. Então aí nesse período a gente teve que criar uma força extra, porque já vinha de uma situação que ela tava conduzindo a família meio que sozinha, e aí ela faleceu muito nova também e aí a gente, eu, particularmente tive que ter uma força a mais, mas o interessante é que, não consigo identificar se era liderança pro negócio em si, acho que não, na época. Mas assim, eu percebo que eu era meio rodeado de amigos assim que, que eu percebo que até hoje, que o pessoal naquela época tinha um certo respeito com o tipo de diálogo que a gente tinha. E também partir por esse caminho mesmo, mãe solteira, não tendo pai, num partir

pra outro caminho que não fosse o caminho da legalidade, do negócio e aí dentro do ambiente escolar, aí sim. Não sei, não é prepotência nada, mas eu acho que, dentro do grupo da escola eu acho que eu já era reconhecido ali como uma pessoa meio que de referência mesmo. Ah, vamo fazer isso, vamo fazer aquilo. Não sei se isso tem alguma interferência no que a gente alcançou hoje, falando da atividade de catação, mas sei lá, pode até ser que, tinha alguma coisinha lá, algo a mais aí que serviu pra depois conduzir esse processo que é um processo complicado, é difícil né, eu acho que, são pessoas abençoadas que conseguem conduzir esse processo aí e fazer uma cooperativa, de fato sair do papel e virar uma coisa real né. Por que se... o acreditar teve que partir da gente, porque embora as pessoas, queriam dar uma força, ajudar, mas não tem como, a cooperativa depende muito do querer das pessoas que estão a frente. Que é ela que conduz o restante do grupo e faz o grupo acreditar que o impossível é possível, entendeu, então... acho que é isso, é, não sei. Devo ter sido escolhido pelo grande lá, ó, é você mesmo que tem que carregar esse fardo, tamo aí

A transformação profissional, a luta política, as conquistas

“E aí nesse período eu comecei a ler questão de formação de cooperativa, como se daria isso, tal. E aí nesse período eu meio que conversei com algumas lideranças que a gente já tinha, algumas lideranças antigas do lixão e aí propus pra eles: ó de uma forma ou de outra não ter como, a gente vai ter realmente que sair daqui e isso foi uma questão legal, a justiça tá falando que não pode mais, então a gente precisa ver o que a gente vai fazer porque esse momento é chegado e eu acho que a gente tem... na época tinha três meses, porque o lixão encerraria no finalzinho do ano e aí chamei esses líderes aí e falei: olha, eu tenho estudado sobre cooperativa, o que que cês acham de nesse momento aqui, já que vai encerrar as atividades aqui, da gente conhecer uma cooperativa da nossa região pra sentir como que é, se dá certo, se não dá, pra gente se antecipar a aquilo que a gente já sabe que vai acontecer. E aí a gente visitou uma cooperativa, vizinha nossa aqui, na cidade de Batatais e aí o pessoal, as lideranças, juntamente comigo gostou da ideia, o pessoal passou como funcionava tal, e aí a gente ficou meio com aquela ideia e aí retornou pro lixão e aí boa parte

das pessoas que trabalhavam lá imediatamente após a visita procurou o município novamente com essa ideia: ó, uma vez que vai retirar a gente do lixão aqui a gente quer continuar exercendo essa atividade.

Em 2005 a gente conseguiu formalizar de fato a cooperativa e aí iniciou o processo de diálogo com o município, primeiro ponto que foi o local, né, até porque sem o local a gente não conseguia nem trabalhar. A prefeitura tinha já, ao sair o CNPJ e a documentação da cooperativa, ela já enviou esse processo da cooperativa para a câmara municipal e foi aprovada a cessão de uso do local pra gente iniciar o trabalho.

A prefeitura tinha já, ao sair o CNPJ e a documentação da cooperativa, ela já enviou esse processo da cooperativa para a câmara municipal e foi aprovada a cessão de uso do local pra gente iniciar o trabalho.

E aí, ela, a gente conseguiu fazer com que o município doasse uma prensa, porque a gente vendia o material solto e aí não conseguia agregar valor, vendia por um valor pequeno e isso influencia na renda. Então depois de porta em porta, a prefeitura também ajudando na divulgação do trabalho, cedeu além do espaço, um trator com uma carretinha que já era parte, né. E aí conseguiu formalizar um termo de cessão de uso de uma prensa. Isso também deu uma alavancada no ano de 2007, já no início vendeu o material por um preço melhor e aí esse grupo foi se animando cada vez mais.

E aí o valor que a gente conseguiu do projeto BNDS foi de 448 mil reais, que na época possibilitou a construção da sede nossa aqui, com refeitório, escritório, a compra de mais uma prensa, uma esteira e aí o avanço maior foi a compra de um caminhão. Foi o primeiro caminhão nosso, que a gente conseguiu com recurso do BNDES, aí deu pra alavancar ainda mais porque a prefeitura continuou cedendo o trator né, mas aí a gente já tinha um veículo próprio, pra fazer e ampliar a coleta no município.

Então a gente pleiteou esse caminhão junto à FUNASA, porém ele demorou um pouco, o projeto em meados de 2009, 2010, esse caminhão da FUNASA chegou aqui pra gente em 2012. Mas entre 2009 e 2012, na chegada desse

caminhão próprio pra cooperativa, a gente recebeu a visita do então secretário estadual do Meio Ambiente, veio conhecer o município aqui e aí resolveu conhecer a estrutura da cooperativa, né e aí por nossa surpresa, após ele conhecer e dialogar com a gente aqui, ele de imediato anunciou pra gente que a secretaria estadual estaria fornecendo um novo veículo pra cooperativa, aí desse vez via convênio com o município né. Então a gente já tinha um caminhão do BNDES, já tinha um caminhão da FUNASA que demorou pra chegar, mas nesse meio veio um caminhão da Secretaria Estadual.

Já em 2013 pra 2014 a cooperativa resolveu iniciar um processo novo também, que foi, uma vez que a cooperativa já tava bem estruturada, já participou de editais públicos e já tinha incentivado outros municípios a pagar pelo serviço, a cooperativa iniciou o trabalho de trabalho em rede dessas cooperativas, pensando que ó, a gente junto vai ter mais força, tanto junto ao município quanto à atividade em si.

E aí a Cooperlol mais uma vez encabeçou esse processo em 2013 e aí em 2013, já com esse processo mas a rede ainda não formalizada, a Cooperlol ousou mais uma vez enviar um edital junto a Fundação Banco do Brasil, através de um edital público, esse contemplava exclusivamente redes de cooperativas, mesmo que elas não estivessem formalizadas, o edital previa que teria que ter uma cooperativa singular, representando as demais cooperativas. E aí pra nossa felicidade a gente conseguiu de novo ser contemplado nesse edital, né. O edital, a princípio prevê a compra de equipamentos junto à FUNASA, que é aquele processo que eu já falei antes que é demorado, ele vem se arrastando desde 2013, mas dentro do projeto é um projeto de nivelamento, aonde vai nivelar as cooperativas pelo menos no quesito equipamentos e a outra parte do projeto é voltada pra consultoria, e esse com a Fundação Banco do Brasil, que prevê no final do projeto um plano de negócios de estruturação da rede, pra ela dar um passo adiante aí, na comercialização, na verticalização do material, na produção de um produto final, oriundo do material que essas cooperativas coletam.

A base familiar

A minha, em especial, é que a dificuldade já iniciou desde criança porque, eu não conheci meu pai porque abandonou minha mãe, eu tenho outro irmão na verdade, né. Eu quando ainda muito pequeno, não lembro nem da face do meu pai, na verdade, porque ele abandonou o barco e aí a minha mãe teve que toca o barco sozinha. E aí também nesse período de dificuldade, ela mãe solteira, com as dificuldades dela. E eu perdi também depois a minha mãe muito nova. Então aí nesse período a gente teve que criar uma força extra, porque já vinha de uma situação que ela tava conduzindo a família meio que sozinha, e aí ela faleceu muito nova também e aí a gente, eu, particularmente tive que ter uma força a mais (...)

Sua mãe morreu você tinha quantos anos?

Eu tinha, na verdade, já era adolescente, acho que dezesseis pra dezessete anos. Morreu de infarto na verdade.

Você tem quantos irmãos?

Só um, mais velho. E na sua casa, ele também tinha essa capacidade de se virar ou você acha que era mais você? Não, não, meu irmão, desde novinho né, ele é dois anos mais velho que eu, eu estudava e ele desde novinho já pensava em trabalhar. Ele fazia serviço mais assim, braçal né, desde pequeno, então até hoje o foco dele sempre foi esse, hoje ele é metalúrgico, tá até com problema de saúde, teve que operar da hérnia, tá afastado e tal, e ele era mais questão de serviço braçal.

Ele nunca se envolveu com luta sindical?

Não, meu irmão não. Era mais voltado pra questão do trabalho dele mesmo. Ele não era meio que engajado nisso não.

E você já buscava mais estudar?

Por vezes dava uma enganada, não tinha muito a noção da importância do estudo, né, mas assim, estudava sim, fiz o segundo grau completo, nunca repeti

de ano, isso aí era bem tranquilo. Até fiz um vestibular assim que acabou o segundo grau mas aí acabou não dando certo.

As dificuldades

(...)o pessoal do lixão tava sendo constantemente ameaçado de ser retirado do local por questão do órgão ambiental, a CETESB, junto com o Ministério Público, a própria Prefeitura, tava iniciando um TAQ para a retirada dos catadores do lixão. E aí os catadores lá, eu fui sentindo que eles estavam se agonizando lá com essa questão de perder o emprego, embora um trabalho complicado, mas era o que eles faziam, sustentava as famílias. (...) e aí em meados de novembro veio uma nova notícia que de ó, o TAC já foi firmado e realmente vocês mais um mês e meio aproximadamente aqui pra encerrar as atividades. Muitas pessoas na época eu me lembro bem que entrou até em depressão porque resistia em sair do lixão porque já tinha um vínculo com aquela atividade, aquela luta, aquela batalha diária. (...) E aí chegou o grande dia realmente, em dezembro, de fato aquilo se concretizou e fez o encerramento das atividades. Nesse meio tempo não deu pra gente fazer a formalização enquanto cooperativa porque teria que formalizar pra prefeitura já tinha sinalizado que ia apoiar a iniciativa, mas precisaria de um documento formal da cooperativa pra fazer a cessão do espaço que hoje a gente ocupa aqui, já há dez anos. Ficou aproximadamente três meses correndo atrás dessa documentação e aí em 2005, de fato, a cooperativa foi concretizada. (...) Então fiquei de 2003 a 2005 também trabalhando no lixão. (...) . Nesse período aí, a cooperativa foi formada por vinte e uma pessoas, que eram todas do antigo lixão. No primeiro mês já houve a desistência de cinco pessoas, porque a renda, é... a primeira venda do material a gente conseguiu dividir entre nós oitenta reais, na época, isso em 2006. E aí no terceiro mês já saiu mais seis cooperados, todos do antigo lixão, porque, embora a gente se esforçasse, a renda não conseguia durante os meses ultrapassar cento e oitenta reais, na época. E aí chegou um ponto crítico, né, a cooperativa que tinha 21, passou a ter 10 pessoas, 11 pessoas e aí a gente fez uma reunião com aqueles que restaram, digamos assim né, do grupo e aí a gente num ponto de decidir se a cooperativa de fato iria continuar, essas pessoas que tavam aí acreditando, né. (...)E aí então a gente iniciou, desse

bairro começou fazer em outros bairros e aí a coleta foi aumentando, consequentemente a venda também, durante um ano, a gente, de 180 conseguiu alcançar na época, 300, 350 reais

As referências pessoais

Aí outra coisa também é que em 2010, história com é complicada, porque em 2010 , minha sogra que me fez ir até o lixão e acontecer tudo isso, ela veio a falecer, aqui dentro da cooperativa, porque ela morava aqui, e aí talvez, de tudo isso que a cooperativa conquistou que pra nós aqui é uma questão delicada foi essa perda dela. A cooperativa naquele momento a cooperativa ter conquistado algumas coisas e aí nisso os cooperados tem noção disso, que a cooperativa só existe, hoje eles alegam que a cooperativa só existe por causa dela, porque se eu fui pra lá e conduzi o processo de formação da cooperativa, eu só fui por causa dela, mesmo que por uma fatalidade. Então na verdade é isso né, as coisas acontecem e a gente não tem o poder de mudar né. É assim uma das coisas que a cooperativa fica meio bambeada quando entra nesse assunto assim porque, parte dos catadores do antigo lixão ainda tá aqui, eu e mais outras companheiras. E ela também era um símbolo da cooperativa também, porque, minha sogra era meia porreta também. Digamos assim, não comia nada amanhecido né, então. Mas se ela tivesse aqui, a gente acredita que a cooperativa teria avançado ainda mais, porque, questão de disposição pra trabalhar assim ela é considerada até hoje, mesmo não tando aqui mais como a pessoa que mais trabalhava lá no lixão, passava dias, até posava no lixão e acabou construindo uma residência com o dinheiro do lixão. Então foi uma perda que a gente sente até hoje, é complicado né. Mas aí o bom é que as filhas continua aqui, então, provavelmente a história dela então... dos filhos, pode ser que os netos também vai ingressas na cooperativa, então, o conforto vem daí, né, tem alguém ainda que representa ela.

Sim, porque eu peguei as dores dela e trouxe pra mim, né. Porque também, na época de desempregado eu poderia, novo ainda, procurar um outro emprego, mas não, só fui lá também por respeito a ela, naquela época já entender a dificuldade que era, né, uma mulher encarar o negócio de frente mesmo. E dentro

do clube o interessante é que algumas pessoas tinha dentro do lixão, tinha vergonha, não sei se é vergonha, de falar ah eu trabalho lá em tal lugar e ela não, ela desde a época, ela batia no peito que atividade dela era aquela mesmo, é daquilo que ela vivia e ponto final. Então, é a pessoa que mais simboliza aí a alternativa de pegar ... também é por via dela né.

Características pessoais de liderança

E aí nesse período eu comecei a ler questão de formação de cooperativa, como se daria isso, tal. Mas aí nessa época, nessa transição de 2005 pra 2006, eu iniciei o processo de militância junto ao movimento nacional. E foi lá no movimento nacional lá em meados de 2006 que o pessoal já tinha alertado que ó, devido a articulação nossa enquanto movimento, a gente tá dialogando com o governo federal na busca de apoio, aí, pras cooperativas. E aí como 2006 eu fiquei um bom período frequentando as reuniões do movimento e tal,

Então a gente, eu, em particular já tava meio engajado na causa aprofundamento as informações, então eu propus para a cooperativa pra gente participar do edital.

Além disso, em 2005, 2006 na verdade, depois do projeto BNDES, aí sim, eu em particular, fiquei ainda mais militante do movimento e em 2009 eu passei a fazer parte da articulação estadual do movimento, cuidando de uma boa parte de uma região nossa aqui, conhecida como Alta Mogiana e também com alguma influência na região central, com algumas cooperativas lá. Nesse período a gente já entedia bem o que significa o movimento pra categoria.

A minha, em especial, é que a dificuldade já iniciou desde criança porque, eu não conheci meu pai porque abandonou minha mãe, eu tenho outro irmão na verdade, né. Eu quando ainda muito pequeno, não lembro nem da face do meu pai, na verdade, porque ele abandonou o barco e aí a minha mãe teve que toca o barco sozinha. E aí também nesse período de dificuldade, ela mãe solteira, com as dificuldades dela. E eu perdi também depois a minha mãe muito nova. Então aí nesse período a gente teve que criar uma força extra, porque já vinha de uma

situação que ela tava conduzindo a família meio que sozinha, e aí ela faleceu muito nova também e aí a gente, eu, particularmente tive que ter uma força a mais, mas o interessante é que, não consigo identificar se era liderança pro negócio em si, acho que não, na época. Mas assim, eu percebo que eu era meio rodeado de amigos assim que, que eu percebo que até hoje, que o pessoal naquela época tinha um certo respeito com o tipo de diálogo que a gente tinha. E também partir por esse caminho mesmo, mãe solteira, não tendo pai, num partir pra outro caminho que não fosse o caminho da legalidade, do negócio e aí dentro do ambiente escolar, aí sim. Não sei, não é prepotência nada, mas eu acho que, dentro do grupo da escola eu acho que eu já era reconhecido ali como uma pessoa meio que de referência mesmo. Ah, vamo fazer isso, vamo fazer aquilo. Não sei se isso tem alguma interferência no que a gente alcançou hoje, falando da atividade de catação, mas sei lá, pode até ser que, tinha alguma coisinha lá, algo a mais aí que serviu pra depois conduzir esse processo que é um processo complicado, é difícil né, eu acho que, são pessoas abençoadas que conseguem conduzir esse processo aí e fazer uma cooperativa, de fato sair do papel e virar uma coisa real né. Por que se... o acreditar teve que partir da gente, porque embora as pessoas, queriam dar uma força, ajudar, mas não tem como, a cooperativa depende muito do querer das pessoas que estão a frente. Que é ela que conduz o restante do grupo e faz o grupo acreditar que o impossível é possível, entendeu, então... acho que é isso, é, não sei. Devo ter sido escolhido pelo grande lá, ó, é você mesmo que tem que carregar esse fardo, tamo aí.

5.2.2 – Análise das trajetórias fundamentada na conceituação de identidade proposta por Ciampa

Ciampa (1987) formula o pensamento que desencadeia em como obtemos a identidade, perguntando a uma pessoa. Pode-se perguntar o nome, ou ser mais aberto e perguntar “quem é você”, e a resposta não será somente o nome, mas informações que a identifiquem. Contudo, conforme aponta Ciampa, na história de Severino, está explícita a dificuldade de defini-lo com as informações fornecidas na sua auto apresentação, até que a solução encontrada foi que o conhecêssemos por suas ações. Ciampa (1987) deriva que somos atividade, e que o dado é o

resultado do dar-se. Se nos concentrarmos no conteúdo das três entrevistas realizadas, é fácil identificar a importância da atividade para cada um dos entrevistados. A informação mais marcante dentre tudo o que foi colhido é de que estes indivíduos se identificam de forma predominante com suas ações.

O Sujeito 2, um homem, inicia sua fala dessa forma, quando é solicitado que conte a história de sua vida:

(...) Bom na verdade assim, né, falando nesse processo de catação né, de catador mesmo, eu iniciei na catação quase que por uma fatalidade familiar, porque na época, em meados de 2001, 2002 ou 2003 eu trabalhava em uma empresa e aí eu resolvi sair da empresa e tava na época desempregado e aí minha sogra trabalhava no antigo lixão da cidade e aí na época de carnaval, tem o carnaval aqui no município, no teatro de Arena, aconteceu uma fatalidade, do meu cunhado ser atingido por tiro lá, veio a falecer e aí nesse período a minha sogra que trabalhava no lixão, ela ficou logicamente abalada pela morte do filho e não conseguiu mais por um bom tempo ir no lixão trabalhar pela questão da perda do filho e aí eu desempregado resolvi arriscar, fazer a vez dela, uma vez que ela não tava podendo ir e aí resolvi num belo dia lá, falei: não, eu vou lá no seu lugar, tal. Mais carregado pelo lado sentimental da coisa, assim, emocional e aí fui conhecer o trabalho dela no lixão tal e ao mesmo tempo trabalhar pra dar uma força naquele momento lá, que, a renda dela vinha exclusivamente do lixão e acabei indo pro tal lixão. E aí iniciei o trabalho lá junto, tinha lá umas vinte pessoas e aí tudo muito estranho porque nunca tinha feito isso e fiquei uma semana e aí senti que realmente ela tava bem ruim, não ia voltar naquele instante lá, eu resolvi ficar mais um bom tempo (...)
(Sujeito 2)

Da mesma forma, a fala do sujeito 1 (mulher), se inicia já com a explicação de como iniciou o processo de catação:

Meu trabalho, meu trabalho como catadora começou na realidade após o plano Collor né, quando aconteceu todos... que você faz parte do processo né, pela idade nossa, nossa, creio que seja, pela nossa idade. É.. eu trabalhava num restaurante bem movimentado. O meu trabalho era noturno. E quem trabalha a noite tem uma renda melhor, dá pra se entender isso. E o plano, o restaurante não funcionou né, perdeu, os clientes não foram mais. Abria o restaurante, era

meia dúzia de pessoas que ali se adentrava. E aí resolveu fechar né, cada um teve que procurar outros meios de vida. E o bairro que eu morei, morei muitos anos ali no jardim América, um bairro de periferia e uma mulher, uma amiga minha, ela fazia alguns serviços pra mim né, tipo lavar roupa, o trabalho era noturno, cinco filhos né, eu tenho cinco filhos, então algumas coisas ficam difíceis né, ajuda na limpeza da minha casa. E ela trabalhava no lixão aqui de Araraquara. Tava sempre contando história né, o que fazia, o que deixava de fazer e tal e não o que. É... que era bom também o serviço dela. Hoje ela não é mais viva, a dona Jovelina, ela faleceu já. E ela falou assim “olha, por que você não vai trabalhar lá onde eu trabalho, lá no lixão comigo. Você vai ficar aí?” Do que está, como ta hoje né, na suposta crise, que foi uma crise criada, que a crise maior é uma crise criada do que propriamente dita, uma crise. Vamo lá né. Vamo lá conhecer, na primeira semana, na segunda, aí você já começa a pensar né, que que você vai fazer. Já não pagava aluguel porque a casa era dos meus pais, mas aí você tem pensar, o que que você vai fazer. Aí eu vim, eu vim no aterro (...) (Sujeito 1)

O sujeito 3 (homem), ao contrário, inicia a entrevista falando sobre como começou a trabalhar.

Bom, eu sou o sujeito 3, tenho quarenta anos, estou no Movimento Nacional faz catorze anos, que eu to no movimento nacional e minha história é a seguinte, eu sou natural de Itarumã, interior de São Paulo, minha mãe separou do meu pai eu tinha oito ano e aí depois eu tive que começar a trabalhar meio cedo, e aí e eu sempre trabalhei aqui na zona rural, eu sempre... região nossa é mais forte de cana né.. Aí a gente trabalhou mais na zona rural (...) (Sujeito 3)

Porém passa toda a entrevista descrevendo sua trajetória que parte da não ocupação definida à liderança do movimento nacional dos catadores.

Os fazeres, predicados, ação, acabam por incorporar a identidade daquele que faz, e daí se engendram diversos papéis sociais, como o filho, o pai, a mãe, o marido etc. O que deflagra a importância da ação de ser catador, líder de cooperativa e líder do movimento social é que a pergunta disparadora da entrevista foi “qual é a história de vida”, e a resposta em todos os casos foi a descrição pormenorizada da história que os levou a ser catadores e líderes. Os

dois primeiros indivíduos se identificaram mais com a atuação na cooperativa, com sua história de sucesso e apenas o terceiro, com a sua atuação no movimento social dos catadores.

(...) E aí nesse período era interessante porque era a primeira vez que os catadores do antigo lixão, ia ter uma relação mais aprofundada com a população até enquanto tava no lixão era pessoas extremamente invisíveis lá, quase ninguém sabia, que tinha pessoas trabalhando no lixão, até porque a gente percorria a distância da nossa casa até o lixão, aproximadamente vinte quilômetros por dia e aí ficava num local bem afastado da cidade, até porque o lixão é num local afastado e voltava pra casa todo dia noite. Então atravessava a cidade meio que quase que invisível mesmo, ninguém sabia qual era a atividade que a gente exercia. E aí a cooperativa formalizada, com espaço cedido pela prefeitura, além do espaço, eles cederam um trator, né, com a carretinha acoplada pra gente fazer a coleta do material na rua (...) (Sujeito 2)

(...) Aí a gente, foi nesse encontro aí que conheceu o movimento. Vamos, vamos articular o Comitê Oeste Paulista, né. O Comitê né, o movimento se organiza em comitês. Aí fizemos o Comitê Oeste Paulista, conhecemos Prudente, aí a gente trouxe alguns catador, pessoal que catava na rua no outro encontro, das cidades regionais. Ourinhos não veio pra essa reunião ainda. Aí a gente falou, ah aqui é uma base do movimento, podemos fazer uma bandeirinha do movimento, mandemo pintar a bandeira (...) (Sujeito 3)

Para Ciampa (1987), identidade é história, assim não existem personagens fora de uma estória e não há história (se for humana) sem personagens. Nós nos transformamos a medida que, como atores, desempenhamos nossos diversos personagens. E aprofunda que, embora atores, dificilmente não ocorre a identificação com um personagem, por uma espécie de fetiche, que acaba controlando o ator.

Partindo do princípio que identidade é um fenômeno social, Ciampa (1987) desenvolve que não pode ser deixado de lado o conjunto de elementos que constituem e caracterizam um indivíduo (biológicos, psicológicos, sociais etc), mas

além disso a representação simbólica como “(...) uma espécie de duplicação mental” ou simbólica que expressaria a identidade do mesmo. Isso porque há como que uma interpenetração desses dois aspectos, de tal forma que a individualidade dada pressupõe um processo anterior de representação, que faz parte da constituição do indivíduo representado.” (CIAMPA, 1987, p.161).

Exemplifica que um bebê, antes mesmo de nascer, já recebe a representação de ser filho de alguém e membro de uma família. Essa noção não passará despercebida pelo indivíduo, que interiorizará a informação e a incorporará na sua objetivação social.

(...) Quando você conta um pouquinho da sua estória, você vai direto aquilo que a gente vivencia hoje, assim tem toda uma história pessoal nossa por trás de tudo isso também. A minha, em especial, é que a dificuldade já iniciou desde criança porque, eu não conheci meu pai porque abandonou minha mãe, eu tenho outro irmão na verdade, né. Eu quando ainda muito pequeno, não lembro nem da face do meu pai, na verdade, porque ele abandonou o barco e aí a minha mãe teve que toca o barco sozinha. E aí também nesse período de dificuldade, ela mãe solteira, com as dificuldades dela. E eu perdi também depois a minha mãe muito nova. Então aí nesse período a gente teve que criar uma força extra, porque já vinha de uma situação que ela tava conduzindo a família meio que sozinha, e aí ela faleceu muito nova também e aí a gente, eu, particularmente tive que ter uma força a mais (...) (Sujeito 2)

Obviamente, a identidade não é dada apenas por essa representação que pode ser anterior ao nascimento, mas validada pela vivência, nas relações travadas durante o percurso de vida. Disso entende-se a complexidade da identidade pressuposta que é re-posta e em cada momento é vista como dada e não como se dando, num processo contínuo de identificação.

É como se uma vez identificado o indivíduo a produção de sua identidade se esgotasse com o produto. Na linguagem corrente dizemos eu sou filho: ninguém diz estou sendo seu filho. (CIAMPA, 1987, p.163)

Outro ponto importante exposto por Ciampa (1987), para nossa análise à luz da sua teorização da identidade é está no postulado de que toda a identidade é

transformação. Ele ressalta que a impossibilidade de se manter inalterado e mesmo quando as mudanças são evitadas pelo indivíduo, o que realmente acontece é que ele está a se esforçar para ser uma réplica de si mesmo, como já foi um dia. Mas em alguns casos, a situação da mesmice é forçada involuntariamente, como no caso da nossa sociedade, o que acontece a milhões de pessoas, submetidas a condições econômicas sub-humanas, outros permanecem como réplicas de si, na tentativa de manterem a posição ocupada, por interesses e conveniências, em detrimento do que é humano, pela prevalência do capital.

Essa condição social, a dos desprivilegiados, foi a encontrada pelos sujeitos dessa pesquisa, porém, a despeito do esperado, eles conseguiram se transformar e superar a mesmice de ser apenas parte daqueles a quem foi negado o direito de evoluir em diversas instâncias. Houve nesses casos um diferencial, uma força incomum, propulsora de mudanças sociais, que foram introjetadas em sua identidade. A identidade desses sujeitos é marcada pelas conquistas coletivas que também se traduziram em conquistas sociais.

(...) a gente foi pra uma marcha em Brasília, onde a gente foi reivindicar em torno de 700 mil postos de trabalho no segmento de catador, a gente sentou com o governo, primeira vez que o movimento sentou com o governo. A gente entrou, foi recebido no palácio, naquela época era o presidente Lula, primeiro ele indicou a Fundação Banco do Brasil pra gente acessar recurso, aí a Fundação pegou e começou a soltar os primeiros editais. Aí a gente acessou, a gente comprou um caminhãozinho e uma extrusora que tem aí, aí começou a sair os editais, aí começou a articulação da, de um decreto na lei 11.445 a lei de resíduos, que criou um artigo de contratação direta de cooperativas, aí alterou o texto da lei, e aí a gente começou a ter acesso e a gente começou a discutir com os municípios (...) (Sujeito 3)

(...) E aí a cooperativa também fez um processo de tentar reconduzir aqueles catadores que era do lixão, que até então a gente entendeu o porquê da desistência na cooperativa, né. Porque algumas pessoas tinham aluguéis pra pagar e no lixão dava pra pagar, custear tudo e vindo pra cooperativa não dava mais, e aí a gente tentou resgatar essas pessoas. Alguns, depois da cooperativa já ter avançado um pouco, voltou pra

cooperativa, foi bem recebido. Outros não, mas ao tempo a cooperativa também começou a abrir campo para os catadores informais e para as pessoas que estavam desempregadas aí no município (...) (Sujeito 3)

Para explicar esse fenômeno, vamos recorrer ao que Ciampa (1987) explica como a alteridade, que resulta na negação da negação, ou o desenvolvimento de uma identidade posta como metamorfose constante.

Com esse termo, alterização, se quis expressar a ideia de uma mudança significativa – um salto qualitativo – que resulta de um acúmulo de mudanças quantitativas, às vezes insignificantes, invisíveis, mas graduais e não radicais. (Ciampa 1987, pág. 184).

Acreditamos que esse é caso dos sujeitos entrevistados nessa pesquisa, pois a questão não foi uma mudança de condição social, que em alguns casos não aconteceu ou foi discreta, mas houve uma soma de mudanças na consciência política, por exemplo. Ciampa (2002) afirma que “a medida que vão ocorrendo transformações na identidade, concomitantemente ocorrem transformações na consciência, (tanto quanto na atividade).

(...) E aí os catadores lá, eu fui sentindo que eles estavam se agonizando lá com essa questão de perder o emprego, embora um trabalho complicado, mas era o que eles faziam, sustentava as famílias. E aí nesse período eu comecei a ler sobre a questão de formação de cooperativa, como se daria isso, tal, dentro do grupo a princípio eu fui bem aceito, acho que também pelo fato da minha sogra ser companheira deles lá na época e aí eles também, carregado pela emoção dela, pelo sentimento dela, me aceitou numa boa e aí eu fiquei, um bom período lá e ao mesmo tempo analisando essa questão de encerramento do lixão ou não e num belo dia realmente chegou a notícia de que não tinha mais jeito porque já tava se prorrogando muito essa ideia de encerra essas atividades ou não encerra e aí a gente foi chamado pelo município pra receber a notícia de que a gente tinha um prazo determinado pra deixar o lixão porque não mais poderia ter catadores lá dentro né, devido a esse TAC que eles estavam finalizando. E aí nesse período eu meio que conversei com algumas lideranças que a gente já tinha, algumas lideranças antigas do lixão e aí propus pra eles: ó de uma forma ou de outra não ter

como, a gente vai ter realmente que sair daqui e isso foi uma questão legal, a justiça tá falando que não pode mais, então a gente precisa ver o que a gente vai fazer porque esse momento é chegado e eu acho que a gente tem... na época tinha três meses, porque o lixão encerraria no finalzinho do ano e aí chamei esses líderes aí e falei: olha, eu tenho estudado sobre cooperativa, o que que cês acham de nesse momento aqui, já que vai encerrar as atividades aqui, da gente conhecer uma cooperativa da nossa região pra sentir como que é, se dá certo, se não dá, pra gente se antecipar a aquilo que a gente já sabe que vai acontecer. E aí a gente visitou uma cooperativa, vizinha nossa aqui, na cidade de Batatais e aí o pessoal, as lideranças, juntamente comigo gostou da ideia, o pessoal passou como funcionava tal, e aí a gente ficou meio com aquela ideia e aí retornou pro lixão e aí boa parte das pessoas que trabalhavam lá imediatamente após a visita procurou o município novamente com essa ideia: ó, uma vez que vai retirar a gente do lixão aqui a gente quer continuar exercendo essa atividade. Tinham pessoas lá que já tavam lá há quase dez anos, né (...) (Sujeito 2)

(...) Porque assim, qual a ideia de você, quando a gente tava sozinho, a luta era meio isolada, aí começa a aparecer, porque a gente começou a lutar, lutar, começou veio recurso pra alugar esse barracão, arrumar maquinário, aí começou a aparecer, aí a gente começou, aí veio caminhão pra cooperativa, aí o pessoal disse, “é verdade, sem luta, não tem vitória, e a gente nunca pensou no individual, sempre no coletivo, as conquistas nunca foram individuais, sempre foram do coletivo, porque toda vez que a gente sai pra representar a gente sai com esse intuito porque ficam 100, 120, esperando sua devolutiva, então você tem... Aqui na região a gente somos mais de 500 catadores, então a gente quando sai representar a gente tá representando todos esses catadores. A gente participa do movimento (...) (Sujeito 3)

Ciampa (1987) afirma que o homem, como ser histórico, como ser social, que se traduz num horizonte de possibilidades, leva-se em consideração todas as dimensões de tempo, mesmo acontecimentos remotos podem ter consequências importantes na constituição da identidade. De um lado o homem é um “ser-posto” e de outro um “vir-a-ser”.

5.2.3 Relação das categorias construídas com conceitos de identidade de Ciampa

A partir da apreensão da literatura e durante a etapa empírica desta dissertação, bem como da práxis da pesquisadora no movimento social e com cooperativas de catadores de materiais recicláveis, e da sua formação na ciência psicológica, foram construídas as seguintes etapas do percurso de vida para a análise, as quais estamos considerando suficientes para esta análise da constituição da identidade de três líderes do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis:

- A condição, antes de ser catador. Por que se tornou catador autônomo (no lixão ou nas ruas)?

- A percepção de si mesmo

- A transformação profissional

- A luta política

- As conquistas

- A base familiar

- As dificuldades

- As referências pessoais (tratada no A)

Baseando-se na leitura do livro do pesquisador Ciampa, criamos uma sistematização da sua concepção de identidade, conforme apresentada no Quadro 1, a fim de evidenciar os aspectos que servirão de sustentáculo para nossa análise, e assim, facilitar a sua compreensão.

Quadro 1 – Conceitos sobre identidade sistematizados a partir da obra de Ciampa

Item	Conceito
1	Identidade é metamorfose
2	O indivíduo não é mais algo: é o que ele faz. Quando representamos a identidade usamos proposições substantivas, em vez de proposições verbais. Interiorizamos o que é predicado, a atividade coisifica-se sob forma de um personagem que subsiste independentemente da atividade que o engendrou e que deveria sustentar. A identidade é vista como dada e não como se dando, num processo contínuo de identificação.
3	Identidade como prática transformadora de si e do mundo. A unidade da subjetividade e da objetividade. Sem essa unidade, a subjetividade é desejo que não se concretiza, e objetividade é finalidade sem realização. Severina diz "Se não me transformar como vou transformar o ambiente" e mais "através da prática a gente vai se transformando"; acrescente-se: e vai transformando o ambiente.
4	A identidade se expressa por personagens múltiplos que se ora se conservam, ora se alternam. As maneiras diferentes de se estruturar os personagens indicam os modos de produção da identidade. Cada um é representante de si mesmo.
5	Identidade é história. Não há personagens fora da história assim como não há história sem personagem.
6	Parte da identidade é pressuposta, ou pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado. Mais tarde, essa representação é interiorizada pelo indivíduo, de tal forma que seu processo interno de representação é incorporado na sua objetividade social, como filho de determinada família, por exemplo.
7	Identidade se dá na relação. No exemplo do filho, não basta a representação prévia, o nascituro se constituirá como filho na medida em que as relações em que estiver envolvido concretamente confirmem essa representação. Contudo, os comportamentos vão ocorrer na medida em que é pressuposta aquela identificação da pessoa como filho, caracterizando a relação paterno-filial.
8	A não-transformação, a mesmice, pode ocorrer pelo esforço do indivíduo em evitar determinadas mudanças, e sem perceber, se torna uma réplica daquilo que já não está sendo. É o trabalho de reposição que sustenta a mesmice. A identidade pressuposta é re-posta a cada momento. Outros são levados a essa situação, involuntariamente, quando seu desenvolvimento é de alguma forma prejudicado. Pessoas com condições sócio-econômicas desumanas
9	Negação da negação - Se o indivíduo deixa de se re-por, está negando a negação dele mesmo, de que ele é metamorfose. Consiste então na metamorfose de sua identidade, na superação de sua identidade pressuposta. Isso permite a alterização da identidade, na eliminação da identidade pressuposta, que deixa de ser repostada e no desenvolvimento de uma identidade posta como metamorfose constante, em que toda a humanidade contida em si se concretiza.

Quadro elaborado pela autora, baseado nos conceitos do livro "A estória de Severino e a história de Severina – Um ensaio de psicologia social".

A proposta nesta etapa da análise é inter-relacionar as categorias construídas e os conceitos elencados no Quadro 1, com o intuito de aprofundar a compreensão das trajetórias de vida que são objeto desta pesquisa, trazendo à luz alguns aspectos formadores da identidade.

O quadro 2, a seguir, apresenta a correspondência entre as categorias de análise e os conceitos de identidade que servem à essa pesquisa.

Quadro 2 – Relação das categorias construídas com conceitos de identidade de Ciampa (1987)

Item	Categoria	Correspondência com quadro X					
A	A condição, antes de ser catador. Por que se tornou catador autônomo (no lixão ou nas ruas)?	2	4	5	6	7	8
B	A percepção de si mesmo	1	6	9			
C	A transformação profissional	1	3	9			
D	A luta política	1	3	9			
E	As conquistas	1	3	9			
F	A base familiar	2	4	5	6	7	8
G	As dificuldades						
H	As referências pessoais	7					

Vamos iniciar esta análise com o item A, do Quadro 2, “ A condição, antes de ser catador. Por que se tornou catador autônomo (no lixão ou nas ruas)? ” Nas trajetórias estudadas, identificamos nos relatos, como chegaram a atuar como catadores autônomos, que circunstâncias os conduziram a essa ocupação e que atividade de subsistência exerciam anteriormente. Numa aproximação aos conceitos de Ciampa sobre identidade, relacionados no Quadro 1, podemos tecer as próximas análises.

O catador autônomo, que trabalha nas ruas ou no lixão, é o indivíduo que exerce a atividade de retirar desses locais o resto das outras pessoas, ou seja, aquele material inservível, oriundo do consumo da população das cidades. Esse resto, que não tem mais serventia para a sociedade, uma vez que ela já extraiu

tudo o que poderia, é depositado e posteriormente selecionado por pessoas que descobriram que se vendidos, em alguma quantidade, torna-se reutilizável para indústrias.

No conceito do item 2 está descrito: O indivíduo não é mais algo: é o que ele faz. Quando representamos a identidade usamos proposições substantivas, em vez de proposições verbais. Interiorizamos o que é predicado, a atividade coisifica-se sob forma de um personagem que subsiste independentemente da atividade que o engendrou e que deveria sustentar. A identidade é vista como dada e não como se dando, num processo contínuo de identificação.

A identidade desse indivíduo recebe a predicação da atividade que ele exerce: de pessoa que cata materiais para vendê-los, à sua identidade e representação é adicionada a informação “catador”. Não é demais lembrar que o catador de rua ou do lixão é visto de forma pejorativa, como alguém que possui um valor muito menor para a sociedade capitalista. É aquele que vive dos restos que os indivíduos, com condição superior à dele, deixa pelos cantos. (Referência). É-lhe é atribuída a representação de algo que é ruim. O predicado da ação define que ele é (sua identidade) uma representação que não é bem vista, ruim.

Neste trecho extraído da trajetória do Sujeito 1, que iniciou a catação no lixão é possível observar a difícil realidade do catador:

(...) E eu vi ali várias famílias, crianças, idosos, comendo lixo, comendo restos de comida, falei... não sei né. Fiquei lá com ela, colocar o pé ali dentro...Tinha de tudo que você possa imaginar, das nossas residências, que a gente manda, né, que a gente coloca no lixo. Falei, acha que eu vou por minha mão aí nessa sujeira. E... bom, Fui no outro dia, fiquei mais tempo, e aí tem também a especulação, o que esse pessoa vem fazer aqui, porque não sei o que, mais um né, pra... opa. Aí eu resolvi realmente, aí no outro dia fui mais preparada, já arrumei um sapato né, a gente que é mulher costuma andar de sandália. Daí pra encarar aquilo lá é sapatão, uma roupa mais apropriada né. E aí realmente depois de três dias eu coloquei a mão na massa. E aí os caminhão chegava e tinha que correr, todo mundo corria, tinha aquela briga, quem era mais ligeiro, lógico pegava (...) (Sujeito 1)

O sujeito 3, expõe a vergonha que sentia ao iniciar o trabalho de catação, de se tornar um catador nas ruas, já que a ocupação (ainda é) vista como algo inferior.

(...)Também o constrangimento de você sair na rua né, naquela época não tinha catador na rua, geralmente a gente, eu também tinha vergonha da minha mãe quando ela saía com o carrinho na rua, eu tinha até vergonha dela, saía numa chuva. Eu não via ali uma profissão né, falava sei lá mãe, sei lá (...) (Sujeito 3).

E nesse outro trecho relata como os catadores são vistos por inúmeras pessoas.

(...) porque sempre foi atrelado os catadores com os moradores de rua, em São Paulo. Né. Principalmente, nas grandes metrópoles, sempre teve esse olhar, e aqui também sempre foi o mendigo, o homem do saco, então o catador sempre teve um preconceito né. O pessoal sempre brincou com isso, ah se não brincar o homem do saco te pega, o catador sempre teve, as crianças sempre cresceram com esse olhar né, de catador como o homem do saco, essas coisas (...) Sujeito 3

No conceito do item 4 está a proposição de Ciampa: A identidade se expressa por personagens múltiplos que se ora se conservam, ora se alternam. As maneiras diferentes de se estruturar os personagens indicam os modos de produção da identidade.

Da mesma forma que no item anterior, em uma das personalidades o indivíduo, para conseguir sua sobrevivência, cata materiais recicláveis nas ruas ou no lixão, existem outros personagens que ele representa, como o de pai, filho, irmão, e é a atividade que define cada uma delas: ele não está sendo filho, é filho.

Já afirmamos em outro momento dessa análise o conceito expresso no item 6: Parte da identidade é pressuposta, ou pressupõe um processo anterior de representação que faz parte da constituição do indivíduo representado. Mais tarde,

essa representação é interiorizada pelo indivíduo, de tal forma que seu processo interno de representação é incorporado na sua objetividade social, como filho de determinada família, por exemplo. Ressaltamos esse conceito de Ciampa apenas para completar que não é apenas a atividade que se substantiva e é incorporada como identitária, mas também há o pressuposto, pré-existente ao indivíduo em si, que termina por constituí-lo.

No caso das trajetórias podemos observar que em todos os casos havia dificuldades socioeconômicas familiares, dadas um em momento anterior ao nascimento dos sujeitos. Todos eles nasceram em um ambiente de privações materiais, o que já definia pressupunha parte de sua identidade.

Complementando a formação da identidade, além da pressuposta, está a que se dá na relação, conforme item 7: Identidade se dá na relação. No exemplo do filho, não basta a representação prévia, o nascituro se constituirá como filho na medida em que as relações em que estiver envolvido concretamente confirmem essa representação. Contudo, os comportamentos vão ocorrer na medida em que é pressuposta aquela identificação da pessoa como filho, caracterizando a relação paterno-filial.

Temos a identidade pressuposta, aquela anterior ao nascimento, com condições socioeconômica desfavoráveis, e posteriormente a identidade que se constrói na relação, que, porém, se dá, com atributos da pressuposta. Podemos concluir que as possibilidades de esses sujeitos de exercer uma atividade melhor valoradas pela sociedade capitalista era marcante. Retomando que estamos tratando aqui da categoria, que consiste apenas de parte das trajetórias, “A condição, antes de ser catador. Por que se tornou catador autônomo (no lixão ou nas ruas)?” Ainda trataremos, nessa análise, do momento em que eles se tornam líderes do movimento social dos catadores.

Se a história de vida desses indivíduos terminasse aí, poderíamos inter-relacionar um importante conceito postulado por Ciampa, contudo, faremos esse exercício, apenas didático, para nos ajudar a compreender seu contraponto, e principalmente qual é a condição a que se vê relegada a maioria dos indivíduos sujeitos à primazia do capital, em detrimento da pessoa e da humanidade

(referencia)

No item 8 do Quadro 1, está exposto o conceito de que queremos tratar: A não-transformação, a mesmice, pode ocorrer pelo esforço do indivíduo em evitar determinadas mudanças, e sem perceber, se tornam uma réplica daquilo que já não estão sendo. É o trabalho de reposição que sustenta a mesmice.

Contudo, conforme afirmamos, a mesmice não ocorreu nas trajetórias estudadas. Tomamos como exemplo o relato da história de vida do sujeito 2, que apresenta indícios da sua identidade pressuposta, quando trata da situação posterior ao seu nascimento, do abandono do pai.

(...) Quando você conta um pouquinho da sua estória, você vai direto aquilo que a gente vivencia hoje, assim tem toda uma história pessoal nossa por trás de tudo isso também. A minha, em especial, é que a dificuldade já iniciou desde criança porque, eu não conheci meu pai porque abandonou minha mãe, eu tenho outro irmão na verdade, né. Eu quando ainda muito pequeno, não lembro nem da face do meu pai, na verdade, porque ele abandonou o barco e aí a minha mãe teve que toca o barco sozinha. E aí também nesse período de dificuldade, ela mãe solteira, com as dificuldades dela. E eu perdi também depois a minha mãe muito nova. Então aí nesse período a gente teve que criar uma força extra, porque já vinha de uma situação que ela tava conduzindo a família meio que sozinha, e aí ela faleceu muito nova também e aí a gente, eu, particularmente tive que ter uma força a mais (...) (Sujeito 2)

Sua identidade pressuposta, proporcionou elementos que foram usados para a sua relação com as pessoas e com a realidade, as dificuldades foram edificadoras da sua personalidade, que precocemente, o colocaram em posição de luta pela sobrevivência e resiliência. Esse exemplo aponta para o próximo item, objeto de análise, o item C, que tratará da transformação profissional.

O item C, do Quadro 2, que nomeamos aqui como “A transformação profissional”, não é a mudança de status profissional, que pode ocorrer quando um indivíduo que ocupava um posto considerado de menor importância segundo valores meritocráticos deturpados de uma sociedade capitalista, ascende para um

posto de trabalho, pelos mesmos parâmetros, avaliado como de sucesso ou detentor de poder. Tencionamos abordar, ao contrário, a transformação que promove desenvolvimento de consciência, emancipação e autonomia crescente. Essa distinção nos parece necessária, pela seguinte citação de Ciampa:

Talvez sociedades mais tradicionais, mais conservadoras, produzam identidades com aparência de não transformação muito mais convincentes; em sociedades capitalistas, que podem ser caracterizadas por uma grande mobilidade (social, geográfica, ocupacional, familiar etc.), isso pode suscitar dúvidas. (CIAMPA, 1987 p. 179)

Do ponto de vista da identidade, de acordo com conceitos abordados por Ciampa (1987) que estão justapostos no Quadro 1, no item 1, identidade é transformação, e se assim o é, podemos relacionar a transformação profissional com esse aspecto da identidade, que pôde se expressar ou encontrar vazão, no caso das três trajetórias pesquisadas.

Podemos observar, na trajetória do sujeito 2, a transformação profissional decorrida:

(...) eu iniciei na catação quase que por uma fatalidade familiar, porque na época, em meados de 2003, 2002 ou 2003 eu trabalhava em uma empresa e aí eu resolvi sair da empresa e tava na época desempregado e aí minha sogra trabalhava no antigo lixão da cidade e aí na época de carnaval, tem o carnaval aqui no município, no teatro de Arena, aconteceu uma fatalidade, do meu cunhado ser atingido por tiro lá, veio a falecer e aí nesse período a minha sogra que trabalhava no lixão, ela ficou logicamente abalada pela morte do filho e não conseguiu mais por um bom tempo ir no lixão trabalhar pela questão da perda do filho e aí eu desempregado resolvi arriscar, fazer a vez dela, uma vez que ela não tava podendo ir e aí resolvi num belo dia lá, falei: não, eu vou lá no seu lugar, tal (...) (Sujeito 2)

De desempregado a catador no lixão, com condições de trabalho consideradas desumanas, à militante do movimento nacional de catadores, que dialoga com o governo federal na busca por seus direitos e, por fim, a concretização, com a construção de equipamentos de apoio para o trabalho na

cooperativa:

(...) E em meados de julho de 2007, surgiu um edital público do BNDS, né. Foi o primeiro edital que o banco, o BNDS lançou pra apoiar os catadores das cooperativas e aí a cooperativa meio que quis participar, meio que sem entender bem como que era tudo isso. Mas aí nessa época, nessa transição de 2005 pra 2006, eu iniciei o processo de militância junto ao movimento nacional. E foi lá no movimento nacional lá em meados de 2006 que o pessoal já tinha alertado que ó, devido a articulação nossa enquanto movimento, a gente tá dialogando com o governo federal na busca de apoio, aí, pras cooperativas. E aí como 2006 eu fiquei um bom período frequentando as reuniões do movimento e tal, 2007 de fato aconteceu o lançamento desse edital. Então a gente, eu, em particular já tava meio engajado na causa aprofundamento as informações, então eu propus para a cooperativa pra gente participar do edital. E nesse momento a gente buscou apoio numa faculdade local aqui, o pessoal da faculdade, de pronto, resolveu ajudar a cooperativa a escrever o projeto e aí em 2007 a gente foi contemplado. Foi 24 cooperativas na época, né, a nível de Brasil, e das 24 a Cooperlol no caso, tava dentro. E aí o valor que a gente conseguiu do projeto BNDS foi de 448 mil reais, que na época possibilitou a construção da sede nossa aqui, com refeitório, escritório, a compra de mais uma prensa, uma esteira e aí o avanço maior foi a compra de um caminhão (...) (Sujeito 2)

Ciampa reforça a natureza dessa transformação, ainda no Quadro 1, no conceito do item 3: A Identidade como prática transformadora de si e do mundo. A unidade da subjetividade e da objetividade. Sem essa unidade, a subjetividade é desejo que não se concretiza, e objetividade é finalidade sem realização. "Se não me transformar como vou transformar o ambiente" e mais "através da prática a gente vai se transformando"; acrescente-se: e vai transformando o ambiente.

O sujeito 3 teve um início profissional bastante difuso, não tinha ocupação definida:

(...) comecei a trabalhar e estudar, e então, trabalhava e estudava e aí tive que uma época fazer uma opção entre estudar ou então trabalhar. Ai eu abandonei o estudo, não sei porque também, estava fazendo terceiro colegial, peguei e saí da escola. Comecei trabalhar, aí logo depois também, logo

depois também acabei amasiando, aí depois também, estudo, não deu mais pra fazer. Aí tive que encarar a vida, como não tinha ocupa...(ção), não tinha profissão né. Trabalhador rural, atrás de serviço, trabalhei de metalúrgico. (...) Ai em 2001, eu fazia isso, fazia esses bico, eu pegava latinha pegava alguma coisa, pra dar um complementada na renda, não era aquele catador, que catava, eu trabalhava de guarda, então quando eu trabalhava de guarda lá o pessoal consumia cerveja, eu pegava a latinha lá e guardava, aí vendia (...) (Sujeito 3)

Esse trecho demonstra a capacidade do sujeito, que transformou adquiriu a consciência dos problemas sociais e de que é preciso transformar o mundo ao seu redor:

(...) Aí se for olhar também que a maioria das pessoas que estão na cooperativa são afrodescendentes também né, são a maioria. E aí a gente começou a enxergar isso e depois a gente começou a discutir também essa questão da sociedade, o comportamento dela, a gente começou a ver, entender um pouquinho o que é a luta de classes, o que é os outros movimentos, a gente começou a ter uma visão política de como é formada a sociedade. Aí você, a partir do momento que você tem uma base você começa a lutar, né. Bom, tem esses argumentos, então vou começar a lutar, porque eu sei que seu ficar sentado no sofá assistindo novela da Globo eu não vou, né, eu não fazer opinião, se eu não começar a ler, se eu não me capacitar eu não vou conseguir ter argumento pra fazer discussão. Aí a gente começou, aí meu comecei a focar mais nisso mesmo, “ah eu vou pra luta mesmo, porque sentado no sofá a gente não vai fazer nada. Poderia, muitas vezes chegar uma liderança e me acolher, guardar pra mim só o meu conhecimento (...)” (Sujeito 3)

A transformação profissional, agora imbuída destes significados atribuídos a partir de Ciampa, torna-se a negação da negação, como exposto no item 9: Negação da negação - Se o indivíduo deixa de se “Re-por”, está negando a negação dele mesmo, de que ele é metamorfose. Consiste então na metamorfose de sua identidade, na superação de sua identidade pressuposta. Isso permite a alterização da identidade, na eliminação da identidade pressuposta, que deixa de ser repostada, e no desenvolvimento de uma identidade posta como metamorfose constante, em que toda a humanidade contida em si se concretiza.

Já é possível, apoiando-se nas análises apresentadas, afirmar que nas trajetórias, podem ser encontradas evidências de que a humanidade contida nesses indivíduos, por meio da transformação profissional, pôde se concretizar, em alto grau.

Podemos observar no trecho abaixo, que o crescimento da consciência do sujeito 3 foi de tal magnitude, que ele se tornou um agente constante de mudança social para uma classe desfavorecida, como é o caso dos catadores, na medida que se engajou nos ideais do movimento social que ajudou a organizar.

(...) Aqui na região a gente somos mais de 500 catadores, então a gente quando sai representar a gente tá representando todos esses catadores. A gente participa do movimento. A gente começou também criar a estrutura do movimento, a gente criou a secretaria do comitê, (...) a gente foi pra uma marcha em Brasília, onde a gente foi reivindicar em torno de 700 mil postos de trabalho no segmento de catador, a gente sentou com o governo, primeira vez que o movimento sentou com o governo (...)" (Sujeito 3)

Para a etapa D "A luta política" e E, "As conquistas", do Quadro 2, inter-relacionamos os conceitos contidos no item 1, 3 e 9, assemelhando-se assim, à etapa C, "A transformação profissional. Nos parece óbvio que, para que a transformação, da natureza como foi descrita nos três casos, tenha se concretizado, foi necessária uma grande dose de luta política que resultou, em muitos casos, em conquistas. O que reforça a não Reforçar mesmice

O exercício da luta política é intrinsecamente um ato de transformação, por constituir uma práxis. A fim de seguir o exercício de relacionar as categorias elencadas com os conceitos de identidade, citamos um trecho do item 3, Quadro 1: "(...) através da prática a gente vai se transformando"; acrescentando-se: e vai transformando o ambiente." E retomamos um trecho da trajetória do sujeito 3, para a luta política enquanto instrumento de transformação da sua identidade e, por conseguinte, nesse caso, da realidade.

(...) a gente começou a ver, entender um pouquinho o que é a luta de classes, o que é os outros movimentos, a gente começou a ter uma visão política de como é formada a sociedade. Aí você, a partir do momento que você tem uma base você começa a lutar, né. (...) "ah eu vou pra luta mesmo,

porque sentado no sofá a gente não vai fazer nada”. Poderia, muitas vezes chegar uma liderança e me acolher, guardar pra mim só o meu conhecimento (...) (Sujeito 3)

As etapas B, “A percepção de si mesmo”, F, “A base familiar”, G, “As dificuldades” e H, “As referências pessoais, apesar de encontradas nas trajetórias, (Quadro 2) não serão objeto dessa análise, por não trazer novas informações além daquelas que já que foram apresentadas, que possam ser relacionadas aos conceitos de Ciampa (Quadro 1).

Antes de encerrarmos essa análise, vamos trabalhar com o conceito expresso no Quadro 1. Item 5 Identidade é história. Não há personagens fora da história assim como não há história sem personagem. É importante salientar que toda a constituição da identidade dos sujeitos se deu na sua história, enquanto exercia os personagens e se relacionava com mundo, no decorrer do tempo. Sua história foi marcada por dificuldades de ordem profissional, que os levou à atividade de catação por falta de escolha, porém, posteriormente, se organizaram em cooperativas e foram protagonistas do movimento social dos catadores. Esse percurso, na história, lhes conferiu uma identidade pautada pela transformação constante e pelo desenvolvimento da consciência crítica. Eles continuam fomentando novas ações de reivindicação. Eis a importância da história, para esses sujeitos.

A partir da análise apresentada, a hipótese de que “a identidade do catador e articulador político do movimento social é constituída durante sua atuação, na vida profissional, nas relações que estabelece, de forma a promover o desenvolvimento da consciência política e a emergência do seu potencial transformador”, foi verificada e confirmada, assim como os objetivos específicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO

No momento em que chego para concluir essa pesquisa, percebo com imenso prazer o quanto seus resultados me surpreenderam positivamente. Desde a primeira observação ao MNCR em ação, só pude admirar tamanha capacidade de resiliência, que reflete uma espécie de identidade que merece servir de exemplo para a sociedade. Logo desconfiei que havia traços identitários surpreendentes e raros, que foram engendrados em uma história premente de dificuldades e lutas de toda maneira.

Ao me deparar com o referencial teórico, do autor Ciampa, e sua estória, como ele bem frisa no texto, de Severino, inspirada no poema de João Cabral de Melo Neto, “Morte e Vida Severina”, tratar de muitos Severinos que não se diferenciam no nome, nem no sobrenome, nem no nome dos pais, mas sim na sua história, nas relações que trava com as “boas almas” que encontra pelo caminho, concluo que também o são essas pessoas, os catadores, moradores de rua, desempregados ou subempregados, que são invisíveis socialmente, de quem são retiradas sua identidade. Tornam-se mais uma entre muitas, por estarem soterradas pelo peso que o capital representa para aqueles que não o servem.

Porém se espiarmos a história de Severina, essa com “h”, tona-se a transformação a que se dispôs no percurso de sua vida. Ela, que assumiu vários personagens, até se confrontar consigo e desenvolver uma consciência política, veremos que é possível, levar a termo a que viemos, como começa a explicar Ciampa, para nos transformar – o postulado principal de sua teoria acerca da identidade, identidade é transformação.

Essa é a primeira conclusão a que, repito, feliz, chego com esse estudo: os sujeitos da pesquisa, os catadores articuladores políticos do MNCR, cumpriram sua essência de transformação, mesmo com todos os entraves encontrados.

Está claro, na leitura das trajetórias de vida dos sujeitos, que, embora to nascidos em ambientes de privações de ordem socioeconômica, e estav portanto, dentro daquele caso em que, como afirma Ciampa, sua identidade não ficou restrita a não-transformação, “são levados a essa situação, involuntariamente, quando seu desenvolvimento é de alguma forma prejudicado. Pessoas com condições socioeconômicas desumanas”, ao contrário, nesses casos, as dificuldades, foram edificadoras da sua personalidade, que precocemente, o colocaram em posição de luta pela sobrevivência e resiliência.

Por meio no engajamento no movimento social, que se iniciou na luta por direitos em suas cooperativas de origem, sua identidade foi se modificando. O exercício da luta política é intrinsecamente um ato de transformação, por constituir uma práxis. E por essas trajetórias de vida, foi necessária uma grande dose de luta política que resultou, em muitos casos, em conquistas.

O mais interessante, talvez de se afirmar, com base nas análises é que a identidade desses sujeitos é marcada pelas conquistas coletivas que também se traduziram em conquistas sociais, como a Política de Resíduos Sólidos (PNRS) e seu quinhão sobre as cooperativas de catadoras; a conquista do registro do catador de material reciclável na Classificação Brasileira de Ocupações (começando a retirá-los da invisibilidade); Os contratos por pagamento por serviços prestados, realidade em muitas cooperativas; o engajamento na questão da logística reversa; e todo o engajamento político, cada vez mais esclarecido, que os atores do movimento exercem na busca do bem comum entre os catadores de materiais recicláveis.

É possível concluir que podem ser encontradas evidências nas trajetórias, de que a humanidade contida nesses indivíduos, por meio da transformação profissional, pôde se concretizar, em alto grau.

Espera-se que este estudo possa ser divulgado e que o MNCR e outros movimentos sociais possam ser reconhecidos amplamente e sem os véus deturpados da mídia que atende a interesses capitalistas, exclusivamente, pelas

mais variadas instituições que compõem a sociedade. Que essa identidade inusitada possa inspirar e trazer aprendizados pelos exemplos, e possam contribuir para construção de uma sociedade onde haja vida plena e consciente para todos.

REFERÊNCIAS

_____. “Políticas de Identidade e Identidades Políticas”. In DUNKER, C. I. L. & PASSOS, M. C. (orgs). Uma Psicologia que se interroga: ensaios. São Paulo: Edicon, 2002. p. 241-327p. ISBN: 8522421110.

ALMEIDA, J. A. M. Sobre a Anamorfose: Identidade e Emancipação na Velhice. Tese de Doutorado em Psicologia Social. PUC-SP, 2005.

ARENDT, H. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

BERGER, P. e BERGER, B. “Socialização: como ser um membro da sociedade”. In M. M. Foracchi e J. de S. Martins. Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

BRASIL. Presidência da Republica Federativa do Brasil. Decreto n. 5.940, de 25 de outubro de 2006. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de outubro de 2006.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Câmara aprova Política Nacional de Resíduos Sólidos. Disponível em [HTTP://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/MEIO AMBIENTE/145758-CAMARA-APROVA-POLITICA-NACIONAL-DE-RESIDUOS-SOLIDOS.html](http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/MEIO_AMBIENTE/145758-CAMARA-APROVA-POLITICA-NACIONAL-DE-RESIDUOS-SOLIDOS.html). Acesso em 28 de jun. 2015.

CIAMPA, A. A estória de Severino e a história de Severina. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES (2002). Disponível em <<http://www.mtecbo.gov.br>> Acesso em: 14 julho. 2015.

CRUZ-SOUZA, F.; CORTEGOSO, A. L.; ZANIN, M.; SHIMBO, I. Las Incubadoras Universitarias de Economía Solidaria en Brasil – un estudio de casos. Revista de Estudios Cooperativos (REVESCO), n. 106, p. 74-94, 2011.

e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

FERREIRA, E. Dinâmicas de apropriação do conhecimento por famílias de catadores de materiais recicláveis de material reciclável: políticas públicas, projetos

e tecnologias sociais. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995. In: <<http://www.rae.com.br>>. Acesso em: 30 de ago. 2013.

GOHN, M.G. Movimentos sociais na contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. V.16 n. 47, p.344, 2011.

GOHN, M. G. M. Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GUIRADO, M. Psicanálise e Análise do Discurso. São Paulo, Suinmus Ed., 1995.

GUTIERREZ, R. F. e ZANIN, M. Empreendimentos Econômicos de Catadores de Resíduos e Legislações Vigentes: Avanços e Limites. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 4 (2), Edição Especial, dezembro, 2011, p. 113-121.

HIRIART, M.M.M. Cooperativismo: Primeiros Passos: SEBRAE/SP – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo, 1990.

HONNETH, A. The Struggle for recognition: the moral Grammar of social conflicts. Cambridge: MIT, 1996.

LAJOLO, R.D. Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis – Guia para Implantação. CEMPRE – Compromisso Empresarial para a Reciclagem. São Paulo. IPT / SEBRAE, 2003.

LIMA, A. F. de. Sofrimento de indeterminação e reconhecimento perverso: um estudo da construção da personagem doente mental a partir do sintagma identidade-metamorfose- emancipação. Tese de Doutorado em Psicologia Social. PUC-SP, 2009

MARX, K. O Capital, Vol. 1/1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MEAD, G. H. Mind, Self and Society: from the standpoint of a Social Behaviorist. London: University Chicago Press, 1992 [publicado originalmente em 1934, Editado e republicado por Charles W. Morris em 1962].

MIOTELLO, Valdemir & HOFFMANN, Wanda A.M. Apontamentos de estudos sobre Ciência, Tecnologia & Sociedade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

MNCR: MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. Disponível em <<http://www.mnrc.org.br>> Acesso em: 17 novembro. 2015.

NICOLLETTI, M. X. Economia solidária e identidade: a autogestão no trabalho como experiência emancipatória, 2011. 523 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia a Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-20072011-123353/pt-br.php>

PINHEL, J.R., ZANIN, M., DEL MÔNACO, G. Catador de Resíduos Recicláveis: Um perfil em construção. In: ZANIN, M., GUTIERREZ, F. Cooperativas de Catadores: Reflexões sobre Práticas. São Carlos: Claraluz, 2011.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência: olhares

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

APÊNDICE

Transcrição das entrevistas:

Sujeito 1

Meu trabalho, meu trabalho como catadora começou na realidade após o plano Collor né, quando aconteceu todos... que vc faz parte do processo né, pela idade nossa, nossa, creio que seja, pela nossa idade. É.. eu trabalhava num restaurante bem movimentado. O meu trabalho era noturno. E quem trabalha a noite tem uma renda melhor, dá pra se entender isso. E o plano, o restaurante não funcionou né, perdeu, os clientes não foram mais. Abria o restaurante, era meia dúzia de pessoas que ali se adentrava. E aí resolveu fechar né, cada um teve que procurar outros meios de vida. E o bairro que eu morei, morei muitos anos ali no jardim América, um bairro de periferia e uma mulher, uma amiga minha, ela fazia alguns serviços pra mim né, tipo lavar roupa, o trabalho era noturno, cinco filhos né, eu tenho cinco filhos, então algumas coisas ficam difíceis né, ajuda na limpeza da minha casa. E ela trabalhava no lixão aqui de Araraquara. Tava sempre contando história né, o que fazia, o que deixava de fazer e tal e não o que. É... que era bom também o serviço dela. Hoje ela não é mais viva, a dona Jovelina, ela faleceu já. E ela falou assim “olha, por que você não vai trabalhar lá onde eu trabalho, lá no lixão comigo. Você vai ficar aí?” Do que está, como ta hoje né, na suposta crise, que foi uma crise criada, que a crise maior é uma crise criada do que propriamente dita, uma crise. Vamo lá né. Vamo lá conhecer, na primeira semana, na segunda, aí você já começa a pensar né, que que você vai fazer. Já não pagava aluguel porque a casa era dos meus pais, mas aí você tem pensar, o que que você vai fazer. Aí eu vim, eu vim no aterro. O primeiro dia foi um choque né, uma outra realidade, uma realidade bem distante do que eu já estava... sempre trabalhei em casa de família, em casas de pessoas de sucesso, sabe. Sempre a alimentação minha, dos meus filhos foram boas né. Eu tive uma infância boa, minha vida basicamente, meu pai sempre trabalhou na usina, minha mãe... sabe? Nos sempre tivemos uma vida... não vou falar assim, ah, mas passar fome, igual eu vejo muita gente, falar, eu passei fome... não, eu nunca passei fome, minha família nunca passou fome né. Como a gente

morava na usina, a gente criava, plantava, minha mãe costurava, minha mãe lavava roupa pra fora. Então a gente tinha uma vida assim, que nem eles falavam né, vocês tem uma vida de rico. O primeiro fogão a gás quem teve foi minha mãe, minha mãe comprou o fogão a gás. Então nós éramos tratados como pessoas ricas na época. Tinha um fogão a lenha, inclusive eu sofri uma queimadura, que eu fui acender o fogão a lenha, minha mãe não deixava acender o fogão a gás. E eu vi ali várias famílias, crianças, idosos, comendo lixo, comendo restos de comida, falei... não sei né. Fiquei lá com ela, colocar o pé ali dentro,. Tinha de tudo que você possa imaginar, das nossas residências, que a gente manda, né, que a gente coloca no lixo. Falei, acha que eu vou por minha mão aí nessa sujeira. E... bom, Fui no outro dia, fiquei mais tempo, e aí tem também a especulação, o que esse pessoa vem fazer aqui, porque não sei o que, mais um né, pra... opa. Aí eu resolvi realmente, aí no outro dia fui mais preparada, já arrumei um sapato né, a gente que é mulher costuma andar de sandália. Daí pra encarar aquilo lá é sapatão, uma roupa mais apropriada né. E aí realmente depois de três dias eu coloquei a mão na massa. E aí os caminhão chegava e tinha que correr, todo mundo corria, tinha aquela briga, quem era mais ligeiro, lógico pegava, já tinha prática e pegava os melhores produtos né, assim como as latinhas de alumínio, naquela época não tinha o PET ainda, eu falo que assim, o PET veio depois, quando o PET chegou no lixão, a gente não sabia o que fazer, ninguém sabia e aí esse material ta.. tem muita PET enterrada no aterro aqui, vai ficar milhões e milhões de anos aqui. A gente tirava mais o papelão, a lata de aço, o vidro, que muita gente não conseguia. Então temos uma linha de telefone pago, cada motorista tem um telefone, que que aconteceu, com todo esse desarranjo que deu aqui, o que eles querem, qual que é olhar? Eu vou arrumar o mais rápido possível, eu vou tirar o mais rápido possível, pra você tirar o material que está prestes a cair nas nossas cabeças, aí você tem que se virar, porque senão atrapalha tudo. O descarte, os bags dá pra passar três quatro dias depois tem que trocar porque eles furam. Porque eles são arrastados na rua. Esses daí tem que voltar pra rua, tem que comprar mais bag's pro pessoal ir armazenando. Um senhor quer que deixe um bag na officininha dele, que ele guarda, e são vários setores que tem que ter bag, tem um que dá mais bag né, e a coleta consequentemente ela aumenta, vai aumentar. E aí essa crise? Aí eu tenho um investimento, um investimento dessa prensa pelo FUNASA, de um projeto que a fez que é do

FUNASA, eu tenho uma prensa que tá ali, que agora a gente conseguiu... é... foi do FBB, tem aqui o cheque (mostra o cheque simbólico), de cem mil, que nós adquirimos aquela prensa, só que assim, esquecemos de um detalhe, essa prensa, ela vai precisar de uma caixa de força, é uma prensa que a ela vai prensar latas. Aí do projeto agora, do CATAFORTE III, eu tenho prensa, a prensa que eu pedi eu vou ver agora, eu vou reescrever uma outra carta pro pessoal do Banco do Brasil, porque eu não tenho hoje necessidade de uma prensa pra prensar alumínio, eu vou prensar aquilo lá, com aquela prensa. Porque que quando a gente fez o projeto do Cataforte, nós não tínhamos ainda do FBB e aí surgiu do FBB e assim ó, “tem isso daqui pra vocês me fazer o projeto pra amanhã, preciso encaixar amanhã”, qual que foi a maior necessidade, uma prensa de lata, porque assim, essa caçamba que está aqui está cheia. Ela vai sair daqui, não sei pra onde o cara vai levar, as vezes pra Ribeirão e região, porque as vezes a gente trabalhar com a região, ele vai vir aqui ele vai gastar com combustível, com pedágio pra ele levar, não chega a três mil quilos. Então a ideia é, a gente vai prensar esse material, lógico, vai gastar energia, mas ele vai sair daqui... não vai precisar toda semana, aí vem buscar, podemos jogar lá dentro os fardinhos, fardinho de lata porque aí prensa, diminui, vai ficar mais tempo, pra gente revender esses materiais e fica com preço talvez melhor, porque ele vai gastar em combustível. Então você tem que pensar lá, futuro. Qual o nosso pensamento hoje. Ter maquinários que condiz pra você, daqui dez anos poder trabalhar. Hoje eu não quero mais prensa pequena, hoje eu quero prensa grande pra jogar as PET, os PP, o PAT, prensar esse material num fardo maior, pra poder, é... ou como a gente tá fazendo a inter redes né, nós temos uma reunião em Sorocaba da Inter Redes, porque lá em Novo Horizonte, lá na cooperativa de Novo Horizonte, a gente não sabia, mas a vice prefeita fez um projeto e lá tem uma montagem de moagem de PET. A Universidade Federal de São Carlos, ela tem um aglutinador, ela tem mais um que vai mandar rede. Então nós vamos estar fazendo um mapeamento do que nós temos no nosso estado. Assis fez o projeto que a gente fez em 2008, do BNDS, esses dois caminhões que a gente tem é do BNDS, eles têm uma moagem, nós estivemos em Assis no começo do mês, fizemos uma reunião, vimos lá os maquinários, eles já estão moendo o PP e o PAD, a gente sabe que lá em Assis, então nós vamos negociar ainda. Vou levar lá e vou trazer o que pra cá? Aqui eu tenho uma máquina que a gente trabalha com isopor e é... no estado de São Paulo,

que eu saiba, até que a Neiva me informou, são três máquinas, aqui em Araraquara, Arujá e São Paulo, são três máquinas. A ideia é... vocês lá de Campinas, vocês têm? Não tem? Então vocês podem pegar lá da rede Anastácia, o material de Piracicaba, Rio Claro, que tá mais próximo à Campinas e comercializar, pra ter uma renda melhor e vender direto pra indústria. Então o desafio agora da Inter Redes é a venda e estruturar politicamente, porque que o acontece, a ABIPEC é responsável pelas embalagens e eles estão negociando ainda com o governo, como que vai fazer, porque o governo tá cobrando, a logística reversa, ou perversa, mais perversa do que reversa. Qual a empresa mais perto pra ver o material, ver quem negocia com os catadores. Ribeirão não negocia com os catadores. Então são esses tramites todos que a gente tem pela frente, brigar, porque as pessoas que saem do lixão têm seus aparatos, porque o governo deu seus aparatos. Não jogue eles assim como fizeram com os escravos. Libertou não sei do que, nada a comemorar, estamos na semana da consciência negra, nada a comemorar, continua sendo, quem tem o poder da caneta, tem. E a chibata só mudou de mão. Se for olhar a história, a chibata não saiu da mão de ninguém, ela só trocou de mão. As pessoas continuam sendo escravas. Então as pessoas o que estão fazendo? Prestando serviço pro município, retirando o material da rua, seja ele quem for. Aquele bêbado fedorento que já não toma banho há muito tempo, tem aquele cachorro sujo lá, sabe aquele que tá lá incomodando, dormindo na calçada, quem foi falar pra ele que ele poderia, que ele tem direito à moradia, que ele pode ter direito a trabalhar em outro lugar. Não vou dizer que o serviço dele é ruim, não, é dos melhores que tem, ainda. E o poder público quando vai é com a polícia, pra tirar de lá, jogar água na pessoa, como fizeram em São Paulo, fizeram em outros estados, joga água nas pessoas que estão embaixo dos viadutos, embaixo das marquises, é complicado. Então eu só falo pra você, a chibata só mudou de mão e quem tem o poder da caneta continua escravizando o povo, principalmente o povo que diz que já tá liberto. Quem tá liberto? Melhorou um pouco. Essa semana discuti com meu filho, discuti no bom sentido. Eu lembro que assim, hoje que to quase chegando no ponto seis, mas eu lembro assim que quando meu pai comprou a casa, foi muito sacrificante comprar a casa. Um terreninho, dois cômodos, minha mãe morou até esse ano, faleceu, tal, meu pai conseguiu comprar uma outra casa, as pessoas que quiseram comprar casa há quinze anos atrás não conseguia comprar uma casa. O financiamento não dava.

Comprar uma geladeira, hoje todo mundo tem casa, hoje você vai na loja, você sai com um celular, logico, os juros são altos? As pessoas se apropriam? Ah todo mundo tá atrás, então vamos aumentar o preço. Não precisa aumentar o preço. Então a telefonia... antes você tinha o que? A vivo. Agora tem a Vivo, Tim... A internet! Quem tinha internet? Hoje a minha netinha de quatro anos pode ter internet. Isso é um custo. Quem vai pagar esse custo? É nós mesmo. O governo vai pôr pra quem? Então nós avançamos. Nos deram um monte de possibilidades de você adquirir. Praia? Quem que ia pra praia? Há quarenta anos atrás, há vinte anos atrás. Hoje, quem vai pra praia, os ricos vão pra outras praias. Nós vai pra Santos, Praia Grande. Andar de avião. Quem andava de avião? Políticos, empresários. Hoje, gente aqui da cooperativa. Eu vou ver meus parentes na Bahia, eu vou aqui pra Campinas, vou pegar o voo em Campinas, daqui quatro horas eu to na Bahia. A minha mãe, demorou treze dias pra chegar no estado de São Paulo. Veio de pau de arara, com meus dois irmãos. Minha avó veio de navio, de Pernambuco. Mas quem que podia vir? E pagar né? A gente ia pra São Paulo de três, fui pra São Paulo umas três vezes de tem. Ia naquele banco duro de madeira. Tinha aquele compartimento que era o Puma.

E aí nós fomos adquirindo bens, quem foi mais esperto, mais ligeiro, por exemplo, eu tenho orgulho de falar que eu tenho uma casa, é minha, agora que conheço muita gente que tem bom salário, bom emprego e mora de favor e paga aluguel, eu trabalhei no lixão, eu comprei meu terreno, eu e o meu companheiro, quando a gente trabalhava no lixão, fomos construindo, não tá acabada né, mas é minha! Comprei, eu tenho um terreno, mais pra baixo, no mesmo bairro, consegui comprar um terreno, consegui comprar mais um outro terreno, conseguir comprar mais um outro terreno. Vou passar para o nome dos meus filhos, não quero mais pagar imposto, não é muito imposto pra pagar, é muita casa pra mim dar conta. Mas é sair três horas, quatro horas da manhã, eu arriava o meu cavalo, ele arriava o cavalo dele, minha carroça, um frio, teve um tempo que a gente ficava só com os olhos de fora, a gente ficou só com os olhos de fora. Os meus filhos, colocava bastante roupa, fazia um a garrafa de café, colocava arroz, feijão e partia pro lixão. Isso porque sete horas o guarda chegava e aí você tinha que sair, ou você saia ou você levava tiro na cara, você ia preso, ia pra delegacia, qualquer coisa. E aí você pisava lá sabe no que e aonde e as vezes você enfiava o pé e quando chovia sua perna descia e nossa,

alguém tinha que puxar, então passei por isso. Eu não ganhei isso, não tem assim, ah, fiz um bom negócio. Não sei. Mas era necessário? Poderia ter arrumado de doméstica? Não sei! Continuar como doméstica, agora que as domésticas conseguiram, tá uma briga ainda pra pagar FGTS. E essa produção, esse andamento, acho que isso aí, nos deram uma condição, que quem aproveitou, aproveitou, quem foi mais ligeiro, correu atrás. Uma boa parte, não só eu, uma boa parte das pessoas que trabalharam no aterro conseguiu comprar, conseguiu comprar terreno, conseguiu comprar sua casa, várias pessoas já não tão mais na catação, mas conseguiram... Agora tem gente que ganhou, que eu falo que é ganhado né, que é pra ganhar trinta reais por mês e ainda não paga. Reclama. Minha Casa Minha Vida, tudo pintado, com pia, tudo murado, eu fui lá com a Marta, que ganhou. A mulher foi lá fazer a vistoria e falou “Eu, morar aqui? Nesse lugar, nessa porcaria? Então são vários viés né. Nesse mundo que nós estamos, o que que tem valor hoje? Muita gente até fez promessa, ajoelhou, rezou, muita gente ficou de fora na Minha Casa Minha Vida, que tem uma necessidade. Nos deram tudo isso. No Brasil, país livre, você pode assistir o jogo do “Parmera” numa excursão, volta, outro vai do Corinthians, outro não sei o que e uma serie que coisas boas que mudou. E aí a crise, que crise é essa? Tem pessoas que tem três carros na garagem, vai comprar mais um na crise, não sei. Meu filho, em trajetória de cinco anos, minha netinha vai fazer cinco anos ele conseguiu uma casa, ele comprou o terreno, ele construiu a casa dele, ele já equiparou a casa dele, hoje ele já tá fazendo uma área, ele já tem uma moto, ele já tem um carro. Mérito dele. Mas também mérito de vários governos, governos populares. Então se fosse há vinte anos atrás ele ia ter que aposentar pra poder pegar aquele dinheiro pra poder comprar um carro, pagou barato? Pagou, mas é dele pra levar os filhos dele pra passear. Em que governo nós tivemos esses privilégios? De sábado, “mãe, o que que a mãe tá fazendo? Ah to aqui assistindo a novela”, agora eu to mais sozinha, meus filhos todos casaram, estão cada um nas suas casas, eu só to com um neto. “Ah vou passar aí, nos vai comer uma pizza” Quando que a gente comia pizza durante a semana? Ou era uma vez por mês. Eu lembro quando eles eram pequenos, o pai deles levava na sorveteria, comer pizza, só quando recebia o pagamento. A crise ela existe, o governo teve erros? Mas a qualidade de vida mudou. Hoje a gente garante um salário mínimo paulista para todos os cooperados,

cento e oitenta cooperados, um salário mínimo paulista, oitocentos e dez. Mas tem o banco de horas. O pessoal as vezes trabalha de domingo, sábado monta uma equipe como a que está aí. Sábado trabalhamos até as onze, mas quem quiser fica uma hora a mais, tem material pra prensar, pra separar.

bag's pro pessoal ir armazenando. Um senhor quer que deixe um bag na officininha dele, que ele guarda, e são vários setores que tem que ter bag, tem um que dá mais bag né, e a coleta conseqüentemente ela aumenta, vai aumentar. E aí essa crise? Aí eu tenho um investimento, um investimento dessa prensa pelo FUNASA, de um projeto que a fez que é do FUNASA, eu tenho uma prensa que tá ali, que agora a gente conseguiu... é... foi do FBB, tem aqui o cheque (mostra o cheque simbólico), de cem mil, que nós adquirimos aquela prensa, só que assim, esquecemos de um detalhe, essa prensa, ela vai precisar de uma caixa de força, é uma prensa que a ela vai prensar latas. Aí do projeto agora, do CATAFORTE III, eu tenho prensa, a prensa que eu pedi eu vou ver agora, eu vou reescrever uma outra carta pro pessoal do Banco do Brasil, porque eu não tenho hoje necessidade de uma prensa pra prensar alumínio, eu vou prensar aquilo lá, com aquela prensa. Porque que quando a gente fez o projeto do Cataforte, nós não tínhamos ainda do FBB e aí surgiu do FBB e assim ó, “tem isso daqui pra vocês me fazer o projeto pra amanhã, preciso encaixar amanhã”, qual que foi a maior necessidade, uma prensa de lata, porque assim, essa caçamba que está aqui está cheia. Ela vai sair daqui, não sei pra onde o cara vai levar, as vezes pra Ribeirão e região, porque as vezes a gente trabalhar com a região, ele vai vir aqui ele vai gastar com combustível, com pedágio pra ele levar, não chega a três mil quilos. Então a ideia é, a gente vai prensar esse material, lógico, vai gastar energia, mas ele vai sair daqui... não vai precisar toda semana, aí vem buscar, podemos jogar lá dentro os fardinhos, fardinho de lata porque aí prensa, diminui, vai ficar mais tempo, pra gente revender esses materiais e fica com preço talvez melhor, porque ele vai gastar em combustível. Então você tem que pensar lá, futuro. Qual o nosso pensamento hoje. Ter maquinários que condiz pra você, daqui dez anos poder trabalhar. Hoje eu não quero mais prensa pequena, hoje eu quero prensa grande pra jogar as PET, os PP, o PAT, prensar esse material num fardo maior, pra poder, é... ou como a gente tá fazendo a inter redes né, nós temos uma reunião em Sorocaba da Inter Redes, porque lá em Novo Horizonte, lá na cooperativa de Novo Horizonte, a gente não sabia, mas a vice prefeita fez um projeto

e lá tem uma montagem de moagem de PET. A Universidade Federal de São Carlos, ela tem um aglutinador, ela tem mais um que vai mandar rede. Então nós vamos estar fazendo um mapeamento do que nós temos no nosso estado. Assis fez o projeto que a gente fez em 2008, do BNDS, esses dois caminhões que a gente tem é do BNDS, eles têm uma moagem, nós estivemos em Assis no começo do mês, fizemos uma reunião, vimos lá os maquinários, eles já estão moendo o PP e o PAD, a gente sabe que lá em Assis, então nós vamos negociar ainda. Vou levar lá e vou trazer o que pra cá? Aqui eu tenho uma máquina que a gente trabalha com isopor e é... no estado de São Paulo, que eu saiba, até que a Neiva me informou, são três máquinas, aqui em Araraquara, Arujá e São Paulo, são três máquinas. A ideia é... vocês lá de Campinas, vocês têm? Não tem? Então vocês podem pegar lá da rede Anastácia, o material de Piracicaba, Rio Claro, que tá mais próximo à Campinas e comercializar, pra ter uma renda melhor e vender direto pra indústria. Então o desafio agora da Inter Redes é a venda e estruturar politicamente, porque que o acontece, a ABIPEC é responsável pelas embalagens e eles estão negociando ainda com o governo, como que vai fazer, porque o governo tá cobrando, a logística reversa, ou perversa, mais perversa do que reversa. Qual a empresa mais perto pra ver o material, ver quem negocia com os catadores. Ribeirão não negocia com os catadores. Então são esses tramites todos que a gente tem pela frente, brigar, porque as pessoas que saem do lixão têm seus aparatos, porque o governo deu seus aparatos. Não jogue eles assim como fizeram com os escravos. Libertou não sei do que, nada a comemorar, estamos na semana da consciência negra, nada a comemorar, continua sendo, quem tem o poder da caneta, tem. E a chibata só mudou de mão. Se for olhar a história, a chibata não saiu da mão de ninguém, ela só trocou de mão. As pessoas continuam sendo escravas. Então as pessoas o que estão fazendo? Prestando serviço pro município, retirando o material da rua, seja ele quem for. Aquele bêbado fedorento que já não toma banho há muito tempo, tem aquele cachorro sujo lá, sabe aquele que tá lá incomodando, dormindo na calçada, quem foi falar pra ele que ele poderia, que ele tem direito à moradia, que ele pode ter direito a trabalhar em outro lugar. Não vou dizer que o serviço dele é ruim, não, é dos melhores que tem, ainda. E o poder público quando vai é com a polícia, pra tirar de lá, jogar água na pessoa, como fizeram em São Paulo, fizeram em outros estados, joga água nas pessoas que estão

embaixo dos viadutos, embaixo das marquises, é complicado. Então eu só falo pra você, a chibata só mudou de mão e quem tem o poder da caneta continua escravizando o povo, principalmente o povo que diz que já tá liberto. Quem tá liberto? Melhorou um pouco. Essa semana discuti com meu filho, discuti no bom sentido. Eu lembro que assim, hoje que to quase chegando no ponto seis, mas eu lembro assim que quando meu pai comprou a casa, foi muito sacrificante comprar a casa. Um terreninho, dois cômodos, minha mãe morou até esse ano, faleceu, tal, meu pai conseguiu comprar uma outra casa, as pessoas que quiseram comprar casa há quinze anos atrás não conseguia comprar uma casa. O financiamento não dava. Comprar uma geladeira, hoje todo mundo tem casa, hoje você vai na loja, você sai com um celular, logico, os juros são altos? As pessoas se apropriam? Ah todo mundo tá atrás, então vamos aumentar o preço. Não precisa aumentar o preço. Então a telefonia... antes você tinha o que? A vivo. Agora tem a Vivo, Tim... A internet! Tem gente que tira lá seus mil de duzentos, seus mil e quinhentos. Quem trabalha na carga, que são os cargueiros, trabalha mais, tem um aditivo, tem o cooperado do mês que recebe cem reais e um dia de folga, tem trinta dias de férias, remunerados. Tem licença maternidade, licença paternidade, tem INSS, pessoas que já se aposentou. Teve a Jovelina, que eu falei no começo, ela ficou muito doente, não tinha condições de trabalhar, daí nós chamamos uma assembleia e decidimos pagar o INSS dela até ela conseguir o auxílio doença, quando ela conseguiu o auxílio doença paramos de pagar, mas ajudamos ela até onde deu. Ela ficou doente, teve várias complicações, inclusive ela conseguiu comprar a casa dela. Também. E deixou aí a casa para os filhos. Não gosto disso daqui (referindo-se ao computador) não gosto de WhatsApp, não gosto de e-mail, meu negócio é telefone, tenho essa aversão por tudo isso. Eu sou considerada uma mulher que não tem papas na língua. E as vezes você tem que ter cuidado nas redes sociais. É perigoso, é um jogo perigoso, então prefiro nem entrar, deixa quieto. Pergunto: quando você faz aniversário. 07/09/57. Fiz aniversário, fiz até uma festa, (me mostra um álbum grande).

bag's pro pessoal ir armazenando. Um senhor quer que deixe um bag na officininha dele, que ele guarda, e são vários setores que tem que ter bag, tem um que dá mais bag né, e a coleta conseqüentemente ela aumenta, vai aumentar. E aí essa crise? Aí

eu tenho um investimento, um investimento dessa prensa pelo FUNASA, de um projeto que a fez que é do FUNASA, eu tenho uma prensa que tá ali, que agora a gente conseguiu... é... foi do FBB, tem aqui o cheque (mostra o cheque simbólico), de cem mil, que nós adquirimos aquela prensa, só que assim, esquecemos de um detalhe, essa prensa, ela vai precisar de uma caixa de força, é uma prensa que a ela vai prensar latas. Aí do projeto agora, do CATAFORTE III, eu tenho prensa, a prensa que eu pedi eu vou ver agora, eu vou reescrever uma outra carta pro pessoal do Banco do Brasil, porque eu não tenho hoje necessidade de uma prensa pra prensar alumínio, eu vou prensar aquilo lá, com aquela prensa. Porque que quando a gente fez o projeto do Cataforte, nós não tínhamos ainda do FBB e aí surgiu do FBB e assim ó, “tem isso daqui pra vocês me fazer o projeto pra amanhã, preciso encaixar amanhã”, qual que foi a maior necessidade, uma prensa de lata, porque assim, essa caçamba que está aqui está cheia. Ela vai sair daqui, não sei pra onde o cara vai levar, as vezes pra Ribeirão e região, porque as vezes a gente trabalhar com a região, ele vai vir aqui ele vai gastar com combustível, com pedágio pra ele levar, não chega a três mil quilos. Então a ideia é, a gente vai prensar esse material, lógico, vai gastar energia, mas ele vai sair daqui... não vai precisar toda semana, aí vem buscar, podemos jogar lá dentro os fardinhos, fardinho de lata porque aí prensa, diminui, vai ficar mais tempo, pra gente revender esses materiais e fica com preço talvez melhor, porque ele vai gastar em combustível. Então você tem que pensar lá, futuro. Qual o nosso pensamento hoje. Ter maquinários que condiz pra você, daqui dez anos poder trabalhar. Hoje eu não quero mais prensa pequena, hoje eu quero prensa grande pra jogar as PET, os PP, o PAT, prensar esse material num fardo maior, pra poder, é... ou como a gente tá fazendo a inter redes né, nós temos uma reunião em Sorocaba da Inter Redes, porque lá em Novo Horizonte, lá na cooperativa de Novo Horizonte, a gente não sabia, mas a vice prefeita fez um projeto e lá tem uma montagem de moagem de PET. A Universidade Federal de São Carlos, ela tem um aglutinador, ela tem mais um que vai mandar rede. Então nós vamos estar fazendo um mapeamento do que nós temos no nosso estado. Assis fez o projeto que a gente fez em 2008, do BNDS, esses dois caminhões que a gente tem é do BNDS, eles têm uma moagem, nós estivemos em Assis no começo do mês, fizemos uma reunião, vimos lá os maquinários, eles já estão moendo o PP e o PAD, a gente sabe que lá em Assis, então nós vamos negociar ainda. Vou levar lá e

vou trazer o que pra cá? Aqui eu tenho uma máquina que a gente trabalha com isopor e é... no estado de São Paulo, que eu saiba, até que a Neiva me informou, são três máquinas, aqui em Araraquara, Arujá e São Paulo, são três máquinas. A ideia é... vocês lá de Campinas, vocês têm? Não tem? Então vocês podem pegar lá da rede Anastácia, o material de Piracicaba, Rio Claro, que tá mais próximo à Campinas e comercializar, pra ter uma renda melhor e vender direto pra indústria. Então o desafio agora da Inter Redes é a venda e estruturar politicamente, porque que o acontece, a ABIPEC é responsável pelas embalagens e eles estão negociando ainda com o governo, como que vai fazer, porque o governo tá cobrando, a logística reversa, ou perversa, mais perversa do que reversa. Qual a empresa mais perto pra ver o material, ver quem negocia com os catadores. Ribeirão não negocia com os catadores. Então são esses tramites todos que a gente tem pela frente, brigar, porque as pessoas que saem do lixão têm seus aparatos, porque o governo deu seus aparatos. Não jogue eles assim como fizeram com os escravos. Libertou não sei do que, nada a comemorar, estamos na semana da consciência negra, nada a comemorar, continua sendo, quem tem o poder da caneta, tem. E a chibata só mudou de mão. Se for olhar a história, a chibata não saiu da mão de ninguém, ela só trocou de mão. As pessoas continuam sendo escravas. Então as pessoas o que estão fazendo? Prestando serviço pro município, retirando o material da rua, seja ele quem for. Aquele bêbado fedorento que já não toma banho há muito tempo, tem aquele cachorro sujo lá, sabe aquele que tá lá incomodando, dormindo na calçada, quem foi falar pra ele que ele poderia, que ele tem direito à moradia, que ele pode ter direito a trabalhar em outro lugar. Não vou dizer que o serviço dele é ruim, não, é dos melhores que tem, ainda. E o poder público quando vai é com a polícia, pra tirar de lá, jogar água na pessoa, como fizeram em São Paulo, fizeram em outros estados, joga água nas pessoas que estão embaixo dos viadutos, embaixo das marquises, é complicado. Então eu só falo pra você, a chibata só mudou de mão e quem tem o poder da caneta continua escravizando o povo, principalmente o povo que diz que já tá liberto. Quem tá liberto? Melhorou um pouco. Essa semana discuti com meu filho, discuti no bom sentido. Eu lembro que assim, hoje que to quase chegando no ponto seis, mas eu lembro assim que quando meu pai comprou a casa, foi muito sacrificante comprar a casa. Um terreninho, dois cômodos, minha mãe morou até esse ano, faleceu, tal,

meu pai conseguiu comprar uma outra casa, as pessoas que quiseram comprar casa há quinze anos atrás não conseguia comprar uma casa. O financiamento não dava. Comprar uma geladeira, hoje todo mundo tem casa, hoje você vai na loja, você sai com um celular, logico, os juros são altos? As pessoas se apropriam? Ah todo mundo tá atrás, então vamos aumentar o preço. Não precisa aumentar o preço. Então a telefonia... antes você tinha o que? A vivo. Agora tem a Vivo, Tim... A internet!

Sujeito 2

Bom na verdade assim, né, falando nesse processo de catação né, de catador mesmo, eu iniciei na catação quase que por uma fatalidade familiar, porque na época, em meados de 2002, 2003 ou 2003 eu trabalhava em uma empresa e aí eu resolvi sair da empresa e tava na época desempregado e aí minha sogra trabalhava no antigo lixão da cidade e aí na época de carnaval, tem o carnaval aqui no município, no teatro de Arena, aconteceu uma fatalidade, do meu cunhado ser atingido por tiro lá, veio a falecer e aí nesse período a minha sogra que trabalhava no lixão, ela ficou logicamente abalada pela morte do filho e não conseguiu mais por um bom tempo ir no lixão trabalhar pela questão da perda do filho e aí eu desempregado resolvi arriscar, fazer a vez dela, uma vez que ela não tava podendo ir e aí resolvi num belo dia lá, falei: não, eu vou lá no seu lugar, tal. Mais carregado pelo lado sentimental da coisa, assim, emocional e aí fui conhecer o trabalho dela no lixão tal e ao mesmo tempo trabalhar pra dar uma força naquele momento lá, que, a renda dela vinha exclusivamente do lixão e acabei indo pro tal lixão. E aí iniciei o trabalho lá junto, tinha lá umas vinte pessoas e aí tudo muito estranho porque nunca tinha feito isso e fiquei uma semana e aí senti que realmente ela tava bem ruim, não ia voltar naquele instante lá, eu resolvi ficar mais um bom tempo. Já naquele período, o pessoal do lixão tava sendo constantemente ameaçado de ser retirado do local por questão do órgão ambiental, a CETESB, junto com o Ministério Público, a própria Prefeitura, tava iniciando um TAQ para a retirada dos catadores do lixão. E aí os catadores lá, eu fui sentindo que eles estavam se agonizando lá com essa questão de perder o emprego, embora um trabalho complicado, mas era o que eles faziam, sustentava as famílias. E aí nesse período eu comecei a ler questão de formação de cooperativa, como se daria isso, tal, dentro do grupo a princípio eu fui bem aceito, acho que também pelo fato da minha sogra ser companheira deles lá na época e aí eles também, carregado pela emoção dela, pelo sentimento dela, me aceitou numa boa e aí eu fiquei, um bom período lá e ao mesmo tempo analisando essa questão de encerramento do lixão ou não e num belo dia realmente chegou a notícia de que não tinha mais jeito porque já tava se prorrogando muito essa ideia de encerra essas atividades ou não encerra e aí a gente foi chamado pelo município

pra receber a notícia de que a gente tinha um prazo determinado pra deixar o lixão porque não mais poderia ter catadores lá dentro né, devido a esse TAC que eles estavam finalizando. E aí nesse período eu meio que conversei com algumas lideranças que a gente já tinha, algumas lideranças antigas do lixão e aí propus pra eles: ó de uma forma ou de outra não ter como, a gente vai ter realmente que sair daqui e isso foi uma questão legal, a justiça tá falando que não pode mais, então a gente precisa ver o que a gente vai fazer porque esse momento é chegado e eu acho que a gente tem... na época tinha três meses, porque o lixão encerraria no finalzinho do ano e aí chamei esses líderes aí e falei: olha, eu tenho estudado sobre cooperativa, o que que cês acham de nesse momento aqui, já que vai encerrar as atividades aqui, da gente conhecer uma cooperativa da nossa região pra sentir como que é, se dá certo, se não dá, pra gente se antecipar a aquilo que a gente já sabe que vai acontecer. E aí a gente visitou uma cooperativa, vizinha nossa aqui, na cidade de Batatais e aí o pessoal, as lideranças, juntamente comigo gostou da ideia, o pessoal passou como funcionava tal, e aí a gente ficou meio com aquela ideia e aí retornou pro lixão e aí boa parte das pessoas que trabalhavam lá imediatamente após a visita procurou o município novamente com essa ideia: ó, uma vez que vai retirar a gente do lixão aqui a gente quer continuar exercendo essa atividade. Tinham pessoas lá que já tavam lá há quase dez anos, né. E aí de imediato o prefeito da época aceitou a ideia, né, de dialogar pra tentar construir isso, se antecipando também ao encerramento pra que as pessoas lá não ficassem sem um trabalho. E aí foi nesse meio tempo a gente aprofundou a ideia de cooperativa, fazia reuniões lá no próprio lixão mesmo e aí em meados de novembro veio uma nova notícia que de ó, o TAC já foi firmado e realmente vocês mais um mês e meio aproximadamente aqui pra encerrar as atividades. Muitas pessoas na época eu me lembro bem que entrou até em depressão porque resistia em sair do lixão porque já tinha um vínculo com aquela atividade, aquela luta, aquela batalha diária. Mas assim, com muita calma e paciência a gente conseguiu, principalmente as lideranças mais antigas, que naquele momento a gente precisava deles né, porque eles conduziam o processo e tinham a capacidade de convencimento dos outros companheiros que estavam lá. E aí chegou o grande dia realmente, em dezembro, de fato aquilo se concretizou e fez o encerramento das atividades. Nesse meio tempo não deu pra gente fazer a formalização enquanto cooperativa porque teria

que formalizar pra prefeitura já tinha sinalizado que ia apoiar a iniciativa, mas precisaria de um documento formal da cooperativa pra fazer a cessão do espaço que hoje a gente ocupa aqui, já há dez anos. Ficou aproximadamente três meses correndo atrás dessa documentação e aí em 2005, de fato, a cooperativa foi concretizada. Só lembrando que o fato ocorrido com a minha sogra foi em 2003 e a cooperativa veio a ser formalizada em 2005, então eu fiquei nesse período de 2003 a 2005 trabalhando no lixão, né. Porque aí eu senti que a ideia de cooperativa era uma coisa legal, que embora eu tava numa situação, junto com eles ali, numa situação que não era legal, a nível de trabalho, tal, mas acreditava na ideia de que lá na frente a cooperativa saindo ia ser bom. Então fiquei de 2003 a 2005 também trabalhando no lixão. Em 2005 a gente conseguiu formalizar de fato a cooperativa e aí iniciou o processo de diálogo com o município, primeiro ponto que foi o local, né, até porque sem o local a gente não conseguia nem trabalhar. A prefeitura tinha já, ao sair o CNPJ e a documentação da cooperativa, ela já enviou esse processo da cooperativa para a câmara municipal e foi aprovada a cessão de uso do local pra gente iniciar o trabalho. E aí nesse período era interessante porque era a primeira vez que os catadores do antigo lixão, ia ter uma relação mais aprofundada com a população até enquanto tava no lixão era pessoas extremamente invisíveis lá, quase ninguém sabia, que tinha pessoas trabalhando no lixão, até porque a gente percorria a distância da nossa casa até o lixão, aproximadamente vinte quilômetros por dia e aí ficava num local bem afastado da cidade, até porque o lixão é num local afastado e voltava pra casa todo dia noite. Então atravessava a cidade meio que quase que invisível mesmo, ninguém sabia qual era a atividade que a gente exercia. E aí a cooperativa formalizada, com espaço cedido pela prefeitura, além do espaço, eles cederam um trator, né, com a carretinha acoplada pra gente fazer a coleta do material na rua. Nesse período, existia uma entidade, existe ainda, mas a entidade não faz mais a atividade não faz a atividade reciclagem mais, é uma entidade ligada a igreja católica, que já tinha um processo de coleta seletiva em alguns bairros da cidade e aí a cooperativa, seus cooperados ao se defrontar, ó, digamos assim, agora o material não vai chegar mais no local aqui, igual era no lixão, a gente vai ter que correr atrás desse material, mas pra tanto, a gente vai ter que ter um respeito com essa entidade aí que já fazia a coleta. E aí a gente foi obrigado, por um bom período, a ir na lixeira, rasgar o saquinho, a sacola de plástico e ir atrás do material

reciclável, uma vez que essa entidade fazia, a dona de casa colocava o material toda semana do lado de fora, pra entidade pegar. Isso aconteceu principalmente no centro da cidade, então a gente coletava de manhã nos bairros né, e no centro, onde essa cidade fazia a coleta, quase não tinha como, a gente tinha que ir na lixeira pra tentar pegar o material. Nesse período aí, a cooperativa foi formada por vinte e uma pessoas, que eram todas do antigo lixão. No primeiro mês já houve a desistência de cinco pessoas, porque a renda, é... a primeira venda do material a gente conseguiu dividir entre nós oitenta reais, na época, isso em 2006. E aí no terceiro mês já saiu mais seis cooperados, todos do antigo lixão, porque, embora a gente se esforçasse, a renda não conseguia durante os meses ultrapassar cento e oitenta reais, na época. E aí chegou um ponto crítico, né, a cooperativa que tinha 21, passou a ter 10 pessoas, 11 pessoas e aí a gente fez uma reunião com aqueles que restaram, digamos assim né, do grupo e aí a gente num ponto de decidir se a cooperativa de fato iria continuar, essas pessoas que tavam aí acreditando, né. E aí naquele momento lá, numa questão quase que histórica assim, esses que permaneceram na cooperativa resolveram de fato, independente da renda, das dificuldades que a gente teria pela frente, de continuar na cooperativa. Aí talvez esse momento foi um momento que deu uma fortalecida no grupo e aí também é interessante que a prefeitura nesse momento, mesmo apoiando a ideia, e na época a prefeitura, o prefeito na época era muito parceiro, ele também colocava pra gente que o que tivesse no alcance da prefeitura ele iria fazer, porém ele acreditava muito mais no próprio grupo né, até ele achava muito difícil a gente conseguir reverter essa situação e fazer com que as pessoas conseguisse gerar renda o suficiente pra ter o mínimo pra sua família. E aí a gente, após essa reunião, com aqueles que ainda restaram aí, a gente conversou, resolveu, definitivamente, respeitar o espaço da entidade, ou seja, aonde a entidade não tinha atuação ainda, nós enquanto cooperados aí bateu de porta em porta solicitando o apoio da população. Foi muito difícil porque era uma coisa nova, né, a gente ainda carregada aquele questão de que ó, sei lá, cinco, dez anos trabalhando no lixão sem quase ter contato com a população. Mas aí a gente escolheu um bairro piloto e aí por nossa surpresa o pessoal acatou quase que na sua maioria, o primeiro bairro que a gente iniciou o porta a porta, já no primeiro mês teve uma grande adesão e isso foi fortalecendo o espírito de que ó, se a gente conquistar a população eu acho que o negócio vai dar

certo. A gente tendo a confiança deles, fazendo o trabalho certinho, então não vamo atrapalhar a entidade que ali então tem o roteiro dela, mas eu acho que vai dar certo. E aí então a gente iniciou, desse bairro começou fazer em outros bairros e aí a coleta foi aumentando, conseqüentemente a venda também, durante um ano, a gente, de 180 conseguiu alcançar na época, 300, 350 reais e aí esse grupo que restou já teve um ano a mais, porque nesse período também a prefeitura, que tava também quase que com um pé atrás, né, querendo ser parceira, mas desconfiando da ideia de que isso daria certo, que a preocupação deles era a questão de gerar renda, né. E aí, ela, a gente conseguiu fazer com que o município doasse uma prensa, porque a gente vendia o material solto e aí não conseguia agregar valor, vendia por um valor pequeno e isso influencia na renda. Então depois de porta em porta, a prefeitura também ajudando na divulgação do trabalho, cedeu além do espaço, um trator com uma carretinha que já era parte, né. E aí conseguiu formalizar um termo de cessão de uso de uma prensa. Isso também deu uma alavancada no ano de 2007, já no início vendeu o material por um preço melhor e aí esse grupo foi se animando cada vez mais. E em meados de julho de 2007, surgiu um edital público do BNDS, né. Foi o primeiro edital que o banco, o BNDS lançou pra apoiar os catadores das cooperativas e aí a cooperativa meio que quis participar, meio que sem entender bem como que era tudo isso. Mas aí nessa época, nessa transição de 2005 pra 2006, eu iniciei o processo de militância junto ao movimento nacional. E foi lá no movimento nacional lá em meados de 2006 que o pessoal já tinha alertado que ó, devido a articulação nossa enquanto movimento, a gente tá dialogando com o governo federal na busca de apoio, aí, pras cooperativas. E aí como 2006 eu fiquei um bom período frequentando as reuniões do movimento e tal, 2007 de fato aconteceu o lançamento desse edital. Então a gente, eu, em particular já tava meio engajado na causa aprofundamento as informações, então eu propus para a cooperativa pra gente participar do edital. E nesse momento a gente buscou apoio numa faculdade local aqui, o pessoal da faculdade, de pronto, resolveu ajudar a cooperativa a escrever o projeto e aí em 2007 a gente foi contemplado. Foi 24 cooperativas na época, né, a nível de Brasil, e das 24 a Cooperlól no caso, tava dentro. E aí o valor que a gente conseguiu do projeto BNDS foi de 448 mil reais, que na época possibilitou a construção da sede nossa aqui, com refeitório, escritório, a compra de mais uma prensa, uma esteira e aí o avanço maior foi a compra de um

caminhão. Foi o primeiro caminhão nosso, que a gente conseguiu com recurso do BNDES, aí deu pra alavancar ainda mais porque a prefeitura continuou cedendo o trator né, mas aí a gente já tinha um veículo próprio, pra fazer e ampliar a coleta no município. E aí de 2007 pra 2008 com essas ferramentas aí, a cooperativa deu uma deslanchada, principalmente na questão da renda, começou a estabilizar a renda. Não era muita coisa mas já conseguia um pouco mais do salário mínimo, já em 2008, pra quem tava recebendo no início 100 reais, passou a 600 na época. E aí a cooperativa também fez um processo de tentar reconduzir aqueles catadores que era do lixão, que até então a gente entendeu o porquê da desistência na cooperativa, né. Porque algumas pessoas tinham aluguéis pra pagar e no lixão dava pra pagar, custear tudo e vindo pra cooperativa não dava mais, e aí a gente tentou resgatar essas pessoas. Alguns, depois da cooperativa já ter avançado um pouco, voltou pra cooperativa, foi bem recebido. Outros não, mas ao tempo a cooperativa também começou a abrir campo para os catadores informais e para as pessoas que estavam desempregadas aí no município. Isso em 2008. Além disso, em 2005, 2006 na verdade, depois do projeto BNDES, aí sim, eu em particular, fiquei ainda mais militante do movimento e em 2009 eu passei a fazer parte da articulação estadual do movimento, cuidando de uma boa parte de uma região nossa aqui, conhecida como Alta Mogiana e também com alguma influência na região central, com algumas cooperativas lá. Nesse período a gente já entedia bem o que significa o movimento pra categoria. E aí também, através dessa articulação junto ao movimento, como militante, em 2009 pra 2010, surgiu novamente um edital público, dessa vez pela FUNASA, né e a cooperativa logicamente já tendo passado pelo BNDES que é uma questão bem mais complexa, a cooperativa se sentiu confortável de participar desse novo edital e aí participou e novamente foi contemplado. E ao nesse período de 2009 a 2010 desse projeto da FUNASA, a gente solicitou mais um veículo da FUNASA e um picador de papel, que a gente acreditava que a população tava do nosso lado e aqueles bairros que a gente conseguia fazer, tava cada vez mais aumentando o volume, mas tinha um problema, que os outros bairros também, queria que a população queria que a cooperativa executasse o trabalho porta a porta, porém, sem as ferramentas, o caminhão não daria pra fazer. Então a gente pleiteou esse caminhão junto à FUNASA, porém ele demorou um pouco, o projeto em meados de 2009, 2010, esse caminhão da FUNASA chegou aqui pra gente em

2012. Mas entre 2009 e 2012, na chegada desse caminhão próprio pra cooperativa, a gente recebeu a visita do então secretário estadual do Meio Ambiente, veio conhecer o município aqui e aí resolveu conhecer a estrutura da cooperativa, né e aí por nossa surpresa, após ele conhecer e dialogar com a gente aqui, ele de imediato anunciou pra gente que a secretaria estadual estaria fornecendo um novo veículo pra cooperativa, aí desse vez via convênio com o município né. Então a gente já tinha um caminhão do BNDES, já tinha um caminhão da FUNASA que demorou pra chegar, mas nesse meio veio um caminhão da Secretaria Estadual. E aí deu pra cumprir uma boa parte do município até vir o caminhão da FUNASA, e aí também valeu muito pelo reconhecimento, do secretário ter vindo aqui e aí a gente conseguiu ampliar a coleta em mais de 50 por cento dos bairros com esses dois veículos. Importante que, uma coisa simbólica pra cooperativa também, que na hora que esse caminhão chegou, a gente, entre aspas, entregou o trator pra prefeitura de volta, porque o trator, uma que não era o veículo adequado pra fazer a coleta mas é o que a gente tinha na época. Mas assim, é meio simbólico, porque aí a cooperativa foi de fato caminhando com suas próprias pernas. E aí em 2000 e... passado isso, a coleta só foi aumentando e em 2012, quando chegou o caminhão da FUNASA, a gente reestruturou toda a coleta seletiva, já com três veículos, a gente ampliou a coleta pra 100 por cento dos bairros. Então hoje, a gente não consegue obviamente atender 100 por cento das residências, mas em todos os bairros da cidade, o caminhão da cooperativa passa pelo menos uma vez por semana, então a cidade é 100 por cento atendida pela coleta em 2010 na chapa desse veículo via município a gente também iniciou um processo, porque dentro do movimento, uma das bandeiras de luta nossa, na época era a luta pelo pagamento por parte do município do serviço prestado pela cooperativa. E aí a cooperativa nossa já tava em evidência, pelas conquistas, tal, e aí em 2009, 2010, a gente já tinha iniciado esse diálogo com o município, já pegando o gancho do secretário ter cedido o caminhão, ter gostado da estrutura do trabalho, aí a gente propôs para a prefeitura que iniciasse um diálogo pra construir um contrato pra remunerar a cooperativa. Eu lembro que também a cooperativa que foi a primeira da região a ter um reconhecimento do poder enquanto trabalhadores, prestadores de serviço, e aí a gente conseguiu, de 2009 pra 2010 celebrar o contrato. Então a gente já atingia boa parte da coleta, a renda já tinha aumentado e aí, a renda aumentou um pouquinho mais porque além da coleta e

comercialização a prefeitura também remunerava por tonelada aquilo que a gente coletava. E aí após isso, esse reconhecimento por parte da prefeitura também, ano após ano, a gente já com uma certa habilidade em lidar com o poder público também, a gente não só incentivou outras cooperativas da região a pleitear esse contrato com o município, e aí as cooperativas da região, pelo menos quatro cooperativas conseguiu o contrato, baseado no contrato da Cooperlol, porque o prefeito tinha sempre uma jogada de que, ah não dá pra contratar, isso é legal, não é, ele tendo a cooperativa Cooperlol como modelo facilitou muito porque seja um contrato e o tribunal de contas julgou como regular o contrato, então é porque não fazer em outro município. Então assim, mais um avanço também, fruto da articulação dentro do movimento, porque dentro do movimento a bandeira de luta, uma das principais é o pagamento prestado, e aí a gente avançou ainda mais nesse processo, de ser uma das primeiras cooperativas do Brasil a receber pelo serviço. Já em 2013 pra 2014 a cooperativa resolveu iniciar um processo novo também, que foi, uma vez que a cooperativa já tava bem estruturada, já participou de editais públicos e já tinha incentivado outros municípios a pagar pelo serviço, a cooperativa iniciou o trabalho de trabalho em rede dessas cooperativas, pensando que ó, a gente junto vai ter mais força, tanto junto ao município quanto à atividade em si. E aí a Cooperlol mais uma vez encabeçou esse processo em 2013 e aí em 2013, já com esse processo mas a rede ainda não formalizada, a Cooperlol ousou mais uma vez enviar um edital junto a Fundação Banco do Brasil, através de um edital público, esse contemplava exclusivamente redes de cooperativas, mesmo que elas não estivessem formalizadas, o edital previa que teria que ter uma cooperativa singular, representando as demais cooperativas. E aí pra nossa felicidade a gente conseguiu de novo ser contemplado nesse edital, né. O edital, a principio prevê a compra de equipamentos junto à FUNASA, que é aquele processo que eu já falei antes que é demorado, ele vem se arrastando desde 2013, mas dentro do projeto é um projeto de nivelamento, aonde vai nivelar as cooperativas pelo menos no quesito equipamentos e a outra parte do projeto é voltada pra consultoria, e esse com a Fundação Banco do Brasil, que prevê no final do projeto um plano de negócios de estruturação da rede, pra ela dar um passo adiante aí, na comercialização, na verticalização do material, na produção de um produto final, oriundo do material que essas cooperativas coletam. E aí esse projeto ainda está em andamento, iniciou com

cinco cooperativas na rede porque a gente pensou inicialmente na rede Alta Mogiana, mas aí conseguiu depois trazer o pessoal da região central e aí tornar uma rede só, composta hoje, por treze municípios. E o processo ainda tá em andamento, é uma realidade nova pra todas as cooperativa porque aí o desafio é maior porque se envolve um numero maior de pessoas, porque uma cooperativa tá num estágio outra tá no outro e aí pra você balizar isso e fazer com que todas sejam contempladas e fazer com que falem todas a mesma língua, tá sendo um processo complicado, difícil, mas é um projeto atual que a Cooperlol junto com essas outras cooperativas, tá tentando conduzir. O projeto prevê trinta meses até o fim do projeto. A gente tá percorrendo durante esse ano de 2015, o primeiro ano, então tem mais dois anos ainda, pra tentar primeiro, nivelar essas cooperativas e depois com o plano de negócios já estabelecido dentro da rede, pensar em avançar nesse processo. Acho que da cooperativa em si acho que é mais ou menos isso.

É a rede Anastácia. Isso, rede Anastácia, vale lembrar que Anastácia foi o nome foi sugerido por uma companheira, a companheira Helena, da Cooperativa Acácia, que uma grande representante da categoria das mulheres, a aí a Helena escolheu o nome Acácia, em alusão a escrava Anastácia mesmo né. E o interessante, só ressaltar que, quando da discussão do nome da rede, as cooperativas que não estavam muito inteiradas do assunto, da importância que é luta dos catadores, declinaram em mudar o nome da rede Anastácia, colocar o nome que a gente julgava entre os companheiros um nome mais bonito. E aí o interessante foi que, a Helena através de um grito só que ela deu, pedindo respeito em saber da história e aí a gente se convenceu de fato que o nome da rede nossa teria que ser Anastácia mesmo. Pensando na luta que já percorreu esse tempo todo aí e aí realmente a gente engajou na ideia da Helena e é o nome que a gente vai carregar até quando a gente existir. Mas é uma coisa interessante porque, aqueles que não sabiam e que não tavam meio que inteirados da luta dos catadores, desse dia, a helena quase que deu um show e aí convenceu todo mundo que o nome bonito ou não... o principal era a simbologia do nome. E aí hoje a rede por nossa felicidade tá sendo reconhecida como rede Anastácia mesmo, o pessoal quase que no estado de São Paulo inteiro conhece a rede, né, e tamo aí tocando o barco.

Quando você conta um pouquinho da sua estória, você vai direto aquilo que a gente vivencia hoje, assim tem toda uma história pessoal nossa por trás de tudo isso

também. A minha, em especial, é que a dificuldade já iniciou desde criança porque, eu não conheci meu pai porque abandonou minha mãe, eu tenho outro irmão na verdade, né. Eu quando ainda muito pequeno, não lembro nem da face do meu pai, na verdade, porque ele abandonou o barco e aí a minha mãe teve que tocar o barco sozinha. E aí também nesse período de dificuldade, ela mãe solteira, com as dificuldades dela. E eu perdi também depois a minha mãe muito nova. Então aí nesse período a gente teve que criar uma força extra, porque já vinha de uma situação que ela tava conduzindo a família meio que sozinha, e aí ela faleceu muito nova também e aí a gente, eu, particularmente tive que ter uma força a mais, mas o interessante é que, não consigo identificar se era liderança pro negócio em si, acho que não, na época. Mas assim, eu percebo que eu era meio rodeado de amigos assim que, que eu percebo que até hoje, que o pessoal naquela época tinha um certo respeito com o tipo de diálogo que a gente tinha. E também partir por esse caminho mesmo, mãe solteira, não tendo pai, num partir pra outro caminho que não fosse o caminho da legalidade, do negócio e aí dentro do ambiente escolar, aí sim. Não sei, não é prepotência nada, mas eu acho que, dentro do grupo da escola eu acho que eu já era reconhecido ali como uma pessoa meio que de referência mesmo. Ah, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Não sei se isso tem alguma interferência no que a gente alcançou hoje, falando da atividade de catação, mas sei lá, pode até ser que, tinha alguma coisinha lá, algo a mais aí que serviu pra depois conduzir esse processo que é um processo complicado, é difícil né, eu acho que, são pessoas abençoadas que conseguem conduzir esse processo aí e fazer uma cooperativa, de fato sair do papel e virar uma coisa real né. Por que se... o acreditar teve que partir da gente, porque embora as pessoas, queriam dar uma força, ajudar, mas não tem como, a cooperativa depende muito do querer das pessoas que estão a frente. Que é ela que conduz o restante do grupo e faz o grupo acreditar que o impossível é possível, entendeu, então... acho que é isso, é, não sei. Devo ter sido escolhido pelo grande lá, ó, é você mesmo que tem que carregar esse fardo, tá aí.

Sua mãe morreu você tinha quantos anos?

Eu tinha, na verdade, já era adolescente, acho que dezesseis pra dezessete anos. Morreu de infarto na verdade.

Você tem quantos irmãos? Só um, mais velho. E na sua casa, ele também tinha essa capacidade de se virar ou você acha que era mais você? Não, não, meu irmão, desde novinho né, ele é dois anos mais velho que eu, eu estudava e ele desde novinho já pensava em trabalhar. Ele fazia serviço mais assim, braçal né, desde pequeno, então até hoje o foco dele sempre foi esse, hoje ele é metalúrgico, tá até com problema de saúde, teve que operar da hérnia, tá afastado e tal, e ele era mais questão de serviço braçal.

Ele nunca se envolveu com luta sindical? Não, meu irmão não. Era mais voltado pra questão do trabalho dele mesmo. Ele não era meio que engajado nisso não.

E você já buscava mais estudar? Por vezes dava uma enganada, não tinha muito a noção da importância do estudo, né, mas assim, estudava sim, fiz o segundo grau completo, nunca repeti de ano, isso aí era bem tranquilo. Até fiz um vestibular assim que acabou o segundo grau mas aí acabou não dando certo. Aí outra coisa também é que em 2010, história com é complicada, porque em 2010 minha sogra que me fez ir até o lixão e acontecer tudo isso, ela veio a falecer, aqui dentro da cooperativa, porque ela morava aqui, e aí talvez, de tudo isso que a cooperativa conquistou que pra nós aqui é uma questão delicada foi essa perda dela. A cooperativa naquele momento a cooperativa ter conquistado algumas coisas e aí nisso os cooperados tem noção disso, que a cooperativa só existe, hoje eles alegam que a cooperativa só existe por causa dela, porque se eu fui pra lá e conduzi o processo de formação da cooperativa, eu só fui por causa dela, mesmo que por uma fatalidade. Então na verdade é isso né, as coisas acontecem e a gente não tem o poder de mudar né. É assim uma das coisas que a cooperativa fica meio bambeada quando entra nesse assunto assim porque, parte dos catadores do antigo lixão ainda tá aqui, eu e mais outras companheiras. E ela também era um símbolo da cooperativa também, porque, minha sogra era meia porreta também. Digamos assim, não comia nada amanhecido né, então. Mas se ela tivesse aqui, a gente acredita que a cooperativa teria avançado ainda mais, porque, questão de disposição pra trabalhar assim ela é considerada até hoje, mesmo não tando aqui mais como a pessoa que mais trabalhava lá no lixão, passava dias, até posava no lixão e acabou construindo uma residência com o dinheiro do lixão. Então foi uma perda que a gente sente até hoje, é complicado né. Mas aí o bom é que as filhas continua aqui, então, provavelmente

a história dela então... dos filhos, pode ser que os netos também vai ingressas na cooperativa, então, o conforto vem daí, né, tem alguém ainda que representa ela. Você representa ela, né. Sim, porque eu peguei as dores dela e trouxe pra mim, né. Porque também, na época de desempregado eu poderia, novo ainda, procurar um outro emprego, mas não, só fui lá também por respeito a ela, naquela época já entender a dificuldade que era, né, uma mulher encarar o negócio de frente mesmo. E dentro do clube o interessante é que algumas pessoas tinha dentro do lixão, tinha vergonha, não sei se é vergonha, de falar ah eu trabalho lá em tal lugar e ela não, ela desde a época, ela batia no peito que atividade dela era aquela mesmo, é daquilo que ela vivia e ponto final. Então, é a pessoa que mais simboliza aí a alternativa de pegar ... também é por via dela né. Mas, tamo aí. A homenagem que a gente fez é de colocar o nome dela em um dos caminhões e carrega né, porque, caminhão é simbólico, pra nós é o que faz a cooperativa ir pra frente e aí não tem como, tá estampado lá, todo mundo que olhar vai estar sabendo que tem uma companheira... Como era o nome dela? Ezilda, mas era conhecida como Pola, o apelido póla, então a gente colocou Pola eterna companheira, tá no caminhão. E aí recente agora, no dia internacional da mulher. Aí foi uma ideia meio que minha que tá dando certo, de vez em quando a gente viaja também, mas algumas coisas dá certo, por vezes outras não, mas esse a gente acabou acertando, porque, os homens aqui, a gente reuniu os homens aqui e resolveu fazer um evento pras mulheres. E aí a gente levou esse evento pra uma escola técnica da cidade e aí fez um vídeo das mulheres trabalhando e aí a gente se articulou com um salão de beleza que deu um dia de beleza pra todas elas e aí o pessoal que cuida da comunicação da cooperativa fez um vídeo antes e depois e tal e aí a gente levou isso pra escola e na verdade no final a gente fez uma homenagem pra ela, sem que ninguém aqui soubesse e aí pra mim foi complicado porque eu tive que segurar a onda durante um mês e meio, sem que ninguém soubesse disso. E aí depois de passar as meninas trabalhando, depois as meninas todas chicosas lá né, os alunos, tava trezentos e cinquenta alunos no espaço, aplaudindo, batendo palma, porque realmente as menina ficou muito bonita e tal e aí no final do vídeo a gente colocou aquela música "Maria, Maria", porque o nome dela é Maria Ezilda e aí a gente colocou o nome Maria, e aí transcreveu a música e colocou vídeo dela na cooperativa, dela com os netos, tal. Viche, aí, aí colocou a filha, pegou a filha, a

minha esposa não, a minha esposa trabalha aqui, inclusive é motorista né, pilota caminhão, não tá pilotando porque ela tá prestes a ganhar nenê, mas é a caminhoneira nossa aqui, mas essa aí não fala, minha esposa. Mas a outra filha, essa que entrou aqui, essa já é puxada pra mãe e aí colocou ela pra falar né. Aí a escola inteira desabou, né. Mas assim, de tudo o que aconteceu, passado cinco anos, a gente nunca esqueceu dela, lógico, foi o momento que deu pra trazer ela pro nosso lado de novo né. Quem conhecia ela desde o lixão, quem trabalhou junto ou aqueles que conheceu ela depois que ela faleceu, todo mundo ficou meio que... ah foi um negócio de louco, lá, entendeu? Quem vê o vídeo, não tem como, a pessoa chora, sem conhecer isso tudo que eu te falei, a pessoa desaba, entendeu? Porque foi muito, foi criado por nós, mas o momento lá foi muito espontâneo, sem ninguém saber, surpresa e aí de fato você que quando a história é verdadeira, não tem como, né, ninguém tira, né. E aí esse ano aqui, de ter acontecido isso já... poderia vir cinquenta caminhões e não pagaria esse momento que teve lá na escola. Poderia conseguir tudo em dobro do que a gente já conseguiu, mas, foi uma coisa também que a cooperativa vai guardar até... e foi um negócio bacana lá. É bem isso aí. Ela é inspiração pra você? Acho que não tinha igual né.

Sujeito 3

Bom, eu sou o Sujeito 3, tenho quarenta anos, estou no Movimento Nacional faz catorze anos, que eu to no movimento nacional e minha história é a seguinte, eu sou natural de Itarumã, interior de São Paulo, minha mãe separou do meu pai eu tinha oito ano e aí depois eu tive que começar a trabalhar meio cedo, e aí e eu sempre trabalhei aqui na zona rural, eu sempre... região nossa é mais forte de cana né.. Aí a gente trabalhou mais na zona rural. E aí depois, logo cedo eu tive que começar a trabalhar, logo cedo também a gente mudou pra Assis, bem dizer eu fui criado na cidade de Assis, e aí logo depois também, eu comecei a trabalhar e estudar, e então, trabalhava e estudava e aí tive que uma época fazer uma opção entre estudar ou então trabalhar. Ai eu abandonei o estudo, não sei porque também, estava fazendo terceiro colegial, peguei e saí da escola. Comecei trabalhar, aí logo depois também, logo depois também acabei amasiando, aí depois também, estudo, não deu mais pra fazer. Aí tive que encarar a vida, como não tinha ocupa...(ção), não tinha profissão né. Trabalhador rural, atrás de serviço, trabalhei de metalúrgico. A cidade nossa é uma cidade, a região nossa é uma região rural né, então, não tem muita indústria. Também não tem muita capacitação também, também não tem muito investimento nessa área de... agora parece que tá aparecendo, mas curso tinha muito pouco, de qualificação profissional. E aí a partir de 97, 98, política neo liberal então né, de arrocho fiscal, né, de pouco investimento nessa área, o país tava passando por uma recessão muito grande, aí a reinserção no mercado de trabalho tava demorando muito, pra você voltar... um ciclo ne? Pra você voltar ao mercado de trabalho. O tempo de procurar emprego tava demorando muito, por causa da política do FHC, de arrocho fiscal. Não tinha investimento, as empresas não estavam contratando, aí a gente achou um grupo pra discutir o desemprego na região, na “prudenciana” que é a chamada... na igreja, na paróquia, aí tinha um grupo de psicólogo da Unesp, psicologia do trabalho, professora Ana Maria que discutia o desemprego e a reinserção no mercado de trabalho e algumas... de curso de capacitação que a comunidade podia fazer, que a prefeitura podia fazer pra reinserir essas pessoas que estavam, numa faixa de vinte e cinco anos, uma faixa, todo mundo, maioria nessa faixa, também mulheres na faixa de trinta e oito anos,

mulheres com filhos, que achavam muita dificuldade de achar um mercado de trabalho, e aí a gente fazia essa discussão. Era um grupo que se reunia mais ou menos uma vez por mês, aí sempre saía e aí a igreja cedia o espaço, e aí tentando discutir essa questão do emprego, essas questões, a gente viu que a prefeitura tinha um estrutura aqui de triagem de lixo, tava desativado, e poderia ser um ponto de gerar emprego, aí a caritas tinha um barracão, esse barracão aqui que tava parado também, e projeto era um projeto que a igreja, ela fazia um papel de atravessador né, a igreja tinha uns carrinho de catar material na rua, material reciclável. Aí o que que a igreja fazia, a igreja pegava, as pessoas traziam o material pra cá e a igreja comprava o material, dava os carrinhos, a igreja vinha aqui, pagava um valor e vendia, só que aí o bispo achou que não era uma coisa que tava promovendo ninguém, que os outros não estavam tendo autonomia, e aí ele falou assim, “tem aquele espaço lá parado, e ai se vocês quiserem ir pra lá, acho que dá pra fazer um trabalho de geração de renda, acho que nessa começo a gente pode auxiliar né”. Aí a gente veio pra cá em 2001, aí a igreja fazia esse trabalho né, de... nesse momento eu não vim, aí veio minha mãe, que ficava acompanhando os psicólogos lá, aí eu falava pra ela, “ó mãe, esse negócio de psicólogo é só pra demitir, eu falava pra ela, psicólogo quando tá na empresa é só pra demitir, geralmente é psicólogo que demite, né? Vai lá, fala o seu perfil, fala que você na se enquadra né, então eu tinha uma resistência de psicólogo, falava sei lá mãe, esse negócio de psicólogo, sei lá hein, esse negócio de cooperativa aí é um tiro no pé, sei lá se vai dar certo eu não vim não nesse primeiro momento não. Eu tava fazendo uns bicos, fazendo uns bicos, fazendo umas coisinhas ali, ia pras reuniões lá... esse negócio de trabalhar todo mundo organizado lá, nem sabia. Também o constrangimento de você sair na rua né, naquela época não tinha catador na rua, geralmente a gente, eu também tinha vergonha da minha mãe quando ela saía com o carrinho na rua, eu tinha até vergonha dela, saía numa chuva. Eu não via ali uma profissão né, falava sei lá mãe, sei lá. Ela começou vim, começou vim pra reuniões e vinha pra cá, aí depois minha mulher começou participar das reuniões também aqui, começaram a vir pra cá todo sábado, animado, parecia, umas reuniões grandes, mais de cem pessoas nas reuniões, aí tinha confraternização, os caminhoneiros separavam o pessoal da minha mae e levava material em casa, aí eu comecei ver aquele negocio lá. Ai em 2001, eu fazia isso, fazia esses bico, eu pegava latinha pegava alguma coisa, pra

dar um complementada na renda, não era aquele catador, que catava, eu trabalhava de guarda, então quando eu trabalhava de guarda lá o pessoal consumia cerveja, eu pegava a latinha lá e guardava, aí vendia, Aí depois minha mãe começou a vender aí eu pegava alguma coisa que tinha lá na empresa e trazia, ela entregava no nome dela e me dava o dinheiro da cooperativa. Aí minha mãe falou, vai fazer uma ficha lá, você cata nas horinha de intervalo lá. Ai eu falei, vou lá fazer uma ficha lá, fiz um cadastro na cooperativa, fui lá, depois acabei ficando desempregado, aí eu arrumei uma carroça e fui cata na rua aí. No começo era meio difícil né, porque... o pessoal não entendia muito bem o que você tava fazendo né “não para de mexer, no meu lixo aí”, não mas não é lixo não, to pegando material reciclável, daí teve um dia que tava num bairro aqui, tava no jardim Europa e teve um senhor que saio “brabo” de lá “porque que ce mexe no meu lixo? Não tem nada aí” Falei “não, tem sim, tem latinha”, você pega isso aí? Falei “Pego!” Então vou separar pra você então, aí começou separar jornal essas coisas. Aí eu comecei, eu me organizei e fiz uma linha né, sempre passando na frente do caminhão de lixo, o caminhão de lixo ele passa de manhã cedo, eu saia geralmente cinco e meia da manhã, porque o bairro rico é lá outro lado, então até você fazer todo o percurso, chegava lá seis horas, aí chegava lá e já ia fazendo a coleta. Pessoal começou a separar, a deixar separado num cantinho, aí tinha um lugar lá que tinha um pessoal que dava agua pro cavalo, então comecei a criar uma rotina, então o pessoal até uns amigos meus começaram a entender que era ocupação, comecei a ter renda também, tratava do cavalo tudo né, comecei, aí perdi a vergonha mesmo. Tentei até levar meus menininho comigo, pode levar, dia de sábado, eles gostavam, eu chegava em casa, eles chegavam pra separa porque quando você trabalha e leva material pra sua casa trabalha todo mundo, um amassando pet, outro né, fica todo mundo trabalhando, chegava em casa, levava uns garimpinho, que é brinquedo que o pessoal jogava, nossa eles ficavam... quando eu chegava, apontava lá de longe eles vinham correndo querendo os brinquedinho, aí eu sempre levava um brinquedinho, alguma coisa, pessoal dava lanche, então você, Fazia uma atividade que saia de manhã, saia de manhã, saía a tarde. Aí a tarde era mais sossegado, sempre ia um junto, uma criança minha junto. Aí comecei, fiquei dois anos nessa atividade, catando na rua. E a cooperativa funcionava, a gente catava individual e trazia o material aqui né, aí a cooperativa comercializava, ela retinha quinze por cento e restante ela passava pra gente. E as

reuniões, toda semana tinha reunião, quando tinha planejamento tinha reunião, quando tinha capacitação tinha reunião no meio da semana e aí funcionava os EJA, os EJAC né, que era uma parte era letramento outra parte era tipo um magistério né, tinha umas coisas assim, e aí a gente começou a discutir com a prefeitura porque a parte de reciclagem tava desativado e aí a gente viu a possibilidade de ir pra lá só que aí a gente tinha que trabalhar coletivamente, né. Tem a possibilidade da gente trabalhar lá no parque de reciclagem né, que é a outra unidade da cooperativa que fica lá na saída de Cândido Mota, a gente falou assim, bom, se a gente for pra lá então a gente tem que trabalhar coletivamente, junto, aí vai ter uma retirada, a gente não sabe de quanto vai ser a retirada né, a gente não fala lucro, a gente fala retirada né. Eu falei, é, vamos ver né, não sei se eu vou não, eu participei de todas as reuniões, mas eu só fui mesmo no ultimo mesmo dia mesmo. Me falaram, vamos, se não der você volta pra trás, falei, viche, e o meu cavalinho, fazer o que com o meu cavalo. Coletivamente? Trabalhar junto com esse povo todo, meu Deus do céu. Era quarenta que ia pra lá. Aí falei então, fazer o que? Vou arriscar. E fomos pra lá, todo mundo junto. Aí tinha um pessoal da prefeitura que trabalhava lá, nossa! Que dificuldade! O pessoal da prefeitura, eles não queriam sair de lá. Que eles eram concursados né, é como é que a cooperativa assume tudo aqui. O convênio passou pela câmara, chegou lá, nossa, dificuldade, teve bastante dificuldade. Até eles entender que o nosso objetivo era trabalho e renda, que a gente não tava, eles eram funcionário publico, a gente não queria tomar o espaço de ninguém, a estrutura estava parada né, a gente ia operar a estrutura, tinha ciúme desde o chefe geral que tinha lá, que tomava conta dos maquinários “ah, não o que lá!” (esbravejava), vocês não vão ficar um mês aqui, vocês vão desistir. No começo desistiu bastante gente, mas tinha um grupo forte! Foi, foi ,foi , lutando, lutando, a gente conseguiu estabelecer lá. Aí a cooperativa começou a ter corpo. Aí em 2003 teve o primeiro encontro estadual. Aí a primeira vez em 2003 a gente conheceu o movimento. O primeiro encontro regional dos catadores do oeste paulista. Ai a gente conheceu, veio o Eduardo e veio o Roberto de São Paulo, falaram o que era o movimento. A gente não sabia né? A gente tinha ido lá na Asmare, né, na Coopamare, a gente tinha ido na Asmare, que era cooperativa, era as mais antigas. A Coopemare, Asmare, acho que é as mais antigas, desde o tempo do Covas, acho que desde 89, a Cooparame, e a Asmare é quase o mesmo tempo, a Asmare lá de Belo Horizonte.

As duas surgiu ligada a igreja também. E a gente foi lá conhecer ela e depois o pessoal falou, vão fazer um encontro, o encontro, aí vieram com esse encontro regional, o primeiro encontro regional dos catadores do oeste paulista, isso foi na Unesp, esse encontro, a gente conheceu o movimento, vimos o movimento nacional dos catadores, uma coisa nova, o movimento nasceu em 2001, a marcha de rua, de liderança, porque sempre foi atrelado os catadores com os moradores de rua, em São Paulo. Né. Principalmente, nas grandes metrópoles, sempre teve esse olhar, e aqui também sempre foi o mendigo, o homem do saco, então o catador sempre teve um preconceito né. O pessoal sempre brincou com isso, ah se não brincar o homem do saco te pega, o catador sempre teve, as crianças sempre cresceram com esse olhar né, de catador como o homem do saco, essas coisas. A gente foi nesse encontro aí, de catador aí a gente conheceu o movimento, a gente viu a carta de princípios do movimento, aí a gente viu que a gente não tava sozinho, que era outra pegada, que era mais pessoas, a gente viu que tinha um horizonte, ó a gente não tá sozinho, acho que pode vislumbrar alguma coisa aí, né, algum mundo, alguma coisa nova, alguma ocupação. Não tinha nem saído a CBO ainda. Aí a gente foi nesse encontro aí que conheceu o movimento. Vamos, vamos articular o Comitê Oeste Paulista, né. O Comitê né, o movimento se organiza em comitês. Aí fizemos o Comitê Oeste Paulista, conhecemos Prudente, aí a gente trouxe alguns catador, pessoal que catava na rua no outro encontro, das cidades regionais. Ourinhos não veio pra essa reunião ainda. Aí a gente falou, ah aqui é uma base do movimento, podemos fazer uma bandeirinha do movimento, mandemo pintar a bandeira, não sei onde foi parar essa bandeira, mas é uma relíquia ela, mandemo pintar ela, fizemo uma bandeira do movimento, pô, já arrumemo uma bandeira. Aí a gente recebeu uns materiais. Tenho até hoje aquele, como que é? Tem o retroprojeter, o outro é o slide, transparência, aí eu arrumei uma pastinha daquela lá e tenho até hoje, aquelas pastas transparentes. Ah vamo agora divulgar o movimento por aí né. Peguemo a bandeira e saímo pela região aí. Fazia reunião com os prefeito, falando o que é o movimento. Você s da Coocassis? Nessa época você já era presidente da Coocassis? Não, não, eu era catador, a primeira gestão da cooperativa foi um mandato de sete meses, foi o seu Zé Eliel, eu fui e falei eu não ir pra movimento nenhum não, eu fui lá normal mesmo, eu não quero me envolver com nenhuma atividade de nada, não. Mas você se empolgou no movimento? Ah sei lpa, eu

comecei, porque assim né, a cooperativa geralmente você, aí eu fiquei como coordenador lá da parte de reciclagem. Tinha o Aduino que era o coordenador, ele saiu. Aí já falaram, o Aduino tava como coordenador e ele saiu, você tem que ficar aí como coordenador aí do grupo, aí eu fiquei lá, três anos de coordenador, lá na coordenação, aí comecei a participar de formação do movimento, ir pros espaços de formação, comecei, a primeira formação que teve no movimento foi em 2004, a gente foi pra São Paulo, né, ficou lá no convento na madre Paulina, lá, uma semana lá, primeira capacitação de liderança do movimento. Aí tava o... tava o Roberto, tava o Dudu, tava o Cardoso, tava o Severino, tava o Tião, “tava” o Estácio, tava a Patrícia, tava a Nancy, tava a Guiomar, tava a Valdirene, “tava” o Luiz Henrique, “tava” o Alex, “tava” todas as lideranças, era as lideranças que tinha. Eu participei dessa formação. Aí a gente fez essa formação e a gente saiu depois pra aplicar essa formação no estado, cada estado saiu com a estrutura de fazer a articulação, de fazer o que o que é o movimento e a gente saiu pelas regiões. A gente saiu abrindo os olhos dos companheiros, tinha grupos de catadores que não tinha transparência, não tinha gestão democrática, a gente falou, o que o movimento prega é isso né, autonomia, transparência e aí a gente começou a discutir com os grupos, os grupos começou a ver que o presidente era autoritário e começou a se rebelar. Epitácio foi um exemplo assim, Ourinhos o pessoal se rebelou lá, então a gente saiu aplicando isso né, e aí a gente começou depois a articular, a ir pros grupos, fazer formação, começou sair as políticas públicas, a gente foi pra uma marcha em Brasília, onde a gente foi reivindicar em torno de 700 mil postos de trabalho no segmento de catador, a gente sentou com o governo, primeira vez que o movimento sentou com o governo. A gente entrou, foi recebido no palácio, naquela época era o presidente Lula, primeiro ele indicou a Fundação Banco do Brasil pra gente acessar recurso, aí a Fundação pegou e começou a soltar os primeiros editais. Aí a gente acessou, a gente comprou um caminhãozinho e uma extrusora que tem aí, aí começou a sair os editais, aí começou a articulação da, de um decreto na lei 11.445 a lei de resíduos, que criou um artigo de contratação direta de cooperativas, aí alterou o texto da lei, e aí a gente começou a ter acesso e a gente começou a discutir com os municípios. objetivo era trabalho e renda, que a gente não tava, eles eram funcionário público, a gente não queria tomar o espaço de ninguém, a estrutura estava parada né, a gente ia operar a estrutura, tinha ciúme desde o chefe geral que tinha lá, que tomava conta

dos maquinários “ah, não o que lá!” (esbravejava), vocês não vão ficar um mês aqui, vocês vão desistir. No começo desistiu bastante gente, mas tinha um grupo forte! Foi, foi ,foi , lutando, lutando, a gente conseguiu estabelecer lá. Aí a cooperativa começou a ter corpo. Aí em 2003 teve o primeiro encontro estadual. Aí a primeira vez em 2003 a gente conheceu o movimento. O primeiro encontro regional dos catadores do oeste paulista. Ai a gente conheceu, veio o Eduardo e veio o Roberto de São Paulo, falaram o que era o movimento. A gente não sabia né? A gente tinha ido lá na Asmare, né, na Coopamare, a gente tinha ido na Asmare, que era cooperativa, era as mais antigas. A Coopemare, Asmare, acho que é as mais antigas, desde o tempo do Covas, acho que desde 89, a Cooparame, e a Asmare é quase o mesmo tempo, a Asmare lá de Belo Horizonte. As duas surgiu ligada a igreja também. E a gente foi lá conhecer ela e depois o pessoal falou, vão fazer um encontro, o encontro, aí vieram com esse encontro regional, o primeiro encontro regional dos catadores do oeste paulista, isso foi na Unesp, esse encontro, a gente conheceu o movimento, vimos o movimento nacional dos catadores, uma coisa nova, o movimento nasceu em 2001, a marcha de rua, de liderança, porque sempre foi atrelado os catadores com os moradores de rua, em São Paulo. Né. Principalmente, nas grandes metrópoles, sempre teve esse olhar, e aqui também sempre foi o mendigo, o homem do saco, então o catador sempre teve um preconceito né. O pessoal sempre brincou com isso, ah se não brincar o homem do saco te pega, o catador sempre teve, as crianças sempre cresceram com esse olhar né, de catador como o homem do saco, essas coisas. A gente foi nesse encontro aí, de catador aí a gente conheceu o movimento, a gente viu a carta de princípios do movimento, aí a gente viu que a gente não tava sozinho, que era outra pegada, que era mais pessoas, a gente viu que tinha um horizonte, ó a gente não tá sozinho, acho que pode vislumbrar alguma coisa aí, né, algum mundo, alguma coisa nova, alguma ocupação. Não tinha nem saído a CBO ainda. Aí a gente foi nesse encontro aí que conheceu o movimento. Vamos, vamos articular o Comitê Oeste Paulista, né. O Comitê né, o movimento se organiza em comitês. Aí fizemos o Comitê Oeste Paulista, conhecemos Prudente, aí a gente trouxe alguns catador, pessoal que catava na rua no outro encontro, das cidades regionais. Ourinhos não veio pra essa reunião ainda. Aí a gente falou, ah aqui é uma base do movimento, podemos fazer uma bandeirinha do movimento, mandemo pintar a bandeira, não sei

onde foi parar essa bandeira, mas é uma relíquia ela, mandemo pintar ela, fizemo uma bandeira do movimento, pô, já arrumemo uma bandeira. Aí a gente recebeu uns materiais. Tenho até hoje aquele, como que é? Tem o retroprojeter, o outro é o slide, transparência, aí eu arrumei uma pastinha daquela lá e tenho até hoje, aquelas pastas transparentes. Ah vamo agora divulgar o movimento por aí né. Peguemo a bandeira e saímo pela região aí. Fazia reunião com os prefeito, falando o que é o movimento. Você s da Cooocassis? Nessa época você já era presidente da Cooocassis? Não, não, eu era catador, a primeira gestão da cooperativa foi um mandato de sete meses, foi o seu Zé Eliel, eu fui e falei eu não ir pra movimento nenhum não, eu fui lá normal mesmo, eu não quero me envolver com nenhuma atividade de nada, não. Mas você se empolgou no movimento? Ah sei lpa, eu comecei, porque assim né, a cooperativa geralmente você, aí eu fiquei como coordenador lá da parte de reciclagem. Tinha o Aduuto que era o coordenador, ele saiu. Aí já falaram, o Aduuto tava como coordenador e ele saiu, você tem que ficar aí como coordenador aí do grupo, aí eu fiquei lá, três anos de coordenador, lá na coordenação, aí comecei a participar de formação do movimento, ir pros espaços de formação, comecei, a primeira formação que teve no movimento foi em 2004, A gente queria fazer tudo ao mesmo tempo, a gente “tava” pensando em fazer rede de cooperativa, rede de comercialização, a gente começou a atrelar muito com a Economia Solidária né, começou a discutir essa questão de... a gente nem falava de contratação, a gente falava de catar mesmo e sobreviver né. E aí a gente começou a falar de comercialização em rede, nossa, a gente falou, aí vamos buscar recursos no governo, aí “comecemo” militar também, aí o governo, ó pra vocês acessar isso vocês vão ter que se capacitar, se fortalecer como movimento e essas ações de vocês. Vocês pedem aqui e as bases que estão lá atrás de vocês tem que estar na mesma sintonia. Porque que eu não quero ver aqui nas mesmas lideranças estando aqui, quero ver outras lideranças, a gente sempre esteve no nosso universo, né, de catação, mais mulheres né. Porque o preconceito da sociedade é muito grande em relação a isso né porque, a mulher, ela tem um filho de seis anos, né, ela não pode trabalhar na casa de uma patroa, ne, porque a criança vai ficar doente, e elas vindo na cooperativa, ,, , a decisão passa tudo pelo coletivo né. Se tem uma mãe com problema, a gente sempre procura primeiro os outros parceiros, tem a secretaria de assistência social, tem a secretaria da educação e a secretaria da saúde, então a

gente sempre vai nesses eixos né. A gente tem lá o CAD Único onde a gente é um público prioritário, que nem quilombola, que nem os índios, a gente tem prioridade, essa prioridade, mas prioridade no dicionário quer dizer, não é exclusividade, mas quase chega a esse nome, se procurar, e aí a gente acaba sendo, quando tem um problema de creche, a gente vai direto na fonte, na secretaria falar que tem um problema assim, assim e assim, e a secretaria procura responder né, e aí as pessoas, e aí as mulheres em uma cooperativa, acho que, em torno de uns setenta por cento é mulher. Tem uma pesquisa que Ana Maria fez agora que relata bem isso. E aí a gente, a aí fomo pra esse meio. Aí se for olhar também que a maioria das pessoas que estão na cooperativa são afrodescendentes também né, são a maioria. E aí a gente começou a enxergar isso e depois a gente começou a discutir também essa questão da sociedade, o comportamento dela, a gente começou a ver, entender um pouquinho o que é a luta de classes, o que é os outros movimentos, a gente começou a ter uma visão política de como é formada a sociedade. Aí você, a partir do momento que você tem uma base você começa a lutar, né. Bom, tem esses argumentos, então vou começar a lutar, porque eu sei que se eu ficar sentado no sofá assistindo novela da globo eu não vou, né, eu não fazer opinião, se eu não começar a ler, se eu não me capacitar eu não vou conseguir ter argumento pra fazer discussão. Aí a gente começou, aí meu comecei a focar mais nisso mesmo, “ah eu vou pra luta mesmo, porque sentado no sofá a gente não vai fazer nada. Poderia, muitas vezes chegar uma liderança e me acolher, guardar pra mim só o meu conhecimento. Aí eu comecei a me envolver. Depois eu fui pra Cândido Mota, fui pra Palmital, aí fui lá, a gente conversou com os catadores, a gente foi criou conhecimento de eles saírem do aterro, articulemo com a prefeitura, eles saíram do aterro, a prefeitura alugou o barracão, a gente fez o mapeamento da cidade. Depois, a gente foi pra Ourinhos, a gente fez o processo também de articular, pessoal sair do aterro, formar, vamos pras formação de movimento, levamo o pessoal pra formação, naquela época a gente corria atrás das fundações, de mandar ofício, pra conseguir recurso pra ônibus pra alimentação, daí saía só com o dinheiro da passagem e dormia dentro da sede do movimento lá mesmo, fazia o discurso lá, não tinha recurso pra mobilidade. E aí, muita vezes com o dinheiro da cooperativa, o dinheiro de sindicato, alguma coisa pra fazer a mobilidade. E aí começemo a enraizar aí a região. Mesmo processo foi em Maracaí, o pessoal tava no aterro a gente foi lá fazer

o convencimento, o pessoal saiu a prefeitura alugou o barracão. Em Paraguaçu o mesmo processo, saímos por aí na região inteira fazendo militância. Porque assim, qual a ideia de você, quando a gente tava sozinho, a luta era meio isolada, aí começa a aparecer, porque a gente começou a lutar, lutar, começou veio recurso pra alugar esse barracão, arrumar maquinário, aí começou a aparecer, aí a gente começou, aí veio caminhão pra cooperativa, aí o pessoal disse, “é verdade, sem luta, não tem vitória, e a gente nunca pensou no individual, sempre no coletivo, as conquistas nunca foram individuais, sempre foram do coletivo, porque toda vez que a gente sai pra representar a gente sai com esse intuito porque ficam 100, 120, esperando sua devolutiva, então você tem... Aqui na região a gente somos mais de 500 catadores, então a gente quando sai representar a gente tá representando todos esses catadores. A gente participa do movimento. A gente começou também criar a estrutura do movimento, a gente criou a secretaria do comitê, que hoje ela é ampliada né, que a secretaria antigamente, são três, então vamos ampliar a secretaria do comitê pra gente ficar, porque os comitês são independentes né, a gente independente do movimento pra, as ações tem que ter autonomia. A gente falou, “a estrutura do movimento é essa, nós vamos fazer a nossa estrutura diferente, vamo abrir mais, pra surgir mais liderança né, porque ficar focado só na gente. Aí a gente abriu o movimento, aí a gente abriu a secretaria, aí veio a Matilde, aí veio a Claudinha, veio a Erica, veio a Clotilde, veio a Sandra, aí ficou bem aberta a secretaria. Aí começou a ter mais articulação né, a gente começou a participar ativamente das reuniões do movimento aí eu fiquei representando a região sudeste e a Matilde ficou na nacional, porque a gente foi lá pleitear que o movimento tinha que abrir mais né, porque a representação só de homem não dava né. E aí abriu, entrou a companheira Helena, entrou a companheira Matilde, a Regiane, aí abriu mais o movimento. A Marilza do Paraná, a Regiane do Rio, depois a Matilde aqui do estado de São Paulo, mais a Helena que é de Araraquara. Aí a gente pediu essa abertura né, aí o movimento deu essa abertura maior. Mas aí a questão do movimento, a gente sempre, a gente sempre, porque assim, aqui no comitê Oeste Paulista a gente é democrático, tudo o que a gente...a gente nunca decide nada sozinho. A gente foi criar uma associação regional que é a ARCOP pra representar a gente juridicamente, perante as prefeituras, ações, porque a gente tem ações no Ministério Público do trabalho lá em Lençóis Paulista, é a ARCOP que representa,

contra a prefeitura. A ARCOP é Associação Regional dos Catadores do Oeste Paulista, ela que representa os catadores, tá pleiteando agora a questão da ... gente entrou agora com uma ação contra a prefeitura de Lençõs Paulista, a ação contra Prudente, ação, representação no Ministério Público.